

cadernos da **FEI**

Fundação Educacional Inaciana Pe. Saboia de Medeiros

Nº 15 – Janeiro/2013



CADERNOS DA FEI

Publicação da Fundação Educacional Inaciana
Pe. Saboia de Medeiros, mantenedora do
Centro Universitário da FEI e dos institutos
a ele associados: IPEI e IECAT.



Presidente

Pe. Theodoro Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux
Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação da FEI

Fotos

Ilton Barbosa, Setor de Audiovisual da FEI
e Banco de Imagens

*Editado no Centro Universitário da FEI,
Instituição filiada à*



*Associação Brasileira
das Universidades Comunitárias*

Nº 15 - Janeiro/2013

Endereço para correspondência

Setor de Comunicação e Marketing
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901 – Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

ÍNDICE



VOZ DO PRESIDENTE

A Palavra de Deus em uma comunidade orante	08
O sentido do homem, da vida e do mundo.....	11
A FEI e sua missão cultural e evangelizadora	14
Um contemplativo na ação	16
Homenagem aos professores e funcionários.....	18
Apostolado intelectual e a missão da Cia. de Jesus.....	21
A festa da missão reenvia ao serviço da qualidade	22

PALAVRA DO REITOR

Ensinar e aprender nas universidades católicas	28
Um serviço de qualidade a favor da missão	31
Medalha "Ex Corde Ecclesiae"	38

COMPANHIA DE JESUS

A Cia. de Jesus e a 70ª Congr. dos Procuradores	40
O encontro que liberta	46
40 anos de sacerdócio - Pe. Peters	48

ANO DA FÉ

Nova ação evangelizadora	51
--------------------------------	----

FIUC

O tema da fé na universidade católica	54
Novos tempos, novos professores, novos alunos	57
A relação professor-estudante no século XXI	64
Boas práticas em universidades católicas	75

NA LUZ DA ETERNIDADE

Dr. César Tácito Lopes Costa	78
Prof. Luiz Carlos Martinez	79



Apresentando...

Em 2011, as comemorações dos 70 anos da FEI mereceram especial destaque e polarizaram a temática das atividades acadêmicas, sociais e religiosas que aconteceram no Centro Universitário. A releitura de um passado glorioso de desafios e sucessos projetou a grandiosidade do sonho do Padre Roberto Saboia levado à frente pelos seus valorosos sucessores, pelos competentes professores e dedicados funcionários.

Em julho de 2012, por uma semana, a FEI tornou-se o centro de atenção de todas as Universidades Católicas do mundo, ao sediar a 24ª Assembleia Geral da sua Federação Mundial.

Estiveram presentes 280 representantes de 130 instituições de 45 países dos cinco continentes.

As atividades foram realizadas no campus de São Bernardo, nos modernos espaços reformados nos prédios da Reitoria, da Biblioteca e Área de Alimentação.

Confirmou-se o que se previa na edição do ano passado: A FEI tornou-se mais conhecida e admirada ao se projetar no meio universitário de todo o mundo, fazendo jus à condecoração que lhe foi conferida pela Federação com a medalha “Ex corde Ecclesiae”.

Este número de “Cadernos” traz o relato geral do que foi a 24ª Assembleia e algumas palestras que sinalizaram a temática: “Ensinar e aprender na Universidade Católica – Educar e Formar”.

A FEI preparou-se para esse evento no desenrolar das atividades que o precederam e depois nas que se seguiram, principalmente nas celebrações litúrgicas presididas pelo Presidente da Fundação, Padre Theodoro Peters; nos pronunciamentos e intervenções feitas pelo prof. Dr. Fábio Prado, Reitor Magnífico.

Em sua visita anual, o Padre Mieczyslaw Smyda, Provincial dos Jesuítas, voltou a insistir na importância que dá a Companhia à missão no campo do diálogo de grande eficácia com a cultura através das Universidades.

Por sua vez, o Padre Carlos Alberto Contieri, recém-chegado de Nairobi, do encontro do Padre Geral dos Jesuítas com os representantes de todas as Províncias, relatou os principais desafios que a Companhia está encontrando em sua missão e a respeito do seu futuro.

Entre os registros de comemorações de datas festivas e acontecimentos de sucessos institucionais, fazem parte também os que trazem recordações e saudades. É a lembrança de pessoas muito queridas que nos deixaram, como o Dr. César Tácito Costa, membro do Conselho de Curadores da Fundação e o prof. Luiz Carlos Martinez. Duas vidas distintas - um, no jornalismo, outro, na docência; ambos, porém, com o mesmo ideal: trabalhar por um mundo mais humano, justo e fraterno pela competência profissional e testemunho de vida.

Em pleno “Ano da Fé”, ao iniciarmos as atividades de 2013, temos pela frente a “Jornada Mundial da Juventude” que se realiza no mês de julho, no Rio de Janeiro.

Os jovens que virão de todo o mundo trazem os mesmos desejos e sonhos daqueles que todos os dias estão conosco em nossas aulas, laboratórios e departamentos.

Eles dão sentido ao nosso trabalho de ensinar e formar numa instituição jesuíta que se preocupa com a vivência da Fé e a promoção da Justiça, por um mundo mais solidário.

Para isso contamos sempre com a graça e com o apoio uns dos outros.

*Pe. Paulo D'Elboux
Assistente Religioso do Centro Universitário da FEI*

A FEI NA VITRINE DA FIUC



Há três anos, em Roma, o Centro Universitário venceu as eleições para sediar a 24ª Assembleia Geral da Federação Internacional das Universidades Católicas - FIUC, que se realizou de 23 a 27 de julho p.p. Foi desafiadora a competição com outros países e continentes, ficou desafiante para a comunidade

feiana articular-se em vista de um projeto comum para oferecer as melhores condições para que a estadia de reitores e gestores acadêmicos agregasse valor para quem acolhe e para quem visita o País e São Bernardo.

A FEI, através de suas lideranças, foi levantando os dados ne-

cessários para decisões com segurança, sustentabilidade. A reforma do bloco "A" fora retardada pela necessidade de reforço estrutural, oferecendo a oportunidade de uso plural até o início do presente semestre letivo. O seu primeiro andar abrigará, além da Reitoria, coordenações acadêmicas, admi-



nistrativas, comunitárias, o espaço nobre de estudos à disposição dos estudantes. O conjunto ficou pronto às vésperas da abertura da Assembleia da FIUC. A própria Capela transformou-se segundo desejo da Comunidade Acadêmica para tornar-se mais aprazível e confortável para as solenidades de

formatura e outras comemorações do calendário.

Com a estrutura, veio também a dedicação à logística para abrigar evento internacional tão grandioso: preencher as condições necessárias desde a acolhida nos aeroportos, nos hotéis, nos *campi*. A Fundação e o Centro Universitário articularam-se para que tudo superasse em qualidade todas as expectativas. Foi emocionante perceber, no olhar e nos gestos, a pertença de tantos colaboradores capazes de solucionar bem toda e qualquer demanda, tornando agradável a tarefa que esgotaria poucas pessoas envolvidas. A qualidade da comunidade FEI tornou o peso leve, o fardo um prazer. O prédio da Fundação acolheu reuniões preliminares e primeira entrega de credenciais, o *campus* São Paulo sediou a conferência geral e imprensa, o *campus* São Bernardo sediou toda a Assembleia.

Além da infraestrutura, os Coordenadores prepararam-se estudando o perfil das instituições inscritas para tratarem de possível reciprocidade em nossa área de interesse, aumentando a dimensão internacional da Instituição no ensino, pesquisa e projeção social. A FEI falou a linguagem das nações através do português, inglês, espanhol e francês. Dos cinco continentes, de 35 países, 131 instituições, aproximadamente 280 pessoas compartilharam sobre o futuro

na formação da juventude, na busca da cooperação internacional.

A FEI ganhou uma visibilidade interna muito forte, a própria comunidade se reconheceu com uma autoestima muito profunda, capaz de alçar novos voos; uma visibilidade externa porque passaram por aqui pessoas que, motivadas pela FIUC e pelo renome do Brasil, partilharam não só nossa existência de 70 anos, mas o potencial enorme da comunidade e da Instituição. Certamente, foi franqueado um passo muito grande para a geração da confiabilidade necessária e de interesse para a cooperação em nossos projetos.

Foram dias intensos, pairando no ar o espírito universitário de busca de soluções, no diálogo contínuo, na partilha das especificidades de cada cultura, em vista de um grandioso objetivo comum. Finalmente, a FEI ofereceu o espaço para a eleição do primeiro brasileiro como Presidente da Federação Internacional de Universidades Católicas: o Reitor da UNICAP, Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira de Oliveira, S.J. Expresso o meu orgulho de fazer parte da FEI, que assinou com qualidade o evento em que se transformou em vitrine para a FIUC, grande promotora da internacionalização das universidades, a partir de cada cultura e dos interesses de seus projetos.

Pe. Theodoro Peters, S.J.
Presidente da FEI



Pe. Theodoro Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Homilia proferida por
ocasião da abertura
do ano letivo de 2012
na Capela Santo
Inácio de Loyola,
campus SBC,
em 31 de janeiro de 2012.*

A PALAVRA DE DEUS EM UMA COMUNIDADE ORANTE

Irmãos e irmãs,

A paz e o otimismo do Senhor permaneçam sempre com todos.

É um grande privilégio para esta Comunidade Universitária reservar este espaço sagrado em seu *campus*, sinalizando a presença de Deus no mundo. Deus não se limita nem aos instantes, nem aos lugares; para comunicar-se com as pessoas, nem as pessoas necessitam ir e vir para ouvir sua voz, perquirir sua vontade, tomar decisões marcantes para suas vidas.

Em conversa com a Samaritana, documentada no Evangelho, Jesus fala da hora que “virá e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” [João 4,23-24].

A revelação de Deus se faz por meio de Jesus, cuja entrada na vida humana a Igreja celebra no tempo do Advento e do Natal. A celebração faz a memória, recorda e atualiza a origem divina de Jesus e a sua encarnação humana no seio da Virgem.

Um mensageiro de Deus é enviado a uma jovem da cidade

de Nazaré. Seu nome era Maria. Ela conceberá e dará à luz um filho, porá nele o nome de Jesus, que significa que Deus salva. À pergunta de como se fará isto, é dada a resposta. Jesus não será filho de pai humano, apenas de mãe humana. De Maria, a quem Deus cumulou de sua graça, a cheia de graça. Sobre ela virá o Espírito Santo e o poder de Deus a cobrirá com a sua sombra, por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.

O menino nasce em Belém e a atitude dos contemporâneos é muito diversificada. Os pastores se alegram e procuram os sinais de seu nascimento: um menino envolto em paninhos e colocado numa manjedoura. Os magos o adoram tendo seguido a natureza, pela estrela. São sábios que chegam a Jesus pela criação de Deus. O sacerdote Simeão no Templo, a profetisa Ana e algumas pessoas de Israel.

Em contraste com os que se alegram, surge Herodes, sua corte e toda a povoação de Jerusalém que se alarmam, temem a ameaça a sua autoridade e poder, tornando-se sanguinário pela morte violenta de vários recém-nascidos. A ele nenhum sinal foi dado para que identificasse o Filho de Deus, por

isso ele jogou “ou tudo ou nada”, enlutando a cidade de Belém.

A Boa Nova de Deus pela vinda de Jesus comunica paz e alegria aos homens de boa vontade e insegurança, ódio, violência aos homens de má vontade. Jesus pequenino opera um discernimento, será sinal de contradição entre o bem e o mal. O menino cresce em idade, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens. Assim o Evangelista sumariza seus trinta anos em Nazaré. Deste modo ele passou já comunicando a sua santidade aos seus contemporâneos.

Ao inaugurar a sua vida pública, ele fala de Deus, proclama sua Palavra, realiza seus gestos de amor e misericórdia, estando ao lado de quem sofre e sustentando a cada um no seu itinerário de fé em Deus. A todos convida para seguirem seus passos. Deixar o que tinha importância até então, despojando-se de tudo e seguindo-o em seus caminhos e serviços.

Hoje, o Evangelho nos coloca diante de Jesus que desembarca atraindo uma multidão do povo que o buscava junto à praia. Ele é abordado por um chefe da Sinagoga, seu nome é Jairo. Sua filhinha está à morte. Ele, aos pés de Jesus,



suplica para que ela não morra e viva. Jesus passa a acompanhá-lo. E é interrompido porque, no meio da multidão, sentiu que alguém tocou na fímbria de suas vestes. Era uma mulher com hemorragia contínua, sofrendo durante 12 anos a doença e gastando seus recursos com os médicos, sem recuperar a saúde. Jesus disse: “alguém me tocou”. Olha em redor, procurando a pessoa para que saísse da multidão em que estava refugiada.

A mulher sentira imediatamente que estava curada de sua enfermidade ao tocar na roupa de Jesus. Confusa, ela se joga a seus pés e lhe conta toda a verdade. Jesus lhe diz: “filha, a tua fé te salvou, vai em paz e fica curada desta doença”. Jairo foi testemunha do milagre operado

por Jesus: confirmou a mulher na fé, comunicou-lhe a paz, despediu-a curada da doença.

Simultaneamente, recebe a notícia da morte de sua filha. Diante do choque para o pai, Jesus lhe diz: “Não tenhas medo. Basta ter fé!”, e retomou o caminho para a casa dele. Lá chegando, encontrou as carpideiras, a tristeza diante da morte prematura da menina. Ele afirma que ela não morreu, entra na intimidade da família com o pai e a mãe, Pedro, Tiago e João. Pegou na mão da menina e disse: “Levanta-te”. Ela se levantou, começou a andar e Jesus mandou que lhe dessem comida.

A multidão e a parentela na porta da casa não participaram; apenas os pais e os três discípulos presenciaram a ação salvadora de Jesus. “Não

tenhas medo. Basta ter fé, Jairo”. Jesus atendeu ao seu pedido, foi à sua casa, impôs sua mão sobre a menina, libertou-a da morte, deu-lhe a vida.

O evangelista apresenta dois milagres, mostrando a presença de Deus na vida e na ação de Jesus. Ele é a boa nova de Deus para a Humanidade. Jesus é o Evangelho de Deus.

O livro de Samuel retratou uma situação trágica na vida do rei Davi. Ele havia pecado contra Deus, destruído uma família cobiçando a mulher de seu oficial. Através do profeta Natan ele foi perdoado por Deus, mas advertido que o castigo seria que o sangue correria em sua família pela revolta de seus filhos pelo poder real. Que ele seria envergonhado publicamente. Ele pecara às ocultas, porém à luz do

sol seria roubada a sua família. Os usurpadores profanariam o seu lar, como ele também fizera.

Neste contexto, é descrita a situação de seu filho Absalão, que lhe tomara o poder e que, na reação armada ao fugir das tropas do pai, havia se enroscado num carvalho e ficara pendurado pelos cabelos, vulnerável às lanças de seu comandante Joab, sendo transpassado. A notícia da morte de Absalão terminou a contenda, razão de alegria para as tropas de Davi e de luto para os seguidores do príncipe Absalão. A boa nova foi anunciada a Davi que não se alegrou, porém chorou pela morte do filho querido, exclamando: “meu filho, meu filho porque eu não morri em teu lugar?” E a vitória daquele dia se tornou

luto de dor, do pai pelo filho.

O redator mostra que a boa notícia dada a Davi, não foi uma boa notícia para o seu coração paterno, contrastando com a Boa notícia de Deus, o Evangelho de Deus, Jesus entre nós.

O Salmo apresenta a pessoa sofredora motivando a Deus para escutar sua súplica e lhe socorrer na sua pobreza e infelicidade, no lamento de sua oração. O grande argumento é ser amigo de Deus, confiar na sua providência, reconhecer a sua fidelidade. Coloquialmente, pede que Deus o anime e alegre.

A escuta da Palavra de Deus em nosso Centro Universitário consolida-nos como comunidade. Comunidade orante, desejosa de testemunhar a sua fé. Comunidade

atuante na cultura e no serviço intelectual, empenhando a todos a desenvolverem plenamente a própria inteligência, capacidade de raciocínio, expressão dos conhecimentos, criando novas maneiras de estudar, pesquisar, melhorar a vida de nossa região e País.

A força da Palavra de Deus necessita deste nosso espaço sagrado para que, atentos aos caminhos e processos indicados por ela, iniciemos um novo ano de paz, justiça, qualidade em todo nosso ser e fazer. Que Jesus seja nosso caminho, luz e inspiração. Que Ele seja percebido na novidade do ano 2012, recém-iniciado, para nos surpreender com desafios, avaliações, novidades, rotina e invenções.

Assim seja. □

* * *



O Símbolo da Companhia de Jesus (IHS)

IHS é a abreviação do nome de Jesus em grego ou da escrita latina do nome como se usava na Idade Média: Ilhesus. Trata-se de um trigramma cristológico propagado no século 14 pelo pregador São Bernardino de Sena. No século 16, foi retomado com a significação de “Jesum habemus socium”, que quer dizer, em português, “Temos Jesus como companheiro”.

Depois de São Francisco de Assis, Santo Inácio de Loyola foi quem mais contribuiu para a difusão do monograma. O fundador da Companhia utilizou o símbolo no início de suas principais cartas e escritos. Em forma impressa, usou o IHS como carimbo das principais publicações – por exemplo, na primeira edição do livro dos Exercícios Espirituais e, também, no carimbo oficial da Ordem.

Fonte: <http://www.jesuita.org.br/o-simbolo-da-cia-de-jesus-ihs/>.

O SENTIDO DO HOMEM, DA VIDA E DO MUNDO



Irmãos e irmãs,

Como é bom manter o nosso encontro de abertura do semestre nesta nossa Capela dedicada a Santo Inácio após a reforma, para que a Comunidade Acadêmica estivesse comodamente instalada para celebrar os momentos marcantes de nossa agenda de vida e serviço.

O Pe. Aldemar Moreira desejou intensamente construir esta Capela, dedicando-a ao fundador da Companhia de Jesus. Desejava, assim, como escreveu em 1977, que:

“O trabalho da educação terá de elevar-se até Deus. Na vivência dos valores cristãos inseridos no homem, na mensagem e na doação de si mesmo, até mesmo na cruz assumida pelo próprio Cristo, se fundamenta a resposta angustiante ao problema de solidarizar a humanidade, isentando-a do ódio e da violência ou da luta de classes incapaz de colocar o homem na sua verdadeira história. É o que está inscrito na construção da Capela de Santo Inácio.”

O então Presidente legava a toda a Comunidade Universitária a verdadeira referência para a elaboração de projetos, para a tomada de decisão: a espiritualidade pela qual Inácio atingiu os píncaros da santidade, o discernimento espiritual da vontade de Deus.

Inácio fez escola na Igreja, reuniu estudantes da Universidade de Paris para com ele exercitar-se na busca

VOZ DO PRESIDENTE

*Homilia proferida por
ocasião da Missa Festiva de
Santo Inácio de Loyola
na Capela Santo
Inácio de Loyola,
campus SBC,
em 30 de julho de 2012.*

dos caminhos de Deus que se comunica com cada pessoa, revelando-se e deixando-se encontrar. A forte presença de Inácio na ação missionária da Igreja, através das obras inspiradas na sua maneira de proceder, quer permanecer ajudando as pessoas na descoberta do sentido de suas vidas e de seus projetos.

Inácio é um homem prático. Quer conhecer a si mesmo e as motivações que o impulsionam em suas ações. Homem generoso, capaz de grandes gestos, quer oferecer sua fidelidade ao próprio Deus e, através de seu serviço, a toda a humanidade. Sonhador em suas divagações, acurado nas suas escolhas, consegue aliar o particular de sua ação com o universal serviço de Deus, ajudando as pessoas a ultrapassarem limites conhecidos pela capacitação para novos empreendimentos.

É fundamental para Inácio a conscientização motivadora de cada atitude, decisão, ocupação do tempo. Ele deseja, com seus talentos, promover a maior glória de Deus porque descobriu que o ser humano, ele inclusive, é criado para amar, servir e louvar a Deus, com sua vida e em sua vida. A sua certeza é tão forte que se projeta como seu carisma próprio, que ele lega com seus companheiros para a Companhia de Jesus.

A presença desta Capela quer propor a todos o ponto de partida da Companhia de Jesus, ao nascer em centro prestigioso da cultura

européia, para se inserir nas mais variadas culturas através da educação e da promoção social. Uma ordem religiosa clerical que exerce um ministério instruído para ultrapassar a superficialidade geral e atingir a profundidade intelectual e espiritual de Inácio.

A espiritualidade exigiu de Inácio dedicar-se intelectualmente para qualificar-se em vista de exercer o seu ministério. Não é sem razão que os missionários jesuítas envolvem-se em todas as culturas com centros de vida espiritual e intelectual. Inácio fez de sua vida exercício do ensino, pesquisa, extensão e projeção social. Ensino, porque sentia que Deus o ensinava e conduzia como um mestre conduz seu discípulo, como um pai conduz pela mão os passos trôpegos do filho pequeno. Pesquisa, porque buscava as razões pelas quais os vários espíritos povoavam sua mente, com efeitos contraditórios e oponentes.

O gosto pela aventura em si, a satisfação pela orientação em dedicar-se ao bem comum, as saudades da corte da qual estava privado em razão da enfermidade que o enclausurava num quarto, a felicidade ao imaginar-se conquistando reinos e cidades para a causa de Cristo. De Cristo como chefe verdadeiro que tudo partilha com os companheiros apóstolos de então e, atualmente, com os convidados para ajudarem em sua missão hodierna.

Sente que Cristo continua chamando, convidando, convocando. Descobre que nem tudo são flores. A adesão a Cristo e a seu Reino não é geral. Há adversários, oponentes. Nestes quadros bem anotados, Inácio percebe incidências em si mesmo. Sua mente, a mente do próximo, tornam-se o grande laboratório no qual duelam espíritos que o conduzem à vida verdadeira com os que o desviam do caminho. Descobre clarividências misturadas com ilusões.

Distingue o que perdura e o efêmero. Anotando o que se passa em si, consegue formatar a sua tese: ele é capaz de perceber a graça de Deus atuando em si e no mundo. Esta convicção o levará a colocar tudo por escrito em diário e em seu livro "Exercícios Espirituais", porque está convencido que sua experiência pode ajudar ao próximo.

Assim, do ensino e da pesquisa, Inácio se envolve na projeção social, que, por sua vez, exigirá os títulos universitários para que possa ser reconhecida e respeitada a sua autoridade. Inácio, guiado pela luz do Senhor, torna-se autor de um modo de avançar na espiritualidade. Método que depois seria reaplicado nas experiências pedagógicas, gerando a pedagogia inaciana que todos nós procuramos desenvolver com nosso empenho envolvente e participação comunitária neste Centro Universitário.

Hoje, a Palavra de Deus pedagogo-

gicamente nos fundamenta na percepção dos reais valores da vida humana e cristã. O profeta é Jeremias. Ele apresenta uma alegoria para que o povo reflita e tire conclusões. O cinto de linho é algo muito sagrado para um sacerdote. Ele deve comprar um cinto, usar sem lavar, de modo que o tecido fique impregnado de seu suor durante algum tempo.

A seguir, deve dirigir-se ao Rio Eufrates e, numa fenda da pedra, esconder o cinto de linho. Passado mais algum tempo, deve ir buscar o tecido que está apodrecido e inutilizado. Diante dos interlocutores que estavam embasbacados com o proceder do profeta, ele faz uma denúncia sobre o comportamento do povo em relação a Deus. O povo recusou-se a ouvir as palavras divinas, o povo convive com a maldade no próprio coração, o povo aderiu a outras divindades, dividindo, compartilhando o coração entre o Deus verdadeiro e ídolos feitos pelas mãos humanas.

Portanto, conclui o profeta, falando em nome de Deus: assim como o cinto se une aderindo à cintura humana, assim Deus desejou que seu povo se unisse a Ele e, pela observância de sua Palavra, honrasse o próprio Nome. No entanto, o povo não ouviu a voz do Senhor



Santo Inácio de Loyola
Por Camillo & Giuseppe Rusconi em 1733
Basilica de São Pedro - Vaticano

e deixou apodrecer o elo da aliança com Deus. O profeta vai mostrando que o povo, com a própria força, não consegue aderir a Deus. Necessitará de um coração novo, de um novo espírito capaz de distinguir as exigências da consagração a Deus.

O livro do Deuteronômio traz um discurso de Moisés ao povo, também querendo levar à conversão. Porque as pessoas haviam se esquecido de Deus que os gerou como nação, Ele, a Rocha de segu-

rança, não foi lembrado. O pecado é o esquecimento de Deus, é não se lembrar de sua ação na vida de seu povo e na nossa.

O Evangelho de Mateus apresenta Jesus revelando em parábolas as coisas escondidas desde a criação do mundo. Trata-se do anúncio do Reino de Deus. Está presente no mundo na simplicidade do agir divino, qual pequenina semente de mostarda lançada à terra, o coração humano, para germinar e acolher generosamente os pássaros, as pessoas; qual levedo oculto na massa humana, fazendo crescer a qualidade de vida, capaz de transformar a humanidade. Trata-se do impacto da influência dos verdadeiros discípulos de Jesus anunciando um Reino que parece irrisório, que é, porém, de uma fecundidade portadora de sementes e frutos, de uma energia envolvente da força de Deus na vida humana.

Que possamos progredir, construindo a esperança recebida com nosso testemunho e vontade de ajudar a Deus na formação da juventude, na procura e descoberta da verdade, na certeza de que a vida tem sentido. Continuemos recebendo as atrações divinas para nossa felicidade e realização plena nesta vida e na eterna. ▢

*Homilia proferida por
ocasião da visita do
Pe. Provincial na FEI,
na Capela Santo
Inácio de Loyola,
campus SBC, em
10 de setembro de 2012.*



A FEI E SUA MISSÃO CULTURAL E EVANGELIZADORA

Irmãos e Irmãs,

A nossa comunidade universitária reúne-se em oração para, diante do Senhor, acolher o Pe. Provincial que nos visita. Sua visita é uma confirmação na nossa missão cultural e evangelizadora através da formação universitária.

A nossa acolhida, reciprocamente, é motivadora para o exercício de sua missão. Sua agenda acolheu nossa vontade de ajudar, colocando à disposição, através do diálogo, a própria missão da Companhia de Jesus no Brasil. Sua autoridade religiosa é reconhecida, razão pela qual a sua entrada em nosso *campus* universitário é através da Capela Santo Inácio, lembrança perene das motivações institucionais comunitárias, acadêmicas, culturais e espirituais.

Nosso labor é no campo da ciência, da pesquisa, do bom rela-

cionamento interpessoal, visando a excelência como marca fundacional. Muitas pessoas passaram deixando sua assinatura, criando a sinergia para a marcha para o futuro.

Destaco apenas duas personalidades, através das quais tantos colaboradores aderiram ao projeto de formar jovens para o Brasil e para a humanidade: Pe. Roberto Saboia de Medeiros, visionário fundador, e Pe. Aldemar Pasini Moreira de Souza, consolidador. Ambos, por desejo expresso da comunidade, repousam ao lado do altar. Sentinelas, vislumbrando o futuro sempre aberto ao Evangelho e à excelência humana.

Quando aqui nos reunimos, há uma aparente impressão de que tudo está feito, bem feito, eficiente e fácil. Porém, Saboia segue assinando: “o que falta me atormenta”. Assim, os textos da Escritura proclamados nesta manhã adquirem toda

a sua pertinência.

Jesus, no Evangelho, é o centro das atenções e da controvérsia com seus contemporâneos e compatriotas. A religião, a fé, a tradição fazem parte da cultura.

Qual a sua finalidade? Como é possível serem construídos argumentos em detrimento do bem comum e pessoal em tantas circunstâncias? Há limitações para a prática da bondade colocadas pelo próprio Deus, Pai das Misericórdias? Como esclarecer a nossa consciência diante de possíveis desculpas para a impassibilidade diante do sofrimento de outrem? Os pensamentos que paralisam a ação provêm de Deus como inspirador ou brotam da incompreensão e limite da própria pessoa?

O sábado era um dia sagrado, dedicado ao próprio Deus. Era o dia consagrado à escuta de sua Lei e do testemunho de seus profetas. O



lugar do culto era a sinagoga. Neste dia, nela estava presente Jesus. Jesus ensinava nas sinagogas, interpretava a Palavra de Deus, revelava mistérios escondidos desde a origem do mundo. Deus ama todas as pessoas, Deus quer a felicidade de todos os seus filhos, Deus promove o Bem e combate o Mal que surge no próprio coração humano.

Na assembleia há um homem com grave defeito na mão direita. Jesus não ficava indiferente à situação pessoal dos que a Ele acediam. Jesus é conhecido demais, começa a ser vigiado, espionado para detectarem seus movimentos e ações para acusá-lo diante das autoridades supremas.

Jesus, pela sua palavra, testemunhava a intenção divina; pela sua ação, garante que Deus está presente entre nós. Seus milagres explicados são a lição do Mestre para casa. Jesus toma a iniciativa, parte para o confronto de pareceres. Ostensivamente, chama o homem enfermo para o centro das atenções. "Levanta-te e fica aqui no meio!".

Desafia os presentes, revelando as más intenções de seus corações com a pergunta: no sábado pode-se fazer o bem ou o mal? Pode-se socorrer uma pessoa enferma para que sua plena saúde se restabeleça, ou não? Pode-se acudir a um ferido, ou deixá-lo sofrendo. Não atender a uma pessoa ferida é um mal muito grave. Não socorrer uma pessoa atropelada é omissão, covardia, é fuga da realidade responsável. Salvar uma vida ou deixá-la perder-se?

Jesus instiga seus interlocutores dizendo ao homem: "estende a tua mão!" E o homem ficou curado, na sinagoga, em dia de sábado, com a palavra de Deus que vem salvar e libertar de toda enfermidade e sofrimento humano.

O milagre demonstra o modo de proceder de Deus. Jesus é o intérprete de Deus. Diante de sua manifestação, há alegria entre tantos presentes; entretanto, mal intencionados, alguns, por falta de argumentos válidos, reagem com rancor, conspirando o que fazer com Jesus.

A carta de Paulo aos Coríntios

trata de uma situação escandalosa que ficara oculta, camuflada em sua contradição com a vida nova que a ressurreição de Jesus instaurou na Terra e à qual todos os batizados têm acesso. Vida nova, modo de agir novo, conforme o Cristo anunciou.

O caso é de um incesto interdito pela legislação pagã e pela judaica. Um homem vive com a própria madrasta e parece tudo muito natural. Paulo denuncia a situação e afirma que esta atitude significa o rompimento com o mandamento divino. A pessoa saiu voluntariamente da aliança, da comunhão com Deus. Que a situação pública seja validada juridicamente, que permaneça fora do acesso à comunhão eclesial, se perdurar tal situação. Que seja entregue às próprias forças até que Deus o convença da melhor atitude a seguir.

A pena de exclusão da comunidade da qual Jesus é o Senhor, visa o seu arrependimento, para que o pecado grave não se alastre, fermentando toda a massa eclesial. Paulo compara o fermento que leva à corrupção ao ázimo que é destinado à incorruptibilidade graças à força da ressurreição de Cristo.

Irmãos e irmãs, a palavra de Deus deseja o confronto entre as nossas atitudes ante a intenção divina de santificar-nos dando a cada um a plena participação em sua Comunhão Eterna. Que seu Espírito guie nosso espírito para o verdadeiro discernimento de sua vontade. Amém. ▢

*Homilia proferida por
ocasião da Missa de Sétimo
dia do Dr. César Tácito
Lopes Costa.*



Irmãos e irmãs,
Formamos uma comunidade de fé e de esperança para orarmos ao Senhor da vida em sufrágio da alma do Dr. César Tácito, que encerrou sua vida terrena. Nossa prece tem lugar nesta artística Igreja dedicada a Nossa Senhora do Brasil, na qual o Dr. César participava ativamente acolitando ao sacerdote na celebração da Eucaristia. Muitas vezes celebrando neste altar, a sua presença prestativa e atenta muito me impressionou.

Dr. César era um homem lúcido na fé católica herdada em seu batismo, considerada o maior dom recebido de Deus, graça que abriu a perspectiva de contemplar a realidade, sua vida e as circunstâncias nas quais estava envolvido à luz do olhar do próprio Deus. Era um homem contemplativo na ação. Sua formação cristã iniciada em família, acrescentada no convívio e familiaridade com a Companhia de Jesus, marcou profundamente sua vida e suas opções através da experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Seu currículo indica sua for-

mação em filosofia, teologia e direito, que embasou sua atuação profissional como jornalista e homem de conselho e de decisão. Cada um de nós conviveu com ele; certamente guardamos na memória elementos marcantes de sua palavra e atitude correta bem discernida.

Pessoalmente, conheci Dr. César nos anos 70, quando seus filhos frequentaram o Colégio São Luís, participando das atividades comunitárias do Colégio, da associação dos Antigos Alunos da Companhia de Jesus e de reuniões de pais e mestres.

Profissionalmente, convivemos desde 1997, quando fui eleito para o Conselho da FCA hoje FEI. Neste ano, em julho, ele viera como representante do então presidente da FCA, P. Aldemar Moreira S.J. a Recife, para a comemoração de bodas de prata de minha ordenação sacerdotal, ocasião em que precisou retornar incontinenti após a celebração pelo óbito do P. Moreira.

Desde então, ininterruptamente contei com sua participação no conselho de curadores da Fundação.

Homem discreto, atento, pertinente. Sabia ouvir, processar as informações e intervir nas reuniões com a convicção das pessoas que sabem comunicar consolação a todos nos momentos de busca de soluções para o bem comum da Instituição. A FEI lhe rende homenagem como conselheiro leal, cuja presença, pontualidade e conversa interessante sobre qualquer tema sacramentavam a seriedade e a profunda consagração de todos em vista da melhor formação para a juventude universitária. Com seu incentivo e apoio, foi possível avançar sem retroceder.

Normalmente, abríamos as nossas reuniões com um momento de oração meditação e lhe era pedido que, com sua voz clara e com a boa dicção, procedesse às leituras escolhidas, ajudando-nos com a autenticidade com que o fazia de bom gosto. Assim, me parece render-lhe a melhor homenagem que nesta celebração à sua memória procurássemos perceber as luzes e inspirações que a Palavra de Deus proclamada oferece para o nosso

caminhar na fé, dom de Deus para a nossa caminhada terrena rumo à salvação eterna.

A segunda carta de São Pedro nos exorta com toda a confiança a descobrirmos a graça divina que nos foi concedida por Deus através de Jesus Cristo. Descoberta que leve ao pleno conhecimento do amor de Deus por nós, dando-nos seu Filho Jesus como Salvador. A fé é o modo de ver a vida como Deus a vê, por isso o apóstolo nos diz que a fé leve ao amor para com todos os semelhantes. O amor de Deus se revela em Jesus crucificado e ressuscitado para que todas as pessoas possam caminhar como Jesus caminhou, iluminando os caminhos com o testemunho com que Deus nos amou, para que pudéssemos amar ao próximo como a nós mesmos.

O Evangelho de São Marcos nos apresenta uma parábola envolvente. O capítulo anterior ao que foi hoje proclamado apresentava Jesus diante dos doutores da lei, sumos sacerdotes e escribas que lhe pediam justificação sobre com que autoridade agia como agiu no Templo, expulsando os vendilhões com um chicote. Jesus lhes redarguiu: antes de responder, perguntou a todos se o batismo de João era dos homens ou era de Deus.

Embaraçados não responderam, porque se dissessem que era de Deus deveriam explicar porque não acreditaram em João Batista, se respondessem que era dos ho-

mens seriam linchados pelo povo que considerava João um profeta enviado por Deus. Jesus continua a conversa através de uma parábola na qual fala de viticultura, de arquitetura e de salvação. A parábola é um apelo à entrada no Reino de Deus. Os que ficam fora demonstram um coração endurecido, um pensamento que rejeita o apelo e convite feito por Jesus. Os que se abrem a uma escuta criativa caminham com Jesus os caminhos do Reino de Deus.

O dono da propriedade planta uma vinha, prepara com detalhes a construção de uma torre de vigia, um lagar para depositar as uvas, arrenda a propriedade para ser cultivada e parte para o estrangeiro. Na época da colheita, envia seus representantes para receber a parte que lhe era devida. O primeiro foi maltratado e mandado embora. O segundo foi desonrado pelo golpe na cabeça e na face e mandado embora. O terceiro foi espancado e assassinado.

Outros que foram enviados também por sua vez foram espancados ou mortos violentamente. O homem decide enviar o seu filho querido, julgando que seria respeitado. Ensandecidos, disseram: "vamos ficar com a herança do herdeiro". Levaram-no fora da vinha e o mataram. O que fará o pai, com estes malvados que, além de não pagarem o acordado no arrendamento, ainda o afrontaram através de seus enviados e de seu próprio filho? Serão julgados, castigados, punidos com a morte.

A violência que geraram se voltará contra eles. E a vinha agora não será arrendada, será dada a outros vinhateiros para que a façam produtiva.

O novo tipo de contrato realizado e o elo com o salmo e a parábola se dão pela rejeição. Como os profetas enviados ao povo foram rejeitados, perseguidos, martirizados, Jesus explica que o herdeiro, o filho bem amado, o próprio Jesus é a realização do salmo: a pedra que os arquitetos desprezaram tornou-se a pedra angular da construção do Reino de Deus.

O tom pessimista se modifica com a conclusão otimista, maravilhando-se com as obras do Senhor. Com o agir de Deus salvador. As autoridades sentiram a parábola como um ataque de Jesus. Mas, sendo reveladora das atitudes, pode levar a uma conversão, uma mudança de atitude. A parábola descreve a morte de Jesus. Jesus responde à questão da autoridade com que procede de maneira indireta pela parábola: a autoridade pela qual age é a da pedra rejeitada que se torna angular, uma ação expressando a obra maravilhosa de Deus reconhecida pelos olhos capazes de ver quem é Jesus.

Caríssimos irmãos e irmãs, peçamos que Deus nos conceda sua clarividência para aderirmos de coração e com toda coragem à revelação que realiza em nossas vidas pelo dom da fé e da esperança para chegarmos a amar ao próprio Deus e ao nosso semelhante como Ele nos amou. Amém. ▢

HOMENAGEM AOS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

No dia 30 de janeiro, às vésperas do início do ano letivo de 2012, todos os segmentos da Comunidade Universitária estavam presentes no jantar festivo oferecido pela FEI. Nesta ocasião, foram homenageados os antigos professores e funcionários, como reconhecimento por tantos anos de trabalho e dedicação.

Pronunciamento no jantar festivo oferecido aos antigos professores e funcionários da FEI em 30 de janeiro de 2012.

Senhoras e senhores, colaboradores docentes, pesquisadores, funcionários e alunos da FEI,

Expresso a todos as melhores boas vindas e ótima participação na alegria institucional da festa dos nossos setenta anos de existência. A noite é de festa, de celebração, de agradecimento.

A nossa instituição nasceu em 1941. O Pe. Saboia, com muitos colaboradores, sonharam o Brasil bonito, construído pelo seu povo e construindo o seu povo. O mundo sofria pela falta de paz, pela guerra

predatória e prepotente. Havia muita carência, era preciso acordar na realidade, ocupando espaços lucidamente. Era necessário conciliar a realidade com o sonho, a limitação e a superação, métodos e técnicas, projetos e metas.

Pe. Saboia aliava sua personalidade ativa a uma sólida formação intelectual. Homem de palavra capaz de entusiasmar, comunicando vida. Frequentou faculdades conceituadas. Saiu-se bem nos estudos a ponto de sentir o desafio da gratidão para retribuir o que recebera de sua família (a educa-

ção esmerada), da Companhia de Jesus (a experiência e a mística de um corpo universal), da Igreja (o ministério sacerdotal para proclamar o Evangelho e ministrar os sacramentos, sinais da conciliação da humanidade com Deus) e da Sociedade, na qual tantas instituições culturais se inserem, comunicando valores e gerando atitudes de vida.

Só, ele não poderia fazer muito além de legar sua ação, testemunho e vida. Necessitava de interlocutores para aprofundar sonhos, relativizar expectativas, concretizar projetos. O início de algo que veio para ficar, a FEI, necessitava alicerces indestrutíveis, que o tempo não apagasse nem embaçasse o viço.

Saboia expressava fé na vida



de qualidade, esperança na terra, olhando para o céu, praticava a caridade para amar a humanidade. Que os novos céus e a nova terra, profetizada por Isaías, João, Paulo, chegassem com a plenitude do Reino de Deus.

A dedicação foi se concretizando na certeza de que a qualificação da humanidade passava pela formação da juventude. A atitude pessoal foi se traduzindo institucionalmente. Agindo no tempo presente e constituindo seu legado, dando o melhor de si para ultrapassar o tempo geracional de uma pessoa.

A grande inspiração foi, para ele, a pessoa de Jesus. "Jesus passou pela vida fazendo o Bem". Incansável, peregrinou pela Palestina, marcando no tempo humano a escala da eternidade, aspiração original humana. Jesus repartiu o Bem recebido de Deus. Abriu-se a todas as pessoas como convite para o acesso à graça de Deus. Jesus derramou a graça de Deus, Ele o cheio de graça. Filho muito amado, revelador do mistério de Deus. Je-

sus se apresentou como Verdade e Vida. Como chegar à Verdade pelo conhecimento humano? Como perceber o alcance pleno da vida?

Seguindo o movimento de seu tempo, Saboia decidiu que a instituição universitária constituiria o ambiente sadio, reunindo sábios e aspirantes ao conhecimento. Com plena autonomia, avançariam pela estrada do conhecimento, construiriam metodologia científica para embasar a expressão da verdade descoberta.

A verdade, a sua busca, é o fundamento da autonomia da universidade. A universidade católica busca a verdade e, ao mesmo tempo, sabe que Jesus Cristo é a plenitude da verdade. A procura da verdade tem a segurança de vislumbrar o seu encontro. O alcance da vida se expressa na procura incessante da própria origem da vida. Quem tem a vida em plenitude para partilhar é o próprio Deus. A universidade

católica caminha à luz da razão iluminada pela luz da verdade e da vida. A brecha pela qual o serviço à verdade e à vida se concretizaria: a necessidade do Brasil de formar gestores, administradores, engenheiros, que agregassem em seus currículos a versatilidade necessária das ciências aplicadas à vida humana e social, política e profissional. Assim Saboia descobriu como repartir o bem recebido, abrindo-se para os outros no seguimento do Mestre Jesus.

Com seus colaboradores e cooperadores influiu na vida geracional. Bom agricultor, semeou em São Paulo a instituição de ensino superior focada na administração e na engenharia, à similitude de árvore de estirpe, qual autêntico cipreste, cedro, carvalho com potencial genético centenário, milenar. A semente tem seu segredo da vida que cresce na terra.



VOZ DO PRESIDENTE

A universidade cresce em sua comunidade, buscando conhecimento milenar, disponibilizando-o às gerações de estudantes, incentivando o desabrochar de novos talentos para a descoberta da rota além da fronteira do saber conhecido. A universidade verdadeira não apenas guarda, mas incentiva o caminho para a criação de novas invenções científicas, que através de patentes, serão colocadas à disposição da comunidade humana.

Saboia soube dar vida pública à riqueza de seu interior, sua espiritualidade se transmitiu. Jesus afirmava que o Pai trabalhava sempre, estava agindo no mundo. Como agricultor, o Pai lança sua Palavra qual semente na terra para germinar. Terra que é o coração, a mente, a vontade humana de cada pessoa. Semente que cresce gerando vidas e frutos onde for plantada, cultivada. Vidas que se tornam sacramento

para a sociedade. Frutos que são valores, valores que valem a vida com produção contínua, dedicação profissional, doação do melhor de cada um: conhecimento, atitude, cabedal, testemunho de vida em serviço para que, pela juventude, melhore São Paulo, Brasil, toda humanidade.

O bem universal proporcionado pela instituição de ensino superior se vai realizando pela adesão dos colaboradores: professores, pesquisadores, funcionários técnico-administrativos, estudantes, famílias, vizinhos.

A festa de hoje celebra a resposta, a aderência de tantas pessoas que, ao longo destes anos, estiveram ao lado, pelejando para que a pequena semente germinasse, crescesse, se consolidasse. Os senhores e senhoras aqui presentes e agraciados representam a multidão das pessoas que passaram pelas nossas cátedras, laboratórios, escri-

tórios, oficinas, quadras esportivas, capelas, bibliotecas, salas de aula e de estudo, espaços de descanso e de lazer. Muitos fizeram parte, nós continuamos a participar de um projeto que nos ultrapassa, desafiando a todos na superação das atividades presentes, visando o futuro para qualificar as gerações que aqui são recebidas.

O projeto de Jesus, de alcance universal, visando toda a humanidade, despertou seguidores, os discípulos e os apóstolos. Jesus não disse a cada um deles o que fazer, mas propôs o caminho da verdade e da vida. O projeto do Pe. Saboia, ao seu modo, também suscitou colaboradores e, igualmente, propôs o caminho para o futuro do Brasil bonito, construído pela qualidade de seu povo e construindo seu povo com qualidade.

Agradeço a presença de todos os senhores e senhoras e a atenção que me dispensaram. Em nome da FEI, o meu reconhecimento e gratidão. □



APOSTOLADO INTELECTUAL E A MISSÃO DA COMPANHIA DE JESUS

VOZ DO
PRESIDENTE

Saúdo a todos os que puderam acolher o convite do Reitor para partilharem este momento com o Pe. Provincial, que, no exercício de suas funções, nos visita. Pe. Smyda faz parte da nossa paisagem, sinalizando caminhos para que nossa missão intelectual e pedagógica cresça em qualidade e eficiência.

A Companhia de Jesus deseja oferecer a todas as pessoas a participação na atividade evangelizadora para que possam acolher a mensagem de Jesus, em cuja proclamação Ele se manifesta no milagre da transformação de atitudes diante de si mesmo, do próximo e para a sociedade. Jesus lança desafios para superar as realidades vividas a fim de que cada pessoa possa oferecer a certeza da graça recebida para comunicar aos outros.

Este processo é parte da nossa comunidade universitária. A universidade é o centro de convergência de especialistas e intelectuais que, por sua vez, atraem a juventude para formar-se em vista de seus projetos pessoais e profissionais. Dirigindo-se à nossa Instituição, o estudante recebe o acesso a toda informação disponível em tempo real, a lógica do aprendizado como parte de seu viver, a atuação em laboratórios com instrumentos de alta geração, a atenção como

parte ativa no desenvolvimento da ventura de conhecer e criar conhecimento teórico e instrumental.

Para isso, além de falar com pertinência, escrever com acribia, relacionar teoria e prática, preparar-se para as surpresas e o desconhecido, descobre que há um espírito presente animando a todos. Sim, a FEI tem



alma, indica uma convergência para todos os que nela passam, desenvolvem seus talentos, interagem em grupos de estudos e trabalhos, consultam seus colegas e orientadores.

A comunidade acadêmica visa resultados significantes para a vida de todas as pessoas, o crescimento do bem comum, o bem estar de toda a sociedade. A comunidade da FEI é risonha, acolhedora, séria. Tem o seu norte bem referenciado. Sua luz orientando as diversas navegações pelo oceano do mundo do saber e do viver. Surpresas, perigos, riscos dos "mares dantes nunca

navegados" fazem parte da vida e da missão universitária. A bússola indica o caminho para o homem e a mulher, perfeitos na intenção criadora, partilhando todos os dons divinos transcendência, eternidade. Porque Deus tomou a iniciativa de vir ao encontro da humanidade, a própria humanidade recebe, através de Jesus, acesso à sua intimidade.

A revelação divina encerrou-se com o Evangelho de Jesus, através do qual aparece uma digital nova, a do crer ajudando a articulação do pleno significado ao viver, conhecer, fazer humano. Digital que garante um espírito novo, comunitário, capaz de avançar e dar acesso ao avanço de cada um conforme sua velocidade, cultura, origem. É o que se chama de espiritualidade aqui vivida e promovida pelo trabalho científico, intelectual, com alta qualidade. É assim a assinatura de nossa vida pessoal, profissional, profundamente humana, porque desejamos crescer na perfeição com o contributo de cada pessoa que aqui chega para se formar e daqui sai para transformar, que aqui trabalha em pesquisa e ensino, daqui sai para o mercado de trabalho na sociedade.

Pe. Provincial, nesta sala encontra-se a nata da liderança da FEI à qual a Companhia delega a participação na sua missão. □

*Pronunciamento proferido
por ocasião da visita do
Revmo. Provincial, Pe.
Mieczyslaw Smyda, ao
Centro Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
10 de setembro de 2012.*

A FESTA DA MISSÃO REENVIA AO SERVIÇO DE QUALIDADE

*Palestra proferida na
Semana de Qualidade na
abertura do ano letivo,
31 de janeiro de 2012.*

As agendas integram o nosso viver no tempo, no dia a dia. Percebemos o que foi realizado, o que ainda espera ser realizado. Continuamente, a operação de crédito e débito apresenta o prejuízo como saldo de nossa ação. Há algo muito positivo nesta constatação indicativa de ações, estudos, pesquisas e resultado a serem atingidos, porque permanecem como reserva; sob este aspecto não há espaço para ociosidade, pois ao aumentar a velocidade pessoal, o próprio tempo parece correr mais depressa em seu fluxo contínuo, qual rio de Heráclito. Fica a impressão de que a aposentadoria em si, acrescenta algo a mais, além do que vinha sendo desenvolvido.

Naturalmente, a tendência é um acúmulo de ideias e possibilidades, ações e hesitações, de-

Novos Paradigmas para a Formação Superior



longas diminuindo a criatividade ou mesmo a produtividade em campos de especialização de cada pessoa. Ao invés de acumular casaco sobre casaco, tolhendo os movimentos, boa lógica sugere a seleção da nossa atenção, para evitar dispersão promovida pelo próprio passar do tempo em nossas vidas. Esta experiência pode ser transplantada para as instituições criadas pelo ser humano. As instituições visam articulação de objetivos

e logísticas para atingirem resultados, calculados em seus detalhes: elas “são uma forma coletiva de organização da vida e da atividade coletiva dotada de certa fixidez”¹. A FEI festeja os setenta anos de sua fundação. A data celebrativa incorporou-se na agenda anual mencionada como memória das realizações, como desafio na construção de seus ideais de qualidade. A

memória desperta gratidão pela alegria do que foi realizado pela adesão de tantos colaboradores, a partir da área de ênfase de seus conhecimentos. Gratidão pelo longo percurso institucional que fizeram parte, acompanharam, contribuíram com seu empenho, vida e talento. A gratidão envolve todas as pessoas que continuam acreditando que a formação da juventude necessita da imersão

¹ Ávila. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 240.

no ambiente gerador de cultura, despertador de novos talentos, descobridor das verdadeiras e reais respostas que a inteligência possa conceber, gerar e construir para a qualidade da vida humana. A nossa gratidão agrega valor pelo reconhecimento da necessidade de ultrapassar formalismos desnecessários, progressos fictícios e propor a abertura de mentes, corações, energia, sentimentos para a descoberta racional e científica para as condições propícias a um desenvolvimento pleno e sustentável. Os senhores e as senhoras são o nosso patrimônio. São a nossa aposta na possibilidade apresentada e urgida de conformação de uma comunidade autenticamente em busca da verdade e da vida envolvendo todos os segmentos: docentes, discentes, corpo funcional, usuários e vizinhos.

Esta missão começou na história, iniciou-se na fragilidade, avançando contra toda esperança, porque a direção estava acertada. A bússola orientadora, a estrela guia, indicava o rumo e a velocidade que permitiam aportar a nau com segurança. Lançando e içando âncoras, a nau da educação comandada pelo Pe. Saboia foi cravando suas balizas, suas boias, para a segurança da navegação institucional. Completando 10 vezes 7 anos, a nau foi se transformando, adquirindo a capacidade de vestir o tempo com a sua passagem por ele e com ele. Pe. Saboia focou a

instituição de ensino superior na administração de negócios e na engenharia e tecnologia. Ele vislumbrava que o desenvolvimento do Brasil necessitava de capital humano de qualidade para avançar. O foco foi mantido na articulação das faculdades em Centro Universitário, implantado em 2002. Foi um momento promissor, incentivando estrategicamente o caminho para uma universidade de pleno direito e com autonomia. A FEI avançou e o Brasil, igualmente. As políticas governamentais, ainda que sob intensa pressão internacional, começaram a ser expressas visando qualidade na educação, dever do Estado e direito de todos. O ensino superior foi o mais beneficiado. Novos paradigmas foram discutidos, relativizados, assumidos, para balizar o ensino superior brasileiro. A universidade foi envolvida na longa tarefa de, em sua missão, integrar indissociavelmente a pesquisa, o ensino e a extensão.

A avaliação

Contrariando situações acomodadas, a avaliação foi abrindo caminho para tornar-se integrante da vida universitária, como percebemos naturalmente. Foi uma cultura a ser cultivada, desenvolvida, consignada na legislação. A avaliação entrou na universidade brasileira para fazer parte não só do seu panorama, mas para ajudar a reconhecer as ilhas de

excelência, identificar as limitações, servir melhor aos seus beneficiários. A opinião pública passa a fazer parte da instituição mãe da sociedade, fundamento de sua criação e incrementadora na expressão da cultura. A universidade passa a reconhecer a consistência dos argumentos como autoridade. A força dos mesmos convence pela lisura ética, lógica imbatível, expressão das ideias. A autoridade não se impõe por quem grita mais alto, mas pela abrangência responsável e profundidade detalhada.

A avaliação abrangeu todos os níveis de ensino: graduação e pós-graduação. As condições de trabalho, as instalações, a coerência dos programas, o resultado dos estudantes entre a entrada e o final do curso. Pela complexidade, foi necessário superar árduo caminho. Hoje a FEI assume a avaliação como integrante de sua marca. A avaliação admite as mais variadas formas, complementando-se entre interna e externa. A participação em simpósios, seminários, as competições dos projetos, a apresentação de artigos para publicação em periódicos indexados, a conquista de títulos e medalhas pelos estudantes, liderados pelos coordenadores dos mais diferenciados projetos. A expressão da realidade institucional favorece a sua publicação, a saída da própria casa, do seu território para abarcar o mundo externo, ao lado de congêneres no campo de trabalho intelectual

teórico e aplicado em laboratório. Foram sucessos dignos de menção os cursos de pós-graduação, maturação da pesquisa germinada na alta qualificação do corpo docente.

A FEI prosseguirá sempre harmonizando contrários aparentes: o chão da fábrica existente e a nova fábrica a ser projetada. As fábricas necessitam do vaso comunicante entre a fabricação em cadeia e a pesquisa por uma produção melhor, na qualidade do serviço oferecido e sua apresentação impecável. Os carros que circulam pelas nossas ruas são a expressão desta falsa dicotomia. O mercado inundou o espaço viário não só nas cores, nas opções mecânicas, nos complementos, nos serviços e modalidades. O que está em jogo é a eficiência, é o significado da marca; a significância do que deseja permanecer porque se renova continuamente.

Nossos alunos precisam ser bons de laboratório, bons de cálculo, criativos, inventando novas maneiras de ser e de propor os mesmos princípios aparentemente imutáveis da engenharia e da logística gerencial, porém jamais petrificados numa única maneira de operar e produzir. Este ambiente desejamos incentivar e construir em nosso Centro Universitário. Queremos oferecer formandos cobiçados pela sociedade porque portadores de uma alma que encarna os desafios com novas soluções, com clareza de atitudes, com o

bem comum e a melhoria da vida da população como a referência de suas vidas e atividades, por mais diversificadas que possam ser. Queremos formar cidadãos do mundo, desejamos que o nosso Centro seja conhecido pela qualidade das pessoas e de sua atuação. Em parte, já se realiza a aspiração, mas somos chamados a perceber quais as potencialidades oferecidas pelo tempo atual que não estamos usando, nos apropriando, para que a formação e as atividades de ensino e pesquisa alcancem o objetivo que nos propomos.

Na última reunião do CEPEX, como convidado, afirmei:

“Desejo apresentar as minhas felicitações pelos resultados construídos com a dedicação de toda a comunidade universitária, da qual são representantes qualificados pelas missões que exercem academicamente, nos níveis de ensinos de graduação e pós-graduação, no incentivo e coordenação dos projetos e redes de pesquisa, no exercício pleno nos seguimentos e funções nas quais se inserem.

A Universidade não é uma abstração, mas uma comunidade dedicada ao aprofundamento do conhecimento adquirido em contínua interação, reinvenção e descobertas. Comunidade com endereço, a partir do qual se lança ao mundo com os resultados das intuições, deduções, criações inovadoras. Comunidade que se fixa e ultrapassa

os locais, salas, laboratórios, para atingir todos os ambientes através das publicações, participações em eventos congêneres e nas mais diversas competições, desde as lúdicas aos mais complexos eventos de pesquisa em avaliação pelos órgãos científicos credenciadores.

A universidade articula em ação os diversos requisitos para que, como Instituição, possa servir à sociedade na qual está enraizada. O mais arguto sábio necessita de apoio físico, material, para avançar em suas investigações. Sem energia elétrica, marcamos passo; sem refrigeração, as máquinas não funcionam a contento; sem preparação as aulas não cumprem sua finalidade; sem material de consumo, não há produção; sem higiene e sanidade ambiental, nada se sustenta.

A universidade é um corpo formado por pessoas, todas são imprescindíveis, todas ocupam seus espaços na docência, na pesquisa, no corpo discente e funcional cada vez mais especializado e exigido. Os tempos urgem, ameaçando o bom andamento dos trabalhos sonhados. É preciso crescer na institucionalização regulamentada para que o bom equilíbrio acompanhe a qualidade desejada por todos. Também a regulamentação no uso dos ambientes, equipamentos e dos tempos dedicados contratados para o exercício da missão é exigência necessária.

Há progressos e espero maior velocidade na apresentação dos

projetos que envolvem os pesquisadores, para que possam ser acompanhados em vista da qualidade tão bem decantada e assumida por todos os envolvidos no fazer o Centro Universitário. Sem produção científica atualizada, os currículos deixam de cumprir sua finalidade de atestar a seriedade e motivação institucional.

Nossa meta é a institucionalização da pós-graduação. Não é possível contentar-se com os mestrados e não avançar para o doutorado. Foi uma etapa importante, porém o que está faltando? O Conselho Curador felicitou a Reitoria, que apresentou o Índice IQC 4 e, a seguir questionou: o que falta para atingir o número máximo? Quando acontecer, o que será feito? Não é possível parar acomodando-se. Ao felicitá-la, apresento as necessidades de avançar continuamente na concretização dos consensos adquiridos ao longo destes dez anos de constituição do Centro Universitário. Com minha gratidão e o contínuo desafio de avançar cada vez mais consolidado na meta proposta de transformação em Universidade. Meta que não pode permanecer longínqua ou remota."

A extensão e a ação comunitária seguem a lógica de crescimento nas oportunidades dadas ao acesso



e permanência na instituição e nas atividades que proporcionam condições para a boa percepção dos estudantes envolvidos. Seriam bem-vindos projetos interdisciplinares, aliando o estudo acadêmico à oferta de melhoria para as comunidades circunvizinhas. Como as potencialidades desenvolvidas nas várias competições estariam a serviço da sociedade?

Para que haja condições de estudo, trabalho, pesquisa e extensão social, os campi do Centro Universitário estão sendo revitalizados racionalmente, atendendo necessidades expressas e intuídas da comunidade universitária. Em breve, a Biblioteca, nosso laboratório geral, estará bem instalada e em pleno funcionamento. Igualmente, as áreas de lazer e restaurantes.

Tal festa exige vida e vida de qualidade. Assim recordando tantas excelentes realizações, retornamos com

esperança ao tema da formação de pessoal bem preparada.

Identidade e Missão

O carisma da Companhia de Jesus envolve toda a nossa comunidade. Saboia clamava: "o que falta me atormenta!" Ele realizava os ideais de Inácio de Loyola: tudo

precisa convergir para a maior glória de Deus. As ações devem ser enfocadas a partir deste pressuposto, deste princípio e fundamento de todo agir humano. Por isso, é necessário discernir o melhor caminho, corrigir metas ou atalhos, avançar com segurança. O presente está sendo realizado, o futuro precisa ser antecipado e mesmo apressado. Futuro que exige no presente bom desempenho, pleno desenvolvimento das qualidades pessoais e institucionais.

A Companhia de Jesus induz suas obras e atividades a serem desenvolvidas em cooperação, em redes nacionais e internacionais. Tal orientação somente poderá ser seguida preparando nossa comunidade para a atuação internacional. A inserção nas culturas e a habilidade nas línguas favorecem os intercâmbios, facilitando as articulações entre as pessoas, os povos, as instituições.

VOZ DO PRESIDENTE

A Companhia de Jesus agrega o selo da comunhão eclesial à nossa Instituição. A Igreja brinda a humanidade com o depósito da fé que lhe foi confiado pela sucessão apostólica. Esta certeza de que Deus caminha ao nosso lado, iluminando nossas vidas, inspirando as nossas melhores ações. Anunciando a presença de Deus na humanidade, ela proclama a Palavra que induz a uma qualidade humana, pessoal e institucional de busca da santidade de Deus. Deus se propõe como o espelho para a contemplação humana. Ser santo como Deus é santo. Somos sua imagem, à sua semelhança fomos criados, apresentando valores, as coerências e as incoerências de algumas decisões institucionais, políticas.

A Igreja, mãe e mestra da humanidade, beneficia a todos com sua doutrina social, apoiando-nos na busca da superação do presente, na convergência das forças vivas para o bem maior de toda a sociedade humana. A comunidade cristã esforça-se para ser sinal no mundo da presença de Deus. Jesus, o filho de Deus, é apresentado como luz para o mundo. “A glória de Deus é a pessoa humana com cabeça erguida com dignidade”, afirmava Santo Irineu, bispo de Lião.

Nossa raiz fincada na sociedade é igualmente acumuladora da seiva vital motivadora para a concretização do maior objetivo. Aprimorar o bem comum, mediar as decisões, oferecer soluções, modificar o entorno

da região, beneficiar os vizinhos e cooperadores com o alto quilate do serviço desenvolvido: a formação da juventude, a visão do futuro, a concretização dos direitos fundamentais de cada pessoa. A vida universitária lança a todos nós no ambiente de diálogo com todas as instituições civis e religiosas que decidem políticas públicas. O desenvolvimento de canais para a efetivação do diálogo envolve toda a comunidade acadêmica. A instituição universitária faz parte da vida social da região e da nação. Com a formação de recursos humanos não apenas marca a sociedade, mas lidera um processo virtuoso, idealista, espiritual, porque está abrindo caminhos, tornando a sociedade mais exigente na aspiração do melhor que passa a ser vislumbrado como futuro possível a ser alcançado. A universidade oferece sua própria identidade no exercício de sua missão.

Fé e Ciência

A identidade da FEI lhe outorga a missão maior para que possa, à luz do Evangelho e do bem comum, imbuir a sociedade da percepção da fé e do progresso da ciência. A fé não limita a ciência, ilumina as atitudes humanas, considerando todas as vantagens e desvantagens de uma opção à luz da vontade de Deus que quer o bem de toda a humanidade – o bem mais universal, porque não subordinado aos

tempos e lugares. O bem que permanece sempre: a dignidade humana, a vida, a liberdade, a justiça social. A ciência, através de seus métodos próprios, visa o progresso e o desenvolvimento dos povos. Acumula conhecimentos, cataloga sucessos, êxitos; analisa fracassos, desastres. A ciência desenvolve-se à luz da razão, da inteligência, da articulação de leis através da leitura da realidade natural. O mundo da ciência é abrangente de toda a realidade. Sua condicionante é a evidência objetiva buscando a verdade. A ciência é perceptível pela razão. A razão é dom concedido ao ser humano. A razão diferencia dos animais. A fé, igualmente, é dom. A fé é uma graça espiritual.

O ser humano navega entre o perceptível aos sentidos; pelos sentidos atinge a realidade e, experimentalmente, começa a conhecer e, conhecendo, começa a dominar a mesma realidade, pela articulação de causa e efeitos, condições e estratégias. Os sentidos humanos também são abertos à realidade espiritual, que só é descoberta pelo desenvolvimento dos sentidos espirituais. As crianças são educadas nos dois modos de percepção da realidade. A presença física dos pais e irmãos, das outras pessoas, dos objetos inanimados, animais e plantas. A presença espiritual dos próprios pais que, ainda que separados fisicamente, permanecem fortemente arraigados na sua consciên-

cia como pessoas às quais estão sempre ligadas pelo afeto, carinho, amor que lhes comunicam segurança. A experiência das saudades de uma pessoa querida distante, valorizando a sua ausência, faz parte da vida espiritual. A criança, também, em toda e qualquer cultura, é introduzida



ao mundo espiritual através da religião. No caso cristão, o imaginário é desenvolvido com as expressões: Deus Criador, Fonte da Vida, Pai do céu, Invisível presente, Luz, Caminho. A criança aprende que pode dormir no escuro, não só porque a família está próxima, mas porque Deus protege de todo o mal. As despedidas desejam: vá com Deus! As alegrias. Graças a Deus! Boa viagem! Até à vista! Até logo! A criança, em cada um de nós, vai desenvolvendo os sentidos espirituais e percebe que pode falar com o presente, porém invisível. As orações, as conversas livres, as meditações. Os próprios discípulos de Jesus, observando-o em oração ao Pai, lhe pediram: ensina-nos a rezar!

A Universidade, casa da sabedoria, apoia o pleno desenvolvimento da pessoa humana. Sua inteligência, sua sensibilidade, sua arte, geradoras de atitudes para a vida altamente qualificada, com

reconhecimento científico, interno e externo, nacional e internacional e, para a vida espiritual, aspirando sempre ao melhor. Deus quer nos dar sua santidade, através do Espírito Santo que nos conduz à plenitude da verdade. A conciliação entre a eminência na ciência e a busca contínua da santidade não é impossível. A adesão à fé é uma proposta livre da parte de Deus e da parte de nossa instituição; respeitamos todas as opções pessoais e sociais que agreguem os valores universais reconhecidos, tais como a paz, a ecologia, a liberdade, a autonomia de cada pessoa, a solidariedade, a responsabilidade entre outros.

Processo

Trata-se de um processo abrindo caminhos para que a FEI protagonize a escola nova, o paradigma que lança o futuro através das ati-

tudes, da sabedoria, da ética no olhar sobre a natureza e a vida. São caminhos trilhados com sucesso, são caminhos a serem continuamente revisitados e construídos pela comunidade universitária. Torna-se evidente que a formação humana não admite término. Os nossos diplomas são signifi-

cantes porque atestam disposição perene, concordância com valores, modo de proceder dos formandos que endossamos com nossa ajuda e contribuição, com nossa assinatura.

Desejo de coração que formados e formadores assinem "FEI" com a própria energia, disposição, ultrapassagem dos limites que ameaçam a rotina do "sempre assim". Nosso objetivo de largo alcance é formar Homens e Mulheres Novos, capazes de estar ao lado, caminhando juntos, propondo, executando soluções para a vida e para a sociedade no curto, médio e longo prazos.

Só posso agradecer a cordial atenção que me ofereceram. Desejo considerar aberto o novo ano letivo de 2012. Sucesso em todos os projetos e desafios para as melhores soluções. É para a frente que caminhamos! O passado é o nosso retrovisor de garantia em nossa rota. ▢

PALAVRA DO REITOR



Prof. Dr. Fábio do Prado,
Reitor do Centro
Universitário da FEI

*Discurso de abertura da
24ª Assembleia Geral
da Federação das
Universidades Católicas,
realizada em julho de
2012 na FEI.*

ENSINAR E APRENDER NAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS

Boa noite a todos e a todas. Gostaria de cumprimentar primeiramente aos nobres membros desta Mesa de Abertura das atividades da 24ª Assembleia Geral da Federação das Universidades Católicas.

Cumprimento as Exmas. Revmas. os Cardeais Dom Zenon Grocholewski e Dom Raimundo Damasceno; o Professor Antony Cerneira; o Secretário Jefferson José da Conceição, representando neste ato o Excelentíssimo Prefeito do Município de São Bernardo do Campo, Luiz Marinho, e o Secretário Júlio Semeghini, representando o Excelentíssimo Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin. Gostaria de cumprimentar também o Presidente da Fundação Educacional Inaciana, Mantenedora do Centro Universitário, Padre Theodoro Peters, em nome do qual cumprimento pessoalmente cada uma das Autoridades aqui

presentes, religiosas e leigas, demais convidados, em especial todos os Reitores das instituições católicas e não católicas de Ensino Superior, aqui representadas.

Vários reitores já são nossos conhecidos, alguns bastante próximos. A outros estamos tendo agora a oportunidade de conhecê-los. São reitores e dirigentes de aproximadamente 113 Universidades Católicas do mundo, de 44 diferentes países dos cinco continentes. Todos certamente aliados na missão de formar indivíduos intelectualmente autônomos, engajados politicamente, preocupados com o bem-estar do próximo e com a mensagem de Deus ao mundo.

A Comunidade Acadêmica do Centro Universitário da FEI, instituição de formação superior septuagenária, inspirada na experiência pessoal de Santo Inácio de Loyola, na ousadia e ânsia do saber de seus

companheiros que perpetuaram o *magis* inaciano, acolhe a todos em seu *campus* de São Bernardo do Campo, nesta bela tarde e começo de noite do inverno paulista!

Com abraço fraterno desejamos que esta casa seja, ao longo dos próximos quatro dias, palco efetivo de partilha de experiências plurais, enriquecidas pela diversidade cultural de todos os participantes, do que concerne ensinar e aprender em nossas universidades católicas, e também de profundas e enraizadas discussões de temas de fronteira que pululam no mundo moderno e que ainda carecem de discernimento.

Contextualizo o cenário em que vivemos fazendo referência a uma iluminada entrevista que o Padre Adolfo Nicolás, Superior Geral da Companhia de Jesus, concedeu a jovens universitários na visita que fez à Província da Califórnia, em 2010.

Ao ser perguntado de que forma



as universidades jesuítas preparam os estudantes para o mundo que busca despojá-los da dignidade, Padre Nicolás brindou-os, de forma muito lúcida, com um elenco de cultos que ameaçam a dignidade humana e precisam ser desafiados.

Fez referência ao culto dos sucessos:

“Eu penso que temos que reduzir a mentalidade do sucesso. Temos sucessos muitas vezes em muitas coisas. O sucesso nunca deveria ser um princípio para competição, isso é perigoso para todos nós. Nossos estudantes podem aceitar todos os valores que ensinamos na nossa comunidade, nas nossas instituições, mas no momento em que saírem das escolas ou das universidades, se cultuam somente o sucesso, irão esquecer o resto”.

Falou do culto à pressa, à superficialidade:

“Vivemos em um mundo repleto de fast food, relacionamentos rápidos, aprendizagem rápida, casamentos rápidos e divórcios rápidos. Tudo isso ameaça a capacidade

humana de crescer. O crescimento real não é rápido, as coisas reais não são rápidas, a boa ação deve ser uma experiência que nos prepara para a iluminação. É um momento não de pensamento, mas de pura sensação”.

Comentou sobre o culto à relativização dos valores:

“O valor nunca nasce pela maioria de votos, os valores nascem do coração, do interior profundo, dos encontros com pessoas ou dos sofrimentos da vida. Se optarmos pela maioria dos votos, então os valores rebaixam geração após geração, como experimentamos já em muitos lugares.”

Falou também do culto da excitação:

“Há uma falta de espaço para o silêncio, para a calma, para a relação pacífica e para a vida em conjunto. O poder curador da calma e da paz é imenso, e atualmente o estamos perdendo. Precisamos de tempo para que o coração se recupere e possa se desenvolver”.

E finalmente, o culto excessivo ao conhecimento:

“O pensamento é muito impor-

tante, mas racionalizamo-lo ao ponto de dizer que o pensamento é o melhor de todos os valores. Eu não concordo. O coração é mais importante. O coração envolve tanto o pensamento quanto o sentimento. O coração é um órgão do conhecimento conectado ao cérebro”.

Prezados senhores, prezadas senhoras, estes são alguns aspectos que desafiam a modernidade, impondo-nos a necessidade da constante e permanente revisão dos nossos projetos institucionais e da revisão dos projetos pedagógicos, dos nossos programas de estudos. Precisamos garantir que o nosso modo de pensar e agir, coerentes com a identidade e missão católicas, sejam apropriados por todos os nossos colaboradores. Que apresentem, de forma clara, o itinerário de formação superior e de desenvolvimento de um capital intelectual capaz de discernir sobre esses temas candentes e proporcionar respostas precisas ainda que contundentes. É o pleno diálogo da Fé e da Cultura.

Nossa agenda, nos próximos



PALAVRA DO REITOR

dias, deverá continuar a responder uma série de questões que para mim e para nós todos são fundamentais. De que forma a Igreja colabora com a cultura brasileira, com a cultura mundial? Como agimos e projetamos as nossas ações na pluralidade na nossa sociedade? Quando a religião tende a se tornar algo íntimo e pessoal, como alguém que recebeu uma formação católica, se posiciona para resgatar ou preservar os valores universais e irrenunciáveis da Igreja? De que forma garantir a dignidade humana, a convivência harmoniosa e pacífica nas diferentes culturas e, quem sabe, a busca de uma nova ordem mundial, que é social, é cultural, é econômica, é política?

Uma vez mais concordo com Padre Nicolás, quando afirma:

"A educação superior é um dos sistemas que a sociedade criou com grande sabedoria para responder às suas necessidades e garantir que a sociedade cresça de forma racional. Ela oferece um serviço de discernimento, de racionalidade e de integração. Não podemos deixar a sociedade nas

mãos de improvisadores, de pessoas que pensam apenas em termos de ganho político e econômico".

Ele até nos antecipa uma estratégia, referindo-se à importância do Apostolado Intelectual:

"Precisamos estar presentes lá onde a educação superior está ocorrendo, onde as pessoas estão pensando, para que, nesse pensamento, haja uma integração de toda a realidade, junto com abertura para Deus, para a transcendência. Não pode ser limitada apenas a um fato científico".

Está claro para todos nós, que a aplicação estrita e puramente técnica dos princípios da ciência física ao escopo da pessoa humana, em constante processo de evolução, reduz esse escopo. As universidades católicas, conscientes disso, têm papel fundamental no sentido de proporcionar a devida orientação a todo processo evolutivo, que envolve o ensino, a aprendizagem, o serviço e o auxílio ao próximo. Como nos dirá a Professora Britt Mary em sua palestra que tem como título: *"Novos tempos, novos estudantes, novos*

professores e grandes expectativas". Eu acrescentaria: novos desafios.

Encerro manifestando a dedicação e alegria de todos que direta ou indiretamente trabalharam para preparar esta Assembleia. Deram o melhor de si para acolhê-los e continuarão fazendo-o ao longo desta semana.

Hoje, pela manhã, ao ler um livro do Pe. Manoel Iglésias, jesuíta espanhol radicado no Brasil, deparei-me com este texto:

"Fazer de nossa parte tudo o que é possível, como se tudo dependesse de nós, mas tendo a certeza de que tudo depende de Deus, colocando n'Ele toda a nossa esperança. Deus quer que utilizemos todos os meios humanos que Ele nos deu, mas quer que o façamos unidos a Ele com espírito de filhos, espírito de liberdade, espírito de criatividade".

Tenham certeza, nossa comunidade universitária fez isso! Que Deus abençoe o trabalho da Assembleia!

Desejo a todos uma excelente estada em nossa cidade e nesta casa. Muito obrigado! ▢





PALAVRA DO REITOR

UM SERVIÇO DE QUALIDADE A FAVOR DA MISSÃO

Comemorar uma década de Centro Universitário em meio às celebrações dos 70 anos de serviços educacionais da FEI à sociedade brasileira é comemorar a consistência de um projeto institucional que remonta às premissas qualificadas de sua fundação e a visão empreendedora de seu fundador, P. Saboia de Medeiros.

É prestigiar todos os protagonistas dessa história e suas ações acadêmicas e administrativas de relevância e é também, reconhecer a qualidade do trabalho do corpo diretivo que soube, estrategicamente, reposicionar a instituição buscando alinhá-la às demandas contemporâneas de uma sociedade globalizada exigente.

É criar um ambiente universitário pautado pela universalidade das ideias, pelo convívio de opostos, pelo diálogo franco das partes e por um modelo de educação pautado na articulação entre ensino e pesquisa e na abertura daí decorrente, às inúmeras possibilidades de aprendizagem, bem como de geração do conhecimento por meio dos programas de pós-graduação e da pesquisa institucionalizada.

A decisão tomada há uma década de se trilhar um caminho em direção aos padrões acadêmicos universitários deve ser vista como importante ponto de inflexão no processo de desenvolvimento institucional. Como tal, caracterizou-se não como descontinuidade aos

padrões até então executados, mas, sobretudo por meio destes, as novas ações puderam ser desenvolvidas em ambiente estruturado e favorável. Os bons resultados puderam ser alcançados rapidamente. A máxima newtoniana de sustentar-se em ombros de "gigantes" para se poder ver mais longe, e o espírito "atormentado e inquieto" de nosso fundador disseminado a toda comunidade diante de tudo aquilo que nos falta, certamente consistiram (e ainda consistem) em elementos referenciais desse processo inflexivo de desenvolvimento nessa última década, e sustentaram a transformação das extintas faculdades isoladas, de 60 anos de história gloriosa, em um

*Discurso de abertura da
Semana da Qualidade
no Ensino, Pesquisa
e Extensão.*

*São Bernardo do Campo,
31 de janeiro de 2012.*

espaço universitário integrado e interdisciplinar, que completa 10 anos de existência.

Não falamos de 60 + 10, mas de 10 em 70 anos – celebrando, portanto, a riqueza da história das faculdades isoladas e a contribuição de todos aqueles que as construíram, bem como o potencial acadêmico do Centro Universitário e a sabedoria daqueles que, oportunamente, o planejaram e o desenvolveram a partir de condições já privilegiadas.

Celebramos, enfim, a dedicação competente do atual corpo diretivo, funcional, docente e discente que reconhecem o mérito do modelo proposto e estão comprometidos com sua consolidação e com sua expansão.

Os excelentes resultados alcançados ao longo dos últimos anos demonstram que tomamos a direção correta, e nesse sentido, gostaria de enumerar alguns aspectos que considero relevantes ao processo de consolidação do Centro Universitário. Aspectos estes que sinalizam os rumos da Instituição e o seu alinhamento às novas demandas da educação superior.

Primeiramente, ressalto a estrutura organizacional enxuta e suas células administrativas horizontalizadas, proporcionando um diálogo eficiente entre todos agentes acadêmicos e a capilaridade das decisões e das ações, sem os naturais obstáculos causados pelo excesso

de instâncias decisórias.

Tal transparência proporcionou o real compartilhamento de experiências, fundamental para o autoconhecimento institucional, para a expansão dos horizontes de visão das várias células administrativas e, principalmente, para a agregação de competências acadêmicas.

Esse relacionamento permitiu que as boas práticas pedagógicas e as boas atitudes pudessem ser copiadas pelos pares, que os costumes não tão bons pudessem ser identificados e diminuídos face às boas novas experiências, e que as células *individualizadas* pudessem abandonar a autossuficiência e entender o seu papel na coletividade.

Hoje as discussões, claramente, são pautadas pelo consenso, ainda que existam ideias contrárias, e pela busca de unidade, ainda que existam desconhecimentos entre os pares.

O maior exemplo que posso citar aqui é o nível das discussões travadas no âmbito do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, constituído por representantes dos diversos setores acadêmicos, o qual enquanto Reitor do Centro Universitário tenho o prazer de presidir. São momentos acalorados, refletindo a universalidade de ideias e a liberdade de pensamento, mas que convergem para deliberações éticas e preservam o comprometimento com a qualidade do trabalho e o interesse comum.

Vejo nessa situação, a condição fundamental necessária para a consolidação de um ambiente universitário, onde se preserva o espírito democrático e dialógico, o respeito ao diferente e às minorias, sem perder a disciplina, a liderança e o respeito aos princípios institucionais. Onde se convence por argumentação fundamentada e justa.

Entendo que neste conjunto de atitudes encontra-se a melhor definição do espírito comunitário e ousado dizer, sem humildade, que é essa a condição que proporciona o ambiente acolhedor e o convívio agradável que consiste no diferencial de nossa Instituição.

Esse ambiente gerou as condições favoráveis para uma boa articulação dos pares e a indução de projetos e iniciativas inter e multidisciplinares, que é o segundo aspecto que gostaria de ressaltar ao se fazer referência a uma década de Centro Universitário.

Resgato, nesse momento, cenas do dia-a-dia acadêmico nas quais docentes, coordenadores e chefes de Departamento de diferentes cursos e áreas do conhecimento são *flagrados* em convivência cotidiana.

Tenho certeza que esses encontros, transpostos à dimensão profissional, sem os muros internos das escolas e faculdades, tornam-se um espaço privilegiado ao diálogo e à elaboração de ideias partilhadas. Já não mais nos surpreendemos com encaminhamentos de propostas

conjuntas que trazem interesses de diferentes áreas e cursos, antes improváveis, hoje fortalecidas pelo interesse comum.

A alegria da missão em cumprimento intensifica-se ao compararmos o ambiente descrito aos objetivos das universidades católicas, inseridas no sulco da tradição que remonta à própria origem da Universidade, conforme a Constituição Apostólica do papa João Paulo II de 1990:

“A universidade católica persegue seus objetivos também mediante o empenho em formar uma comunidade humana autêntica, (...) a fonte de sua unidade brota de sua comum consagração à verdade, da mesma visão da dignidade humana e, em última análise, da pessoa e da mensagem de Cristo que dá, à instituição, o seu caráter distintivo. Como resultado desta perspectiva, a comunidade universitária anima-se por um espírito de liberdade e de caridade; e se caracteriza pelo respeito recíproco, pelo diálogo sincero, pela defesa dos direitos de cada um. Assiste todos os seus membros para conseguirem a plenitude como pessoas humanas. Cada membro da comunidade, por sua vez, ajuda a promover a unidade e contribui, segundo sua função e suas capacidades, para as decisões que dizem respeito à mesma comunidade, bem como para manter seus princípios.”

Alegro-me ao notar que este Item 21 da Carta Apostólica descreve

a nossa condição universitária!

Esse ambiente certamente tem contribuído à rápida formatação de redes e fóruns informais de discussão, num primeiro momento, de temas pontuais inerentes ao cotidiano acadêmico, e que, ao longo dos anos, se expandem para temas candentes afetos à Educação Superior em geral.

Esse é o ponto de partida da investigação intelectual e científica. A criação de redes internas de cooperação entre os pares para definição de prioridades, aglutinação de interesses e agregação de competências. Redes estas que suportam, sustentam e dão massa crítica a novas metodologias pedagógicas, a linhas de pesquisa, enfim, à geração do conhecimento. Essa tem sido a trajetória de nossa comunidade mais fortemente nos

últimos anos, conforme previam os objetivos do projeto de Centro Universitário.

Os reflexos dessa articulação são notáveis por meio de diversos projetos e de diversas iniciativas, de início, meio e fim de curso, que têm origem nas unidades de curso, mas que trazem no bojo da proposta, uma visão multidisciplinar, o que por si só os tornam mais abrangentes e sólidos, e também mais sustentáveis por prever maior espectro de aplicabilidade e compartilhamento de recursos.

Não preciso citar nominalmente tais projetos, mas a participação cada vez maior de equipes multidisciplinares de alunos e docentes nos projetos temáticos e de pesquisa pode evidenciar a situação a que me refiro.

Essa condição reverberou-se



Sala de Estudos - ambiente de estudo no piso superior da Biblioteca com 300 lugares (prédio A).

significativamente gerando um ambiente de investigação e de pesquisa que tornou rapidamente viável a estruturação das áreas de concentração de pesquisa e dos cursos de pós-graduação (mestrados e doutorado), que é o próximo aspecto que gostaria de destacar nesta sucinta retrospectiva institucional.

O *bom contágio* entre ensino e pesquisa, entre a graduação e a pós-graduação, é um elemento irrenunciável às IES que buscam qualidade, que buscam competitividade, que buscam visibilidade – enfim que buscam a excelência acadêmica.

Essa sempre foi a premissa do projeto universitário proposto no início do ano 2000, orquestrada e conduzida com *mãos de ferro* pela Presidência e pela Reitoria. Aqui faço referência à gestão do P. Peters que orientou o processo desde seu início e à atuação do Prof. Marcio Rillo como executor do projeto. Uma vez mais me permitam fazer referência à máxima newtoniana – eis *grandes pessoas* que nos ofereceram, e nos oferecem, seus ombros para enxergarmos um pouco mais distantes...

A pesquisa institucionalizada deve ser entendida como ação imprescindível à qualificação do ensino, por meio do enriquecimento e modernização de conteúdos, da educação continuada, da capacitação de recursos humanos, da criação

de práticas complementares e de aplicação de conteúdos, da indução de fóruns de discussão e do compartilhamento de experiências, da captação de recursos financeiros, enfim gera um ambiente de oportunidades para extensão das atividades didáticas curriculares.

Afirmo que a prática investigativa e reflexiva, inerente ao método científico, caracteriza o momento maior do processo de aprendizagem, no qual o conhecimento, a memória, o entendimento, a imaginação e a curiosidade são utilizados para captar o significado e o valor do que está sendo estudado, para descobrir a relação do que se estuda com os fenômenos reais e com as atividades humanas; para desafiar os alunos a irem além do puro conhecimento e passarem à ação. Enfim tem-se aqui o cerne da pedagogia inaciana praticada *livremente* no ambiente universitário.

Esse ciclo virtuoso do ensino suportando a pesquisa, esta por sua vez o qualificando, o levando proximamente às demandas sociais e o alinhando às demandas tecnológicas, bem como trazendo à tona, por meio da experiência, o sentido mais profundo dos valores aprendidos, indubitavelmente, vem colocando a FEI num nível de reconhecimento científico e dando-lhe visibilidade nacional e já internacional, condições estas alcançadas por poucas IES.

Podemos facilmente quantificar

esta afirmação por meio de alguns resultados de expressão, obtidos nos últimos anos:

1. Evolução do número de alunos inscritos e matriculados nos últimos processos seletivos, com destaque a concorrência às vagas dos cursos diurnos de Engenharia (praticamente cinco candidatos por vaga) na sua última edição;

2. Resultados expressivos em todas as competições discentes, maior número de projetos ganhadores e maior diversificação de conteúdo, incluindo as diferentes modalidades de curso;

3. A ratificação do Índice Geral dos Cursos com pontuação igual a 4, o que nos posiciona entre as melhores instituições universitárias do País;

4. O credenciamento do Centro Universitário com nota máxima;

5. O aumento efetivo de nossa participação em editais públicos do Ministério da Educação e da Ciência e Tecnologia em nível de graduação e pós-graduação;

6. Conquista de quotas de bolsas no Programa CNPq/PBIC Institucional;

7. Credenciamento para participação no Programa Ciência Sem

Fronteiras de bolsas de estudos de graduação sanduíche;

8. Acesso gratuito ao Portal de Periódicos da CAPES por reconhecimento do mérito de nossos cursos de pós-graduação;

9. Pela primeira vez, acesso à verba de auxílio à pesquisa referente à reserva técnica da FAPESP, proporcional ao volume de projetos e auxílios aprovados pelo referido órgão no ano civil;

10. Implantação do primeiro curso de Doutorado, em Administração, da instituição e a evolução dos programas de Mestrado vigentes;

11. Captação de recursos externos de custeio a projetos de pesquisa e equipamentos correspondentes a 1% da Receita Anual – ainda bastante módico, mas já mensurável!

Como disse na comemoração dos 70 anos de FEI, podemos afirmar que o Centro Universitário, hoje, não é apenas uma ótima instituição de ensino do país, mas sim é *referência* de qualidade em Ensino Superior, em determinadas áreas do conhecimento, *referência* em pesquisa e pós-graduação.

As condições acadêmicas constituídas proporcionam um efetivo ambiente para: *estimular a criação cultural e o desenvolvimento do*

espírito científico e do pensamento reflexivo; (...) promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; (...) estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; (...).

Não estranhem que as condições acima descritas, refletindo o atual perfil do Centro Universitário, sejam transcrições fieis de alguns itens do artigo 43 da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – ao estabelecer as finalidades da Educação Superior. Repito, é a missão sendo cumprida!

Orgulha-me muito observar a

instituição aberta para o diálogo sobre temas contemporâneos, apoiando eventos científicos, culturais, artísticos e esportivos, sendo palco de congressos e competições, e mantendo um relacionamento com alunos da rede de Educação Básica e com a população em geral, com as prefeituras municipais, prestando serviços e desenvolvendo conhecimento atento às demandas sociais e tecnológicas.

É a qualidade garantindo o cumprimento do papel social da universidade. Ou como se expressa a Província jesuíta do Brasil Centro-Leste: *é prioridade do Ensino Superior a participação efetiva e qualificada na reflexão sobre os temas candentes debatidos no pensamento contemporâneo que configuram a sociedade e cultura (Prioridade 5 do Plano Apostólico 2008/2014).*



Centro de Informática com 242 novos computadores

Retomando o tema de nossa palestra – *A festa da missão (nos) reenvia ao serviço de qualidade* – esse momento de celebração é também um momento de reflexão, de avaliação e de revisão de ideias.

É momento de nos apoiarmos em novos *gigantes* e estender ainda mais os horizontes institucionais, pensar na próxima década.

A excelência traz em seu rastro demandas mais exigentes, soluções mais complexas e mais ágeis, a até menor tolerância a falhas. É o preço do reconhecimento e visibilidade.

As solicitações se conformam ao público qualificado e, portanto, mais exigente, e às expectativas anunciadas. Novamente se constata o ciclo virtuoso à medida que o público mais exigente também será mais exigido e terá condições de responder a estas exigências. Enfim, somos constantemente reenviados ao serviço de qualidade...

O futuro e seus novos paradigmas para a formação superior nos propõem alguns desafios, buscando o aperfeiçoamento, a flexibilização e a diversificação de conteúdos, dos métodos e dos serviços para melhor formar os estudantes para um mundo dinâmico e diferente.

A seguir apresento alguns pontos que devem constar permanentemente na agenda de discussão de qualquer instância deliberativa da instituição, e a meu ver, irrenunciáveis para a qualidade do serviço qualificado e sustentável:

A. Continuação avaliação da qualidade dos cursos e reestruturação de seus projetos pedagógicos que, fundamentados numa formação generalista e humanista, contemplem metodologias educacionais atuais, atividades complementares e extracurriculares capazes de desenvolver competências profissionais, culturas e de responsabilidade social, e um perfil profissional adequado às novas demandas do mercado de trabalho globalizado – vivência internacional, espírito empreendedor e cultura de inovação;

B. Currículo flexível que favoreça projetos de cooperação, de estudos e iniciação científica, mobilidade estudantil e missões internacionais;

C. O contexto de crescente competitividade exige excelência e superação, e as melhorias dos resultados serão alcançadas por meio de uma equipe bem preparada, comprometida e alinhada às estratégias da Instituição, e para tanto é preciso o desenvolvimento e capacitação das pessoas e gestores; avaliação eficiente de resultados em gestão de pessoas; desenvolvimento de uma gestão participativa e transparente, fundamentada em diálogo claro com todos os *players* e na visibilidade das lideranças na comunidade acadêmica;

D. Expansão física buscando novos espaços e parcerias em parques tecnológicos e ambiente de inovação;

E. Sistematização do uso das TICs como apoio às ações acadêmicas de inclusão, de recuperação e de retenção de alunos, bem como à complementação curricular;

F. Estabelecimento de um modelo eficiente de restabelecimento e/ou fortalecimento das parcerias com a Indústria e Empresas e a transferência do conhecimento gerado na academia ao mercado de trabalho e à sociedade;

- Implantar a reestruturação do IPEI – baseada em modelo dos NITs/ Agência de Inovação que contemple o mapeamento de competências, a indução de pesquisas estratégicas e novo modelo de negócios;
- Definir marco regulatório que suporte a transferência de tecnologia e que preservem a propriedade intelectual, sigilo das pesquisas;
- Mapear as necessidades de formação e constante atualização curricular;
- Garantir a efetiva inserção nas políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação, como parceiros prioritários e imprescindíveis aos diversos *players*;

G. Estabelecimento de modelo de cooperação internacional – criação do Setor de Relações Internacionais e fortalecimento das cooperações já celebradas e prospecção de novas parcerias pautadas pela afinidade de competências e perfil acadêmico (FIUC, Rede Jesuíta);

H. Definição de uma política eficiente de retenção de alunos a partir de identificação de gargalos e apoio discente;

I. Diversidade de modelos de cursos nas áreas e modalidades de competência da instituição;

J. Fortalecimento do ambiente universitário de pesquisa e pós-graduação, incentivando a pesquisa básica enquanto motivadora de massa crítica, bem como a pesquisa tecnológica, aproveitando as competências de pesquisa e desenvolvimento mapeados para transferência de tecnologia (IPEI);

- Aprimorar o modelo de articulação com a Graduação e atuação eficiente dos docentes RDLs nos Núcleos Docentes Estruturantes dos cursos - NDE;
- Fortalecer os programas de iniciação científica, de iniciação didática e de ações sociais e de extensão;
- Estabelecer política de avaliação de desempenho dos docentes dos Programas de Mestrado e Doutorado;
- Ampliar sustentavelmente os cursos de pós-graduação - Aproveitamento as oportunidades de Mercado;
- Estabelecer uma política atrativa de dedicação dos docentes para projetos de pesquisa sob demanda visando à transferência tecnológica;
- Ampliar a captação de recursos financeiros junto aos órgãos de fomento e inserção nos editais científicos visando à sustentabilidade da pesquisa e da pós-graduação;

K. Criação de um modelo de gestão e plano de negócios eficientes para os cursos de especialização, e a atualização dos mesmos com foco no interesse social, tecnológico e mercadológico;

L. Criação de código de ética (ou instrumento similar) que garanta conduta profissional e atitudes adequadas de todos os protagonistas da Instituição no ensino, na pesquisa, na extensão, nos serviços e nas redes sociais, preservando a credibilidade institucional;

M. Melhorias de infraestrutura dos Campi: Entrega do Prédio A – Biblioteca e Setor Administrativo, e reforma da Praça de Alimentação;

N. Apropriação das ações avaliativas da CPA e criação de base de dados integrada e adequada aos processos de gestão acadêmica;

O. Projetos de curso inovadores e diferenciados – buscar sempre a vanguarda na formação de recursos humanos;

Novas fases:

- Plano viário – Estacionamento
- Espaços de atendimento discente – replanejamento das áreas do prédio B
- Ampliação e reestruturação laboratorial – Eng. Mecânica e Eng. Química
- Centro Cultural
- Centro de convivência estudantil – indução às atividades culturais.

Por fim, gostaria de registrar publicamente o meu grato reconhecimento aos serviços de todos vocês, aqui presentes, e de todos aqueles que já não mais se encontram, que fiéis ao projeto do Centro Universitário, dedicaram-se em sua implantação e consolidação. Cito algumas palavras de inspiração

extraídas da pedagogia dos jesuítas:

“A educação na fé e na justiça começa pelo respeito à liberdade, ao direito e à capacidade dos indivíduos e grupos humanos de criarem para si mesmos uma vida diferente. Isto significa ajudar os jovens a se comprometerem no serviço e na alegria de partilhar suas vidas com outros. E, sobretudo ajudá-los a descobrir que o que realmente devem oferecer é o que eles mesmos são, mais do que aquilo que têm. Significa ensinar-lhes que a sua maior riqueza é compreender outras pessoas. Significa acompanhá-los em seus próprios caminhos, rumo a um maior conhecimento, liberdade e amor” (Pedagogia inaciana – Uma proposta prática – pg. 28).

Eis, prezados colaboradores, uma proposta prática para excelência da educação pautada na Fé e na Ciência qualificada!

“É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do Ser”.

Ouvindo essas palavras de João Paulo II extraídas da *Carta Encíclica Fides e Ratio* – 1998, sintam-se reenviados ao serviço e convidados a participarem, intensamente, deste instigante Projeto Universitário.

Bom início de período letivo a todos. ▢



MEDALHA “EX CORDE ECCLESIAE”

A realização da 24ª Assembleia Geral da Federação Internacional das Universidades Católicas, entre tantas sessões, celebrações e atividades, ficou marcada pela homenagem feita à FEI com a entrega da medalha “Ex corde Ecclesiae”, condecoração máxima conferida pela FIUC às instituições que se destacam como centros de ensino de excelência.

Em sessão solene no Pateo do Collegio, no dia 26 de julho, o Prof. Dr. Fábio do Prado, Reitor do Centro Universitário da FEI, assim se expressou:

Em nome do Presidente da Fundação Educacional Inaciana, Pe. Theodoro Peters, em meu próprio nome enquanto Reitor, e em nome de toda a comunidade *Feiana* agradecemos à Federação Internacional das Universidades Católicas a deferência e a distinção feitas ao Centro Universitário da FEI, concedendo-nos a Medalha *Ex Corde Ecclesiae*.

Recebemos essa significativa homenagem conscientes da importância da organização de um evento deste porte e da responsabilidade de que o mesmo

perpetuasse, pela qualidade de sua organização, a relevância das Universidades Católicas.

Colhemos em retorno discursos qualificados, discussões frutíferas, fortalecimento de alianças e cooperações, novos amigos, visibilidade internacional e, acima de tudo, a alegria e a união de todos nossos colaboradores que se envolveram na organização.

A realização da 24ª Assembleia Geral da FIUC, na FEI, renova nosso espírito de educadores e nos mantém animados na missão da defesa da dignidade humana

e da formação de valores sociais, do desenvolvimento do diálogo entre Fé, Cultura e Razão, itinerário imprescindível para a geração de conhecimentos e para busca da Verdade.

A Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, em sua introdução, afirma que “a Universidade Católica se insere no sulco da tradição que remonta à própria origem da universidade como instituição. Revelou-se sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do Saber para o bem da humanidade”.

O Beato João Paulo II conclui o

documento encorajando-nos em nossa árdua, porém gratificante tarefa:

“Minha confiança vos acompanha em vosso difícil trabalho cotidiano, cada vez mais importante, urgente e necessário para a causa da evangelização, para o futuro da cultura e das culturas. A Igreja e o mundo têm grande necessidade de vosso testemunho e de vosso contributo, competente, livre e responsável”.

Imbuídos desta identidade católica, motivados pelo encorajamento e orientações da Santa Sé e, hoje, reanimados por esse reconhecimento vindo da Federação que agrega as Universidades Católicas de todo mundo, reiteramos o nosso compromisso em formar cidadãos preocupados com a dignidade humana e em gerar um capital intelectual capaz de se posicionar autêntica e proativamente na sociedade, em defesa dos valores defendidos pela Igreja.

Sintetizo estas palavras de agradecimento, trazendo-lhes à lembrança a expressão dos sorrisos com que cada um de nossos colaboradores os recebeu quando os senhores e as senhoras aqui chegaram e os auxiliaram ao longo das atividades da Assembleia. Estes constituem os melhores exemplos do que é capaz de realizar o caráter católico de uma instituição.

Abraços fraternos e que o espírito de Cristo continue a motivar a todos. Muito obrigado! ▢

Cerimônia de Homenagem e Jantar no Pateo do Collegio



Prof. Dr. Fábio do Prado – Reitor do Centro Universitário da FEI, recebendo a medalha do Secretário Geral da FIUC, Prof. Monsenhor Guy-Réal Thivierge



Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Anthony Cernera – Ex-Presidente da FIUC, Prof. Dr. Fábio do Prado e Dom Odilo Scherer – Arcebispo de São Paulo



Da esquerda para a direita, Pe. Theodoro Peters, S.J. – Presidente da FEI, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, e os Reitores do Centro Universitário da FEI, Prof. Dr. Fábio do Prado, Prof.ª Dr.ª Rivana B. F. Marino e Prof. Dr. Marcelo Pavanello

**PALAVRA
DO REITOR**

COMPANHIA DE JESUS



Pe. Carlos Alberto Contieri, S.J.,
Diretor do Pateo do Collegio, SP e
Coordenador do Apostolado
Intellectual e Ensino Superior.

*Palestra proferida na
Semana da Qualidade
no Ensino, Pesquisa e
Extensão.*

*São Bernardo do Campo,
30 de julho de 2012.*



A COMPANHIA DE JESUS E A 70ª CONGREGAÇÃO DOS PROCURADORES

Antes de falar sobre a Congregação dos Procuradores, esse encontro periódico do Padre Geral com representantes das Províncias jesuítas de todo o mundo, do qual participei, quero referir-me a um ponto que me chamou a atenção na Assembleia Geral da FIUC, recentemente realizada: a questão da beleza. A beleza estava em tudo: no material distribuído, na decoração dos espaços, no prédio da Biblioteca que serviu de Auditório, na reforma da Capela, que ajudamos a fazer – e pode ser continuada!

Beleza não é só uma questão de experiência estética. É caminho para encontrar a Deus.

Não é apenas a beleza do edifi-

cio, mas também, a dos encontros, a do cuidado com a acolhida, com a atenção às pessoas e principalmente na celebração litúrgica, o momento próprio desse encontro com Deus!

Para mim, pelo que pude observar naqueles dias, houve uma grande expressão da própria fé!

Onde há fé, a beleza se faz presente e a sinaliza. Onde há negligência ou desleixo, é sinal de que a fé está fragilizada, até mesmo, ausente.

Se somos uma Instituição de inspiração inaciana, é importante que nos preocupemos com a beleza, com o capricho que colocamos no que fazemos. Tudo o

que for bem feito, apresentado e cuidado, certamente será mais bem compreendido e os objetivos serão alcançados.

Parabenizo-os, portanto, pela coragem de empreenderem tantas reformas e pelo capricho para que tivessem a beleza que vimos.

Quando o Padre Peters me convidou para fazer esta palestra, encontrava-me em plena Congregação dos Procuradores, em Nairobi, na África, a primeira que se realizava fora de Roma, desde os tempos de Santo Inácio.

Minha primeira preocupação foi a de encontrar no meio de tantos temas levantados pelos Delegados das Províncias, qual poderia estar

mais relacionado com os objetivos da Semana de Qualidade.

Desde o primeiro momento, achava que poderia ser algo referente ao Apostolado Intelectual, uma das prioridades na missão da Companhia, sobretudo nos tempos atuais.

De volta ao Brasil, quando nesta sexta-feira preparava a palestra, resolvi dar-lhe como título: "Profundidade e Criatividade - Renúncia da superficialidade no Apostolado Intelectual".

Inicialmente gostaria de esclarecer que não se trata aqui - até em razão do que me foi pedido - de uma exposição acadêmica, mas simplesmente a de uma partilha sobre alguns pontos das minhas reflexões sobre essa 70ª Congregação dos Procuradores.

Será apenas sobre uma parte, porque os outros 70% dizem respeito especificamente a assuntos internos da Companhia, com o caráter de confidencialidade exigido pela Congregação.

Portanto, tudo o que eu disser, serão palavras e colocações exclusivamente minhas, sem fazer nenhuma alusão a pessoas ou contextos, para preservar a confidencialidade própria da Congregação.

É também a primeira exposição que faço, desde que cheguei da África para participar da Assembleia da FIUC, com o tempo dividido entre as tarefas na Assembleia e as do Pateo do Collegio que está sob

minha responsabilidade.

Chamo-a de provisória, porque poderei aprofundar melhor as questões nas próximas apresentações que devo fazer para as nossas comunidades e obras.

O que é propriamente uma Congregação dos Procuradores?

Em primeiro lugar, é alternativa da Companhia como instância intermediária em relação à Congregação Geral cuja estrutura é mais complexa e com objetivos bem mais definidos.

É convocada a cada quatro anos após cada Congregação Geral realizada. Poderíamos chamá-la de instrumento apostólico enquanto ajuda o Governo Geral da Companhia. A presença do Padre Geral e de representantes de todas as Províncias conferem à Congregação dos Procuradores as dimensões da Companhia universal.

Ao todo eram 83 os participantes mais os 13 jesuítas da equipe que trabalha na Cúria, em Roma, e os que assessoram o Padre Adolfo Nicolás, Superior Geral da Companhia.

Quem são os procuradores?

São delegados eleitos nas respectivas Províncias ou Regiões que se reúnem com o Padre Geral e seus conselheiros para examinar a situação da Companhia de Jesus e considerar se é o momento de ser

convocada uma nova Congregação Geral, levando-se em conta o parecer das assembleias das províncias. Essa é a primeira finalidade.

Esta Congregação dos Procuradores, da qual participei, decidiu e tem, como resposta pública, que não é o momento e nem há razões que justifiquem a convocação da Congregação Geral. Isso foi definitivamente descartado.

Como dizia, a Congregação dos Procuradores, como alternativa da Congregação Geral, tem como referência Santo Inácio mesmo que, ao escrever as Constituições da Ordem, não tenha utilizado essa expressão. Ele era muito prático. Nas Constituições ele escreve:

"Pressupomos que na situação atual não parece oportuno, em Nosso Senhor, que as reuniões (CG) se façam em épocas fixas, nem com muita frequência. Com efeito, dada as relações que o Geral mantém com toda a Companhia, e o auxílio recebido dos que estão junto dele, poupar-se-á, quanto possível, à mesma Companhia, este trabalho e perda de tempo" [Const. 677].

A 2ª Congregação Geral entendeu o recado e a primeira Congregação dos Procuradores aconteceu em 1568.

Nem sempre é oportuno e nem com muita frequência! Essa é a diferença da Companhia de outras congregações que têm seus capítulos convocados em períodos já determinados.

Com efeito, as relações que o Superior Geral mantém com toda Companhia, a ajuda que recebe dos assessores imediatos, facilitam-lhe as tarefas de governo e o poupam de atividades desnecessárias, em outras palavras, perda de tempo!

Os procuradores e respectivos substitutos são escolhidos pelos votos dos Professos e Superiores em reunião formal em que são apresentados os pontos sobre os quais o Padre Geral deseja ter mais esclarecimentos com a contribuição de toda a Companhia, representada pelos eleitos nas Províncias.

Portanto, a Congregação dos Procuradores tem por finalidade: determinar se deve ser reunida a Congregação Geral, informar o Padre Geral sobre a situação das províncias ou regiões para analisar a atuação da Companhia em face de sua missão.

O que vou tratar, de maneira breve, tem muito a ver com o relato da multiplicação dos pães, na versão de São Marcos, quando Jesus se mostra preocupado em despedir a multidão, porque muitos poderiam se desfalecer pelo caminho!

Da mesma forma, antes que desfaleçam, prometo que terminarei a colocação de forma que o brunch seja servido na hora exata e eu não tenha que carregar sobre os ombros o peso de ter atrasado tão sagrado momento!

Em primeiro lugar, abordo a

questão das prioridades e dimensões da missão da Companhia de Jesus. Começo me perguntando se a Companhia de Jesus tem futuro ou não!

Preocupa-nos a diminuição do número de jesuítas. Infelizmente precisamos reconhecer que existem falências de instituições religiosas. Vale também para a Companhia!

Já tivemos um efetivo de mais de 30.000 membros. No início de 2011, éramos um pouco mais de 18.000 jesuítas, entre formados e estudantes.

É preciso entender a missão da Companhia como *“missio Dei”*, missão de Deus. Ou, se quiserem, envio de Deus. Isso vale não só para a Igreja, em geral, mas também para a Companhia, para uma comunidade, e, em particular, para o jesuíta que como cristão, participa da própria missão de Cristo, sob seu estandarte. Essa é a primeira questão.

Quais são as prioridades apostólicas da Companhia?

Prioridade significa a que se deve dar maior atenção ou, o que é causa de maiores preocupações.

Em nosso caso, por exemplo, quais as prioridades da Companhia ao destinar as pessoas, ao atuar nas obras e na distribuição dos recursos.

Respeitando as prioridades das províncias e regiões, foram apontadas algumas áreas que requerem

atenção especial ou privilegiada.

A primeira delas é a África e Madagascar apontada numa discussão que ocupou todo um dia.

Observou-se que, sob o ponto de vista numérico, o eixo da Companhia está mudando ou já se mudou há muito tempo.

Na Europa, há diminuição vertiginosa de vocações e da América Latina quase não se falou.

Não foi o caso da África e da Ásia, especialmente da Índia e da Coreia. Na África Oriental, por exemplo, há atualmente 28 noviços e 73 estudantes.

Essa mudança de eixo, com tendência pela África, Madagascar e Ásia, não tem ainda bem definidos todos os contornos. O novo que está surgindo no continente africano e asiático, e de modo especial, na Índia e na Coreia do Sul, apresenta elementos culturais bem distintos do contexto europeu da Companhia.

No meu modo de ver, não são apenas prioridades regionais. Mais do que isso, provocam a necessidade de renovação de toda a vida religiosa dos jesuítas, pelo menos no que se refere ao dinamismo apostólico. Será preciso muita criatividade porque as dificuldades são muito maiores das que temos aqui. De muita criatividade para fazer o evangelho entrar nessas culturas.

Foi também apontado como prioridade, o Apostolado Intelectual, marca que define a atuação da

Companhia desde sua fundação.

Santo Inácio sentiu sua importância pelas dificuldades que teve com a Inquisição na aprovação dos Exercícios Espirituais, nas discussões teológicas daquele tempo, quando não bastava a simples boa vontade e motivação religiosa para anunciar o Evangelho. Era preciso que a pregação tivesse boa informação, fosse de qualidade e intelectual-mente pertinente.

Se no início, esse apostolado preocupava a Companhia, hoje, ativar sua renovação, é uma necessidade.

De fato, apesar de ser tradicionalmente uma prioridade, nota-se que a força intelectual dos jesuítas está dispersa. Transmito a única frase que citei do Padre Geral, Padre Adolfo Nicolás: “Se a Companhia deve deixar algum trabalho, nunca será o do Apostolado Intelectual”.

Também foram apontadas como prioridades as instituições interprovinciais.

São aquelas obras e atividades comuns a várias províncias, com destaque para as existentes em



Crédito: Jesuítas del Perú

Pe. Adolfo Nicolás, Superior Geral da Companhia de Jesus

Roma: a Universidade Gregoriana, o Instituto Bíblico, principalmente o Instituto Oriental. Elas precisam ser reforçadas pela importância da contribuição que trazem para a Igreja e, por consequência, para a própria Companhia. É reforço na qualidade mais que preenchimento de vagas.

Outra prioridade é a questão dos migrantes e dos refugiados.

No Brasil, até há pouco tempo, migrantes e refugiados não chamavam muito a nossa atenção. Ouvíamos falar da existência em outros países. Entre nós, a lembrança da colônia japonesa e das colônias de países da Europa. Já não é assim. O Brasil não pode ignorar esse fato social. Quem frequenta o centro de São Paulo observa que aos emigrantes latinos temos agora os haitianos. Nos bairros próximos, estão se formando verdadeiras

colônias. Eles não eram problema, mas “começam a se tornar o problema” em todos os níveis: o da exploração, da integração, de inserção na sociedade. Uma situação que tende a se aumentar.

Essas são as cinco prioridades escolhidas na Congregação dos Procuradores, cinco áreas de atenção.

O Padre Geral constituiu um grupo de trabalho que chamou de “Comitê de Missão”, com o objetivo de pensar a atuação dos jesuítas no mundo. É composto pelos seus Assistentes Gerais e três secretários, um para cada núcleo: Serviço da Fé, Promoção da Justiça e Colaboração dos Jesuítas entre si e com os outros.

No núcleo da Promoção da Justiça, por exemplo, está o serviço da ecologia, a questão dos migrantes, a dos refugiados.

No Serviço da Fé, o que a Teologia tem a dizer sobre os desafios que a ciência e a tecnologia trazem para no comportamento ético e religioso.

O terceiro núcleo que trata da colaboração é muito interessante. Traz uma mudança sutil, mas importante! Sempre se falou na Com-

panhia, de uma colaboração “com os outros na missão”, isto é, como devia ser a relação dos jesuítas com os não jesuítas, sejam eles leigos, sacerdotes, religiosos de outras ordens e congregações religiosas.

A sutileza está no detalhe da colaboração também dos jesuítas entre si!

Não atribuo a mim, mas dizem que os jesuítas são muito bons, enquanto sozinhos! Quando têm que trabalhar com outro jesuíta, deixam de ser bons!

É isso que precisamos superar! Na verdade, só se é bom com outros, aquele que é companheiro, com o outro que é jesuíta!

São essas as três dimensões que agora deverão estar mais presentes na nossa ação apostólica. São três atitudes, três preocupações, três práticas sempre presentes nas atividades, no Apostolado Intelectual, instituições educativas, obras sociais e paróquias.

A Congregação 35ª refere-se a elas com relação à nossa identidade. É preciso que ela esteja clara.

Não é um problema de “grife” ou “logomarca”. É modo de proceder, de realizar a missão.

No centro está o discernimento como uma condição *sine qua non*!

A defesa da fé, por exemplo, é muito importante porque hoje, a fé, não é uma questão evidente. A fé cristã não é unanimidade. Sabemos muito bem que numa celebração, por exemplo, se reúnem pessoas

de posturas diferentes. Quando dizemos fé, não estamos afirmando a mesma coisa para todos. Pode ser que, às vezes, até seja contraditória ou confusa. A clareza da fé só se alcança pelo engajamento pessoal, pelo modo de viver a própria existência. Portanto, não é um acessório. Precisamos levar isso em conta!

Por outro lado, não podemos fazer o nosso trabalho prescindindo dos outros. O nosso trabalho é com outros. Esse outro é jesuíta, esse outro é leigo, não importa. São os outros. É assim que a missão da Companhia se realiza.

Podemos dizer que o Senhor quis contar conosco na realização da sua missão. Como a missão da Companhia é a participação da missão de Cristo, não podemos proceder de maneira diferente se não contar com a colaboração de outros.

O que a Igreja espera da Companhia de Jesus?

Espera de cada obra, espera de nós todos, de nossa ação, duas coisas: profundidade e espírito.

Como jesuítas e colaboradores, o desejo mais profundo, é o de serem instrumentos nas mãos de Deus.

Para isso, ajuda-nos recuperar o espírito do silêncio. Explico: criar um lugar em nosso interior onde não haja ruídos, onde a voz do Espírito Santo de Deus nos possa falar com

suavidade e discrição; dirigir nosso discernimento. O barulho que mais nos incomoda não é o barulho externo, ainda que uma britadeira ao nosso lado muito nos incomoda! O que mais deve nos incomodar são as muitas vozes que falam no nosso interior. Não perceber de quem é a voz que fala dentro de nós. Qual é a voz de Deus?

Para ser instrumento em uma obra inaciana não poderia ser diferente. Para serem instrumentos na mão de Deus e garantir a profundidade e a criatividade, repito, é preciso recuperar o espírito do silêncio. Por isso, a sobrecarga de trabalho é o suicídio da nossa missão.

Ao terminar, aponto quatro questões como respostas sobre a missão da Companhia.

Em primeiro lugar, como aperfeiçoar nosso discernimento. Esse é o primeiro desafio. Falamos muito em discernimento. Quem sabe fazer discernimento? Quem efetivamente o faz?

Falamos muito em discernimento comunitário, mas quem já teve a experiência de fazê-lo?

É colocar oração no discernimento, naquilo que se entende por discernimento. O resto é problema de inteligência, em muitos casos, uma questão de bom senso.

O discernimento, porém, é diferente. O discernimento é próprio daquele que busca a vontade de Deus e deseja realizá-la. Não é só buscar da vontade de Deus, mas

escolher os melhores meios para sua realização.

Em segundo lugar, é a formação de lideranças capazes de conduzir os outros a Deus, não obstante dos meios de que se servem, como por exemplo, de uma aula de engenharia. Sabemos que não há incompatibilidade. Não pode ser uma desculpa para se justificar.

A terceira questão é possibilitar e aprofundar a colaboração entre os jesuítas, entre os jesuítas e outros colaboradores.

E o quarto desafio é o da nossa identidade católica e jesuítica. A identidade de nossas obras. Não podemos ter vergonha de nós mesmos, da história da Companhia, nem de ninguém! Não podemos nos envergonhar de nossa herança, seja ela qual tenha sido. Muito pelo contrário, temos que transparecer. As "logomarcas" são importantes, dão visibilidade, indicam o caminho. Muito mais importante é o que dá identidade é a vida interior, aquilo sai do mais profundo de nós mesmos. É o que recebemos e não o que construímos. Recebemos como dom: dom da tradição jesuítica, mas antes dela, como dom de Deus. Ele está na origem de tudo.

Portanto, nossa identidade, aquilo que faz uma instituição ser uma obra de inspiração inaciana, vem de dentro dela. Não vem de fora. Vem do mais profundo, vem do seu coração, esse tesouro que

Deus nos deu, não obstante sejamos como vasos de argila.

Em razão dessa identidade, é preciso avaliar se as nossas instituições continuam como instrumentos apostólicos. Esclarecer o seu objetivo primordial a serviço da missão da Igreja como Companhia de Jesus de futuro.

Aproveito do que o Padre Geral disse na missa de abertura, sem quebrar a confidencialidade porque o texto é conhecido no mundo inteiro. Refere-se àquela menina do Evangelho, que todo mundo pensava que estava morta.

Para recordar, o texto é de Luc. 8, 54. Jesus estava falando quando se aproximou o chefe da Sinagoga, inclinou-se profundamente e disse:
- Minha filha acaba de morrer. Vem impor tua mão e ela viverá.

Chegando à casa do chefe, Jesus viu os tocadores de flauta e uma multidão alvoroçada e disse.

- Retirai-vos, porque a menina não morreu, está dormindo.

Eles começaram a caçoar dele.

Quando a multidão se afastou, Jesus entrou, tomou a menina pela mão e ela se levantou.

Essa notícia espalhou-se por toda aquela região.

Se a compararmos com a menina, a Companhia de Jesus tem futuro!

Em primeiro lugar, observar que a palavra de Jesus é acompanhada de seu toque que desperta a menina do sono e a faz levantar.

A Companhia de Jesus é como a menina que dorme. Não morreu, mas dorme. Dorme e precisa ser tocada, sacudida para poder acordar, para poder levantar-se.

O que digo da Companhia serve também para a Igreja. A situação é idêntica. Haverá sempre tocadores de flauta e carpideiras, o povo da lamentação, daqueles que dão tudo por perdido!

Houve e sempre haverá pessoas assim na Companhia, na Igreja, nas nossas instituições, em nossas famílias. Julgam estar cumprindo seu papel de bons lamentadores, mesmo quando a menina apenas dorme!

Não me vejo fazendo parte desse grupo das carpideiras. A menina pode estar dormindo, mas estamos aguardando ansiosamente pela chegada do Senhor.

Desde o pedido que lhe é feito até a chegada à casa, o caminho é longo...

Sabemos que é preciso pedir e aguardar de coração aberto, sem resistências.

Sua visita será sempre salvífica...

É preciso recebê-lo, abrir espaço para que sua voz seja ouvida e se deixe conduzir por ela. Aguardamos esse tempo.

Parece-nos que o Senhor logo vai pegar as nossas mãos, nos sacudir e nos tirar do sono!

A Companhia de Jesus tem seu futuro no Senhor!

Obrigado. ▢

COMPANHIA DE JESUS



Pe. Mieczyslaw Smyda,
S.J.,
Provincial da Província do
Brasil Centro Leste.

*Alocução proferida pelo
Revmo. Provincial, em
sua visita ao Centro
Universitário da FEL.
São Bernardo do Campo,
10 de setembro de 2012.*



O ENCONTRO QUE LIBERTA

Caros irmãos na fé e colaboradores na Missão da Companhia de Jesus!

É uma grande graça de Deus iniciar a visita canônica à FEL, com esta celebração eucarística. Ela expressa o cuidado com a missão e o reconhecimento de nossa identidade, por meio do encontro com a alteridade, sobretudo com o Grande Outro que é Deus, por quem somos e existimos.

As leituras da liturgia de hoje nos trazem duas grandes questões para a nossa reflexão. A primeira delas nos coloca diante de Jesus, em sua missão a serviço do Reino de Deus; da necessidade humana em busca de seu socorro; e do

farisaísmo, com suas exigências de que a lei do sábado fosse cumprida com rigor. A segunda questão é apresentada por Paulo, quando nos exorta a uma vida coerente com os valores de Cristo, como pessoas livres, que não se deixam escravizar pelas paixões desordenadas.

A cura como experiência de encontro e desencontro com Jesus:

Em seu Evangelho, Lucas chama a atenção para um detalhe, só por ele mencionado, de que o homem, a quem Jesus cura, tinha sua *mão direita* atrofiada (Lc 6,6-11).

Esse detalhe sugere não somente a acuidade médica de Lucas, mas — segundo um evangelho apócrifo — nos faz pensar na condição de um trabalhador artesão, que incapaz de realizar seu trabalho, só lhe restará viver na mendicância.

A intervenção de Jesus, diante da comunidade reunida na sinagoga, representa enfrentamento aberto à tradição judaica a respeito da obrigatoriedade do repouso sabático. Curar era trabalho interdito para ser feito no Shabat (descanso, inatividade). A transgressão desse mandamento era prevista com pena de morte pela Torá (Êxodo 31,14). Somente os que

estivessem correndo perigo de vida podiam ser atendidos no Shabat e este, de longe, não era o caso.

Quando Jesus traz o homem para o meio da sinagoga, na frente de todos, não está preocupado com a lei que interdita o trabalho e a cura no dia do Shabat (a casuística dos fariseus). Estabelece, sim, o grande princípio de que sempre se pode fazer o bem no sábado ou em qualquer momento da vida. A questão para Jesus é outra: “o que é permitido fazer no sábado: o bem ou o mal, salvar uma vida ou deixar que se perca”? Enquanto Jesus quer salvar vidas, os fariseus planejam como acabar com a vida de Jesus. São cegos para o mal que planejam, em nome da ortodoxia religiosa.

O significado desta cura tem muito a nos dizer para nossas vidas hoje, quando olhamos para cada um dos personagens desta cena.

Há o encontro do homem de mão atrofiada com Jesus. Carrega consigo o anelo de ser libertado da incapacidade de trabalhar, de ganhar o sustento por meio de seu esforço; espera poder viver seus dias com dignidade. Por isso se dispõe a tentar o impossível com a ajuda de Jesus. Ele não discute nem racionaliza a realidade em que vive. Recusa-se a perder a esperança. Arrisca-se sair de sua situação fragilizada, para expor toda sua vida a Jesus: para tocar e ser tocado por Ele.

A realização do impossível desconcerta a todos, porque exige

mais fé e confiança naquilo que somente Deus pode inaugurar na vida dos que confiam n’Ele, incondicionalmente. O que era impossível para os homens torna-se possível para Deus, pelas mãos e palavras de Jesus.

Há o encontro de Jesus com o homem da mão atrofiada. Jesus age independente do que os outros pensam das suas atitudes e posturas. Ele faz o bem, sana o que é doente, o que impede ao ser humano de ser mais, porque esta é a vontade de Deus para ser realizada.

Há ainda o desencontro com os fariseus. Estes seguem o estranho caminho de odiar aquele que cura um homem no dia de sábado. Em nome da tradição, veem o bem que Jesus realiza como um mal. Vão acusá-lo de fazer curas por Belzebu, príncipe dos demônios. Eles são o exemplo de uma piedade e mentalidade enrijecidas, incapazes de manifestar misericórdia para com o semelhante. Ao contrário de Jesus, colocam a lei e os sistemas acima das necessidades humanas. Não apenas amam mais seus próprios sistemas e tradições do que a Deus e aos demais; eles fecham-se de tal modo na sua maneira de pensar, que nenhuma luz consegue penetrar tamanha cegueira.

Jesus vive plenamente a dimensão do encontro, para gerar perdão e vida. Nele, as relações humanas e o sentido da vida superam as questões do poder – seja da religião ou da

esfera política – em que, ao invés de servir e cuidar, o poder oprime e sufoca. Vemos que, a partir do encontro com Jesus, a paz e a concórdia, a amabilidade e a boa vontade são indispensáveis para vivermos nesse mundo que nos é dado por Deus como graça e oportunidade. A advertência de Jesus também nos atinge, porque sempre se corre o perigo de colocar a lealdade aos sistemas acima da lealdade a Deus.

A questão da assepsia necessária:

O apóstolo Paulo toma posição diante da realidade concreta da incoerência de um homem que voltou aos costumes pagãos, conforme os critérios do mundo sem Cristo (1Cor 5,1-8). Este caso é uma ocasião para reiterar a toda comunidade que o caminho do seguimento de Cristo demanda fidelidade e firmeza. Cabe aos cristãos viver a repulsa ao pecado, para ser barreira contra o mundo de hipocrisia, imoralidade e desonestidade.

É por isso que o ser humano que tem valores arraigados no conhecimento pessoal de Cristo é uma nova criatura. Pois tem consciência de ser pecador amado e perdoado por Deus, que é Pai de todos. Faz-se purificar por dentro e por fora, por uma vida disciplinada contra toda desmedida, em que o único excesso tolerado é o de amar cada vez mais, sem limites, como Jesus nos amou até se entregar na cruz. Amém. □



**Dr. Antonio Roberto
Batista**
Vice-Presidente da
Fundação Educacional
Inaciana Pe. Saboia de
Medeiros - FEI

*Homenagem da FEI na
comemoração dos 40 anos
de vida sacerdotal do
Pe. Theodoro Peters*



40 ANOS DE SACERDÓCIO

Pe. Theodoro Peters

Padre Peters,

O senhor é hoje o nosso homenageado. Portanto, por alguns momentos, devo substituí-lo para cumprir a honrosa tarefa, mas de grande responsabilidade, de representar a FEI e todos os seus colaboradores e lhe transmitir, em poucas palavras, a nossa carinhosa homenagem pela data.

Comemoramos 40 anos da sua ordenação sacerdotal, ou seja, do registro formal de uma vocação, um tema que o senhor tão bem conhece, não só por viver intensamente a própria vocação, como por atuar despertando e guiando a vocação de tantos jovens.

Uma palavra sobre o sentido da Vocação. Podemos entendê-la como o encontro bem sucedido de um talento, um dom ou um carisma recebido pela graça de Deus e uma vontade. Para dar consequência prática a esse talento é preciso que se manifeste a nossa determinação de fazê-lo.

Deus não impõe, Deus propõe. Cabe a nós aceitar o chamamento e corresponder à missão que nos é apresentada com fé e empenho.

O mais perfeito exemplo da

aceitação de uma vocação, para nós cristãos, está retratado no episódio da anunciação, quando Maria é comunicada pelo anjo da missão especialíssima que Deus lhe reservava. Ela responde com um humilde, mas inteiro e dedicado “sim”, expressado com tanta beleza no “magnificat” que acabamos de ouvir durante esta missa. Maria cumpre a sua missão inteiramente, desde os momentos mais gratificantes até os mais dolorosos. E continua a cumpri-la ao interceder por nós.

No dia 16 de julho de 1972, há exatos 40 anos, o Padre Peters deu seu inteiro e definitivo “sim” à Companhia de Jesus e ao chamado para a vida sacerdotal. Deu continuidade à sua vocação da melhor forma, unindo o sacerdócio ao seu talento de educador no Colégio São Luiz, nas Faculdades São Luiz, na Universidade Católica de Pernambuco, como professor, como orientador pedagógico, como dirigente, como Reitor e especialmente, aqui entre nós, como Presidente da nossa Fundação. Que melhor lugar haveria para fazê-lo do que a Companhia que fundou São Paulo no Pátio do

Colégio e acompanha o nosso país desde as suas mais remotas raízes?

A FEI, por sua vez, sem dúvida é uma instituição abençoada. Criada pelo gênio visionário e empreendedor do Padre Saboia de Medeiros; consolidada pela mão segura e determinada do Padre Aldemar Moreira; hoje é conduzida rumo a um futuro que há de ser de realizações ainda maiores pela sabedoria do Padre Peters, numa bem dosada combinação de prudência e ousadia. Nem prudência excessiva e paralisante, nem ousadia abusiva e aventureira, mas uma equilibrada composição dessas duas virtudes, o que define a verdadeira sabedoria. O homem certo no lugar certo, como se costuma dizer, comandando o seletor corpo diretivo, docente e de funcionários da FEI e do seu Centro Universitário.

Pe. Peters, é uma alegria para todos nós compartilharmos esta data consigo. São 40 anos de bons serviços prestados à Igreja. É uma longa trajetória de sacerdote, educador e dedicação plena a uma vocação.

Receba o nosso carinho, nossa gratidão e a expectativa de poderemos todos acompanhá-lo por, no mínimo, mais 40 anos de caminhada. ▢

O SACERDÓCIO A SERVIÇO DA MISSÃO



Irmãos e Irmãs:

Que bom estarmos reunidos hoje para partilhar os dons de Deus continuamente concedidos. Deus é Bom e para o Bem nos induz. Deus colocou a racionalidade no ser humano, permitindo a percepção do sentido da vida, a aspiração à perpetuação eterna, a formação da família, a fundação da sociedade, a criação da cultura, a espiritualidade para a interlocução reveladora da intimidade divina que se revela no tempo terrestre. Deus age na história humana dando-se a conhecer para que o ser humano evolua procurando espelhar-se naquele de “quem provém todo o dom perfeito, o Pai das Luzes”.

Deus não age solitariamente,

escolhe mediadores para testemunharem fé e confiança nele, para seguirem suas indicações e abrirem novas perspectivas no relacionamento recíproco entre as pessoas e delas consigo. Deus está sempre presente, atraindo cada pessoa a ultrapassar seus limites para atingir níveis de qualidade ou de virtude até então ignorados.

Hoje é um dia especial para dizer obrigado a Deus pelas suas graças ao celebrar com vocês a vocação à Companhia de Jesus. Agradeço a Deus o dom da vida acolhida em uma família consagrada ao amor, nascendo como filho e como irmão. Ser filho é natural, basta nascer, ser irmão é vocação a ser cultivada.

Meus pais, Edna e Theodoro Agostinho, foram generosos partilhando a vida e promovendo continuamente a fraternidade entre todos nós, fraternidade expressa nas alegrias e felicidades, na solidariedade fiel para renúncia das preferências pessoais em prol do bem comum de todos, na contemplação do mais frágil a ser assistido ou atendido. A bondade divina se fazia sentir em nosso dia a dia. Minha mãe sempre confiava: “Deus sempre ajudou! Deus sempre ajudará!”

A experiência espiritual já vivida era referência para a que estava

sendo experimentada e garantia a vindoura no futuro. Algumas vezes, meu pai comunicava dificuldades que enfrentava e nos encorajava com seu exemplo: “quando eu não sei mais o que fazer, eu rezo um Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo e vou em frente, com plena confiança”, induzindo a todos nós na certeza de que a estrada da liberdade nos conduz à verdade.

Havia a possibilidade de fazer parte da família colaborando nas atividades próprias de uma casa, de acordo com a capacidade e idade de cada um. O que à primeira vista contrariava, mas depois divertia pelo bem que cada um sentia. Cada irmão que nascia era confiado à guarda do imediatamente anterior como forma de eliminar ciúme, consagrando o recém-nascido com a melhor acolhida.

Fui estudar o colegial interno no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, o que me permitiu grande autonomia em relação à família e grande autodisciplina em relação a horários, deveres e encargos. Convivi com jesuítas dedicados aos seus ministérios e vida comunitária. Depois do colegial, fui admitido ao noviciado em Itaici, em 1961 (completei 51 anos de vida religiosa) e, a seguir, as diversas etapas da formação dos jesuítas, tendo sido consagrado sacerdote há quarenta anos, aqui em São Paulo, na Basílica Menor de Nossa Senhora do Carmo, no bairro da Liberdade.

COMPANHIA
DE JESUS

Pe. Theodoro Peters, S.J.,
Presidente da FEI

São Paulo,
16 de julho de 2012.

Foi uma cerimônia muito bonita, presidida pelo então bispo de Nova Friburgo, o Beneditino Dom Clemente José Maria Isnard, acompanhado na celebração por grande número de sacerdotes, a presença de muitos jesuítas, meus familiares, amigos, conhecidos, antigos alunos e a comunidade paroquial porque era a festa da padroeira Nossa Senhora do Carmo.

Pelo ministério sacerdotal o jesuíta é entregue à missão de Evangelização das comunidades, da cultura, para a celebração eucarística, e administrar os diversos sacramentos ao Povo de Deus. Consagrado sacerdote, o jesuíta é acolhido em cada comunidade pelos colaboradores, pelos que partilham seu ministério, pelos que são a razão do exercício ministerial. A comunidade cristã ajuda muito a vocação do sacerdote pelo modo como o acolhe, recebe, incentiva, exige, espera e reivindica.

Hoje vocês são a comunidade que me incentiva a prosseguir no caminho começado há 51, e há 40 anos, em 1961 e 1972. Estão aqui presentes companheiros de missão e vida comunitária da Companhia de Jesus, irmãos e irmãs com suas famílias afirmando que os familiares, das diversas gerações, sempre me apoiaram e me acompanharam, conselheiros e diretores e corpo funcional da FEI lotados na Administração Central, colaboradores no ensino, pesquisa, extensão, ação

social e administração do Centro Universitário da FEI dos *campi* SBC e SP, amigos, antigos alunos do São Luís. Agradeço também ao Pe. Paiva que completará no final do mês seus quarenta anos de sacerdócio, tendo já completado seus cinquenta anos de consagração na Companhia de Jesus, estar celebrando conosco esta eucaristia.

A melhor maneira de agradecer a Deus é através da proclamação da sua Palavra na celebração eucarística que hoje a Igreja nos propôs.

O Profeta Zacarias faz um convite à alegria, à exaltação, porque está anunciando que Deus vem habitar no meio dos seus. A vinda divina é triunfal, deixará como lastro a união de todos os povos. Deus age entre nós e surpreende todos os mortais. Calam-se diante do acontecimento. Este profeta, no umbral do Novo Testamento, vislumbra a vinda de Deus entre nós. Vinda que cumpre a promessa feita pelo próprio Deus, desde Moisés e de diversos profetas. Vinda que trará a felicidade para quem acolher a manifestação divina, como Maria, Mãe de Jesus, expressou sua gratidão pessoal após a saudação de Isabel, sua prima. No seu cantar, ela se concentra na grandeza de Deus, se apresenta como humilde colaboradora que Deus chama para coisas Magníficas. Deus é Santo e Bom. Ela reconhece a continuidade das promessas divinas outrora feitas a Abraão. É o Deus único que reverte a ordem social rei-

nante restabelecendo a equidade.

Maria expressa sua relação de intimidade com Deus, percebendo seus desígnios, lendo seus vestígios na saudação do anjo, em Nazaré, e na manifestação de Isabel, na Judéia. Relação que, no Evangelho, Jesus afirma que ele mesmo estabelece, porque solicitado pelos seus familiares por alguém que lhe enviassem afirma que sua verdadeira família é a família sintonizada com Deus.

O Pai de Jesus, nosso Deus, é o elo entre o próprio Jesus e a humanidade. O Pai dá a conhecer seu Filho Jesus às pessoas que o buscam de reto coração. O Filho revela o Pai para que todos possam ter acesso a Ele. Jesus apresenta os laços mais fortes que se estabelecem entre os que o escutam, o acompanham e que, como Ele, realizam a vontade de Deus. A família de Jesus é estabelecida na fé em Deus e na resposta, através do agir humano revelador da veracidade da mesma fé.

Estamos contentes porque Deus quer estar presente em nós e, através de nosso testemunho, aproximar-se de toda a humanidade. Nossa cooperação alegra a Deus e nos oferece a satisfação de estarmos também cooperando com Deus para a salvação da humanidade, através do convite para participar da verdadeira família de Jesus, na fé e na obediência aos ditames do Pai, que nos ama e nos envia seu Filho para estar sempre entre nós. Amém. ▢



ANO DA FÉ

11 de outubro de 2012 –
24 de novembro de 2013

Crédito da Foto para Reprodução da Internet - www.cnb.org.br)

NOVA AÇÃO EVANGELIZADORA

No dia da ascensão, quando Jesus se despedia dos apóstolos, deu-lhes uma orientação que deveria ser referencial para todo ministério apostólico:

“Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho a toda criatura...”
Mc. 16,15

A capacitação para essa missão foi confirmada no dia de Pente-

costes quando tiveram suas mentes iluminadas pelo Espírito Santo. Na simbologia de uma chama, reavivou o que tinham ouvido de Jesus durante o tempo em que conviveram com ele.

A primeira providência foi a formação das primeiras comunidades com os que conheceram Jesus, os que ouviram sua pregação e os que

tinham formação cultural e religiosa do povo judeu.

Em seguida, seguiu-se a integração de outras pessoas de culturas diversas, trazidas ao cristianismo pela pregação de São Paulo.

O crescimento expressivo das novas comunidades obrigou aos Apóstolos a rever a forma da acolhida e o conteúdo da evangelização,

ANO DA FÉ



Pe. Paulo D'Elboux, S.J.,
Assistente Religioso da FEL

libertando-se do que tinha sido importado do judaísmo e já não tinha mais sentido.

Vivemos um novo momento na Igreja Católica atual.

Fazem diferença a velocidade com que as mudanças acontecem e a complexidade dos condicionantes que as envolvem.

Há cinquenta anos, João XXIII abria o Concílio Vaticano II, como sinal visível da ação do Espírito para a renovação de uma Igreja pesada, imobilizada pela própria estrutura. Ela já não correspondia às exigências evangelizadoras de caminhar ao encontro do mundo e das pessoas.

O Concílio instaurou o novo tempo no qual a Igreja cumpre a missão de luz para iluminar os caminhos da humanidade alvo-rogada por inúmeros desafios.

O início da década de sessenta é referencial dessas profundas mudanças no comportamento familiar, social, político, cultural e religioso que começavam a se instalar na sociedade.

O Concílio trouxe otimismo ao aprofundar a reflexão sobre o sentido da vida, dos relacionamentos que traduzem solidariedade como sinal da paz quando consegue promover a concórdia pela aceitação e respeito das diferenças.

Veio fortalecer a esperança. Por mais difíceis e desafiadoras que sejam as adversidades, a história está nas mãos de um Deus que é fiel. Ele é o Senhor dos tempos!

Para o Terceiro Mundo em geral, e para a América Latina, mais próxima de nós, a ação da Igreja manifestou-se principalmente na área do social, quando os olhos se voltaram para o sofrimento dos povos latinoamericanos marcados pela pobreza e injustiça, numa luta acirrada por soluções radicais entre as classes e os sistemas políticos vigentes.



ANO DA FÉ 2012
2013

As instituições religiosas voltaram-se para os mais pobres; abriram as portas das suas obras para as classes menos favorecidas; elaboraram novas linhas para uma estrutura econômica e social mais justa.

As igrejas, sem deixar a ação pastoral dos sacramentos, passaram a colaborar com os movimentos pelos oprimidos, assumindo a missão de ser a voz dos que não tinham vez!

A teologia abria um viés teórico da libertação como proposta de nova forma da abordagem da missão nas Comunidades Eclesiais de Base.

Cinquenta anos se passaram.

O desenho do mundo é outro ainda que os desafios continuem com os mesmos conflitos internacionais, diferenças sociais e rivalidades políticas.

O contexto é que se modifica quando analisamos o comportamento do comércio internacional, a migração do capital num mundo globalizado, o domínio da informática e internet, a ecologia alertando para a questão da fome, do aquecimento global e do futuro do planeta.

O Espírito Santo motiva a Igreja para observar melhor os sinais deste tempo. Atualizar a ação evangelizadora sob o enfoque de uma ótica nova: a da dimensão da Fé.

A humanidade tem os olhos cansados de ver problemas cada vez mais complexos que surgem a cada tempestade como um tsunami asiático ou uma sandy americana; o tráfico das drogas; as barbáries políticas e os atentados contra a cultura da vida das pessoas e nações.

A fé num Deus que se fez próximo do homem, que pelo Filho doou-se a si mesmo para salvá-lo, indica, de forma luminosa, que a humanidade consegue atingir a sua plenitude quando redescobre o sentido do amor.

Esta é a proposta da Igreja para o Ano da Fé: reavivar a relação de afeto e confiança com Aquele que amou tanto o mundo que entregou seu Filho para salvá-lo. ▢



24^a Assembleia Geral



Federação Internacional de Universidades Católicas



Cardeal Dom Zenon Grocholewski,
Prefeito da Congregação
para a Educação Católica,
Santa Fé - Roma

*Alocução proferida na
abertura da 24ª Assembleia
Geral da FIUC, realizada
na FEI em julho de 2012*

O TEMA DA FÉ NA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Prezados participantes desta sessão inaugural,

O Papa Bento XVI, dirigindo-se aos que estavam presentes na reunião plenária da Congregação para a Doutrina da Fé, dizia:

“Como sabemos, em vastas regiões da Terra, a fé corre o perigo de se extinguir, como uma chama que deixou de ser alimentada. Estamos diante de uma profunda crise de fé, da perda do sentido religioso, o que se constitui em o maior desafio para a Igreja de hoje.”

Diante dessa dura realidade, o Santo Padre promulgou o Ano da Fé, que começa no próximo dia 11 de outubro.

Esse ano será um momento de graça para renovação da fé e para que Deus seja anunciado com alegria ao homem do nosso tempo. Trata-se de um compromisso ao qual todos são chamados a aderir, de modo particular, as instituições católicas de Ensino Superior.

Com este Ano da Fé, poderá ser mais expressiva a celebração que deveremos fazer em 2015, por ocasião dos 100 anos da criação da Congregação dos *Seminarium Studiorum Universitatum*, os 50 anos da declaração *“Gravissimum Educationis”* e os 25 anos da Constituição

Apostólica *“Ex corde Ecclesiae”*. Muito me alegraria se essa comemoração pudesse ser realizada na próxima Assembleia Geral da Federação Mundial das Universidades Católicas.

Por esse motivo, quero focar minha intervenção sobre o tema da fé e a Universidade Católica, aproveitando-me especificamente do lema desta Assembleia Geral: *“Ensinar e aprender a fé na Universidade Católica”*.

Começo lembrando a pergunta que Jesus fez a seus discípulos:

“Quando vier o Filho do Homem, encontrará a fé sobre a terra?”

No evangelho, a pergunta não foi respondida. Permanece aberta desde aquela época.

Ao longo da história, cada geração tentou dar uma resposta colocando todo o empenho em propagar a fé em Cristo e em sua Igreja.

Quanto a isso, o papa Bento XVI, no dia 11 de outubro do ano passado, ao falar sobre o Ano da Fé, dizia:

“Pela fé, homens e mulheres de todas as idades confessaram, ao longo dos séculos, a beleza de seguir o Senhor Jesus no lugar aonde eram chamados para dar testemunho de ser cristão na família, na profissão, na vida pública e no desempenho



dos carismas nos ministérios que lhes foram confiados.”

São muitos os testemunhos de fé legados ao longo da história para serem reproduzidos agora, nesta Sessão de Abertura. Mas, ainda que me veja limitado por esta circunstância, diante de tantos exemplos expressivos, de tantos testemunhos incansáveis, vejo que vale a pena refletir sobre o empenho das Universidades Católicas em relação à fé.

Começo apontando para alguns questionamentos: nas Universidades Católicas, espalhadas por todo o mundo, podemos hoje encontrar a fé? Em outras palavras, seria razoável definir a Universidade Católica, além da identidade acadêmica, como uma comunidade de fé? A Universidade Católica é uma instituição em que é possível o ensino e a aprendizagem da fé?

Deixemos que a reflexão de Igreja nos ajude a responder tais perguntas.

As universidades foram concebidas, conforme diz a história, como um corpo, como uma sociedade,



um colégio, em outras palavras, como um grupo de pessoas reunidas para desenvolver a pesquisa e aprofundar a reflexão.

Sobre a Universidade Católica, como instituição acadêmica, já se escreveu muito. Mas, uma reflexão propriamente dita sobre uma comunidade de fé, de maneira mais explícita, apareceu recentemente nos ensinamentos do Papa João Paulo II e ganhou força e forma com Bento XVI.

A Universidade Católica, segundo o pensamento do beato João Paulo II, em sintonia com as diretrizes do Concílio Vaticano II, é uma comunidade que tem como objetivo a busca da verdade. A verdade, por sua vez, só é obtida quando está em perfeita harmonia com a fé e a razão.

O Papa Bento XVI, desde o início de seu pontificado, mostra especial atenção para o mundo universitário. Seus discursos e intervenções sempre nos surpreendem e nos motivam a aprofundar a reflexão sobre os assuntos que aborda.

Sobre a Universidade Católica como comunidade de fé, o Santo

Padre frequentemente tem dirigido mensagens. Portanto, sem medo de errar e seguindo o pensamento desses nossos queridos pontífices, podemos afirmar que a Universidade Católica é uma instituição que procura demonstrar que a fé cristã é fermento de cultura e luz para a inteligência. É também, estímulo para o desenvolvimento de todas as potencialidades em relação ao autêntico bem que satisfaça o homem.

Dando sequência às questões colocadas, vejamos como é possível ensinar a fé numa Universidade Católica.

Alguém pode pensar que com a frase “ensinar a fé”, estou propondo às Universidades Católicas introduzir sessões de formação religiosa para os professores e aulas de catecismo para os estudantes!

Claro que o conhecimento da fé não deve faltar a uma instituição católica. Mas, a proposta que faço está ligada ao caráter de integridade da razão quando é iluminada pela fé. Em outras palavras, fazer ciência e pesquisa através de uma

racionalidade que recebe a luz da fé.

Para o Catecismo da Igreja Católica, editado após o Concílio Vaticano II, a fé é uma adesão pessoal do homem a Deus e, ao mesmo tempo, com a liberdade de consentimento com toda a verdade que ele revela.

Contudo, ainda que o crer seja um ato pessoal, não significa ser um ato isolado e, muito menos, que a pessoa não leve em conta o racional. A fé deve ser vivenciada junto com os outros e relacionada com a razão.

No caso das Universidades Católicas é necessário que a luz da fé esteja presente nos diferentes ensinamentos, como dizia o beato João Paulo II:

“A luz da fé não pode ser colocada fora da pesquisa, como se fosse um limite ou impedimento. Deve, porém, estar mais acima para elevar e ampliar o seu horizonte. A luz da fé abre a universidade para a integridade da verdade, sem dispensá-la do esforço na investigação, muitas vezes difícil e dolorosa. Luz para o resgate e para a ajuda”.

Portanto, nessa integração do saber com a verdade a que todas as

Universidades Católicas se propõem, não pode faltar a fé. Naquelas em que existe a cátedra de Teologia é necessário que o ensino da fé não fique restrito à própria cátedra, mas esteja conectado com as outras disciplinas, como disse o Santo Padre na última sessão plenária da Congregação para a Educação Católica: *“Quero sublinhar a conexão da Teologia com as outras disciplinas, quando é ensinada nas Universidades Católicas”*.

O beato John Harry Newman costumava falar de um círculo do saber para indicar que existe interdependência entre as várias áreas do saber, mas só Deus tem relação com a totalidade do que é real. Portanto, eliminar Deus, significa quebrar o círculo do saber.

Nas universidades onde não existe cátedra de Teologia ou onde a presença dos católicos é muito pequena, a exemplo do resto de Israel a que se refere o profeta Isaías, esses poucos católicos são chamados a ser luz para que a salvação chegue até os confins da terra.

Uma última questão: como aprofundar a fé numa Universidade Católica?

O papa Bento XVI propôs alguns meios: refletir, professar, testemunhar e celebrar a fé.

Vou me concentrar em dois pontos: refletir e celebrar a fé.

A Congregação para a Doutrina da Fé, em nota sobre o Ano da Fé, assinala como tarefa fundamental das Universidades Católicas, veri-

ficarem qual a importância que é dada aos conteúdos do Catecismo da Igreja Católica, às implicações que afetam às demais disciplinas.

Trata-se, no fundo, de verificar se na reflexão acadêmica leva-se a sério a busca da verdade em todas as suas dimensões, ou seja, se há lugar para a integração entre a pesquisa científica e a devida consideração das verdades da fé. Essa integração



Beato John H. Newman - Patrono da FIUC

enriquece tanto a ciência como a fé.

Outro ponto para seu aprofundamento é a celebração da fé.

Entre os objetivos do Ano da Fé encontra-se o redescobrimento da alegria de crer, de reencontrar o entusiasmo de demonstrar ter fé. Em outras palavras, é procurar que em nossas universidades exista um ambiente onde a fé em Cristo e na sua Igreja provoquem alegria e entusiasmo. É aquele ambiente, aquele espaço onde, pela liturgia

e, em especial, através da Eucaristia, a fé seja celebrada. Um ambiente em que as universidades sigam sua vocação de buscar a verdade pela experiência de Deus.

Para celebrar a fé é necessário conceber a Universidade Católica como nascida do coração da Igreja, como uma comunidade que faz parte integral da Igreja, como um órgão vivo do Corpo Místico de Cristo, com o qual colabora em harmonia com os demais.

Quanto mais viver a realidade de ser Igreja, mais se sentirá como um elemento integrante da realização da missão de ensinar, colaborando com a hierarquia e as comunidades, transformando-se em um sinal da existência de uma realidade transcendente.

Desta forma, a fé deve ser verdadeiramente celebrada, fortalecida e aprofundada.

Concluindo. Apesar de passados tantos anos, com grande força e entusiasmo, continuam a ressoar em nossos corações as palavras do beato João Paulo II, na Constituição Apostólica *“Ex corde Ecclesiae”*, das quais quero me apropriar:

“Queridos irmãos e irmãs, que minha confiança os acompanhe em seu trabalho diário, cada vez mais importante, urgente e necessário para a causa da evangelização e para o futuro das culturas. A Igreja e o mundo precisam de seu testemunho e da sua competente, livre e responsável contribuição”. Muito obrigado. ▢



NOVOS TEMPOS, NOVOS PROFESSORES, NOVOS ALUNOS

Prezados convidados, caros amigos,

Estamos reunidos nesta Assembleia Geral da FIUC para refletir sobre o ensinar e o aprender nas Universidades Católicas, nestes novos tempos. Participar dessa reflexão é um privilégio para mim, uma grande honra. É também muita responsabilidade! Quero agradecer-lhes a confiança que depositam em mim.

A primeira questão que se coloca é a de como são os novos tempos, os novos estudantes, os novos professores? Como responder essa pergunta? Não há nada de previsível, tudo está em mudança. A evolução é rápida demais, tornando-se difícil a análise do presente.

Para não ser cansativa ao abordar o tema, desejo propor algumas pistas de reflexão dando maior ênfase aos estudantes.

A tomada de consciência dos novos desafios traz para a humanidade, como marca de nosso tempo: como salvar os recursos de nosso planeta? Como enfrentar o aquecimento global? A explosão demográfica, a globalização econômica e os países emergentes, por sua vez, colocam em questão a antiga forma de dominação das grandes potências tradicionais e a visão que se tinha do mundo.



Profa. Britt-Mari Barth,
Professora Emérita do
Instituto Superior de
Pedagogia - Institut
Catholique de Paris

*Trechos da palestra
proferida na Sessão de
Abertura da 24ª Assembleia
Geral da FIUC, na FEI em
julho de 2012.*

Diante desses desafios, quais deveriam ser as prioridades da educação? Onde obter respostas? Nestes tempos turbulentos não há como recorrer à tradição, voltar ao passado para encontrar as fontes de renovação. Que perspectivas podem oferecer de modo que sejamos capazes de mudar comportamentos?

Os novos tempos são dirigidos pela tecnologia, dominados pela rapidez de sua evolução e pela necessidade de se adaptar às novas ferramentas do conhecimento e da comunicação.

Vivemos uma mutação tecnológica e social, uma revolução trazida pelo computador, por uma cultura multimidiática: a internet, o Facebook, o Google, o Twitter. É, portanto, um mundo hiperinformatizado, com informações precárias e manipuladas. Estão disponíveis a todos como um jogo de criança. O brinquedo é substituído pela tela do computador, pelo tablet, pelo celular. O lado lúdico encontra-se nos hábitos e modalidades de acesso. Já se pode dizer que a escola não é mais tão necessária para se obter o saber.

Por outro lado, a rapidez da tecnologia influencia as relações humanas levando-as à mudança de comportamentos. O mundo nunca foi tão interconectado e ao mesmo tempo tão dissociado.

O psicólogo americano, [Robert Putnan](#), no seu livro *Bowling alone*, analisa como diminuiu o relaciona-

mento social, o que ele chama de capital social. Segundo ele, os Estados Unidos, por exemplo, sofrem de um decréscimo da vida cívica, social e associativa com consequências dramáticas em relação à ajuda mútua, à solidariedade social. É o caso de um jovem estudante afro-americano que no final do dia, depois de ter comprado bombons, ao chegar à sua casa, é abatido por um policial branco que se justificou dizendo sentir-se ameaçado e por isso agiu em legítima defesa. O mesmo acontece na Europa. A identificação com uma causa leva a uma reação violenta se for rejeitada, confrontada.

Mesmo diante das ameaças mundiais e de temas preocupantes, como a mudança climática ou a crise financeira, fracassaram as cúpulas internacionais realizadas nos últimos anos.

É preciso reinventar as condições de conviver, de despertar o sentimento comunitário. É urgente sentir-se portador de um projeto humanista comum, planetário.

O filósofo francês [Michel Serres](#) fala de uma mutação antropológica. Não habitamos mais no mesmo espaço. Nossas instituições tornaram-se caducas. Foram criadas na época em que o mundo não era este, com tanta diversidade e comunicação.

O pensador americano [Jere-my Rifkin](#) explora a desconexão existente entre a visão que temos do planeta e a dificuldade em

concretizá-la. Para ele, a explicação está no fato de que nosso cérebro, as nossas estruturas mentais nos fazem ver, sentir e agir a partir do mundo em que fomos criados. Não estão adaptados ao novo contexto e por isso colocam em risco os valores espirituais e morais.

No mesmo sentido, [Edgar Morin](#), pensador francês, chama a atenção sobre a crise do conhecimento e reclama uma reforma do pensamento. Para ele, o sistema de pensar está tão enraizado em nossa mente que há dificuldades para novos conhecimentos. Desenvolveu a ideia de contextualizar a informação integrando-a em um conjunto que lhe dê sentido. O parcelamento, o compartimento do conhecimento em disciplinas que não se relacionam dificulta detectar e abordar os problemas fundamentais e globais.

As novas tecnologias causaram outra mudança: a percepção do tempo mudou, está acelerado. As informações são tantas e chegam sem parar, numa renovação constante. As transações financeiras são instantâneas. As decisões precisam ser tomadas com urgência, talvez até demais. Temos tempo para refletir?

Estamos superexpostos a muitas formas de comportamento e estilos de vida. Sabemos, em tempo real, o que se passa na Noruega, na Síria, no mundo inteiro. Estamos na era do relativismo crescente. Que lugar ocupa o indivíduo nessa sociedade em mutação?

Nosso tempo é marcado por uma angústia latente. Angústia pela provável falta de capacidade de se produzir o que é necessário para uma população que cresce. Angústia diante da política econômica globalizada. Angústia por não conseguir emprego, não encontrar um lugar na vida.

Nesse momento novo, os novos tempos mudam a nossa maneira de pensar, nossas crenças, nossas relações, nossas tradições. Como preparar os estudantes para o futuro?

Quem são esses novos estudantes?

A pesquisa feita pela FIUC mostra-nos o seu perfil. Faço um pequeno retrato de como os vejo.

Primeiramente, são numerosos. Não são apenas os representantes das elites. Trazem o desafio causado pela democratização do ensino. A massificação do Ensino Superior afeta o favorecimento do recrutamento precedente e traz problemas de defasagem cultural.

Os estudantes de hoje são resultados da nova *cyber cultura*. Não vêm da escola nem chegam às universidades com as mesmas expectativas. Não se pode ignorar isso. Existe uma nova postura em relação à autoridade, ao saber e

à aprendizagem. Professores e estudantes têm acesso às mesmas informações, mas estes se portam como autônomos desejosos em determinar por si mesmos o conteúdo do que deve ser ensinado. Esse enfoque no desenvolvimento das próprias capacidades favorece a que pensem estar preparados para a complexidade do mundo profissional.

Oriundos da geração "y", como nativos digitais, são muito eficientes e rápidos, utilizando-se das novas tecnologias com mais habilidades que os professores.

Criam processos paralelos, passam de uma informação para outra. Comportam-se como quem está em constante relação com o mundo; comunicam-se além das fronteiras, graças às redes sociais.

Pelo acesso ao mundo virtual, estão abertos ao mundo real, sensíveis aos problemas sociais e ecológicos do planeta. No entanto, a capacidade de se concentrar, de aprofundar um problema não melhorou!

Comparados aos mais idosos de formação clássica, sentem dificuldade para organizar as ideias e seguir a lógica de uma argumentação. Têm a tendência de simplificar a linguagem em vez de aprimorar a forma de se expressar. São atraídos pelo futuro mais do que pelo passado.

Sobre essa questão, [Jerome Bruner](#), um dos pioneiros de orientação cultural da psicologia cognitiva, lembra-nos que a linguagem é uma das ferramentas culturais, sem dúvida a mais importante porque leva à compreensão do mundo ao mesmo tempo em que forma uma cultura. Nessa perspectiva, a cultura é como uma caixa de ferramentas, tem um papel fundamental, essencial. É ela que fornece os instrumentos de adaptação à realidade. É principalmente na escola e na universidade que se aprende a utilizá-los.

[Nelson Goodman](#), filósofo americano do século passado, destaca também essa importância da linguagem. A linguagem cria estruturas, conceitualiza-as e atribui-lhes propriedades.

Os novos alunos recebem uma quantidade impressionante de propostas e ofertas de orientação,



de cursos de formação e treinamento. São solicitados por vários modelos de conhecimento. Vivem, porém, uma cultura individualista e não perguntam além do que são capazes de fazer.

Para as escolhas, no entanto, faltam-lhes outras orientações. Os programas mostram os limites, o lado negativo? Existirão implicações éticas?

É preciso que se pergunte sobre o que serão capazes de construir no futuro; que aprendam a perceber e conceber os problemas básicos que irão enfrentar; a estarem abertos a todos os saberes, a todas as disciplinas para poderem abordá-los e chegarem a novas soluções.

Isto implica em dominar as novas tecnologias e, principalmente, saber mobilizar os conhecimentos de maior alcance social, estabelecer elos novos. Exige um pensamento instigante, audacioso, reativo e inovador com destaque para a integração das conclusões a que chegaram através do discernimento.

Para mim, discernir é a palavra mais importante da aprendizagem. Para que discernir? *Cernere*, em latim, quer dizer fazer uma triagem, selecionar; *dis* traz a ideia de separação. Discernimento, portanto, significa fazer uma seleção, separando. Conforme o dicionário, é distinguir os elementos em função de um critério de julgamento. Julgar implica usar de justiça. Para discernir, os estudantes precisam aprender

a distinguir com acerto. É onde começa o problema pedagógico.

Para os novos professores, a questão que se coloca é a de como ensinar os alunos a discernir e a distinguir com acerto os elementos com que eles se confrontam.

Quando eu fazia o mestrado, preocupava-me com a contribuição que poderia dar para melhorar o ensino desde o Ensino Fundamental até o Superior.

Na fase inicial, comecei pela pesquisa. Passava muito tempo nas salas de aula para observar as dificuldades de aprendizagem das crianças. Chamava-me a atenção que elas pareciam desconhecer o que precisavam fazer para estudar. Não tinham ferramentas de estudo. Não se falava disso naquela época. Continuavam passivas, escutavam, escreviam, memorizavam. Tinham razão quando mostravam que não se interessavam pelas disciplinas, mas pelas lições que deviam fazer. Todo professor deveria levar isso em conta!

Dirigi a pesquisa para analisar o que acontece com as crianças quando motivadas a aprender através de uma atividade intelectual adequada. Comecei a acompanhá-las nesse processo para assegurar que conseguissem chegar até o final. Em paralelo, aplicava os mesmos princípios com os estudantes da universidade. Inspirei-me nas pesquisas de [Jean Brummet](#) sobre a aquisição da linguagem, feitas nos começos dos anos 70.

Mostra ele a importância que tem o adulto quando passa orientações e dá apoio ao aluno até que domine o objeto da aprendizagem. Esse ponto de encontro pessoa-objeto foi para mim uma revolução que marcou o meu proceder.

Desde então, trabalho com alunos da França e de outros países, treinando-os de modo especial através de abordagens pedagógicas que colocam a formação humanística e intelectual no centro dos interesses.

Qual é o papel do professor? Quais são os desafios que enfrenta quando exerce a docência numa universidade?

Eu gostaria de apontar para três.

O primeiro consiste em conquistar a confiança e o comprometimento dos alunos para que possam aderir ao projeto. É o que [Jean Brennet](#) chama de estabelecer a intersubjetividade, o que quer dizer, tornar explícitas as mútuas expectativas. Elas não se referem apenas ao objeto da aprendizagem, mas igualmente às regras do jogo e à maneira pela qual as questões pessoais serão tratadas.

O desejo de aprender, a motivação, depende, em grande parte, de como os alunos entendem a questão e de como se colocam diante dela. Não é a clareza de uma exposição de quem informa que os faz compreender, mas que significado tem essa exposição em determinada situação. A história

peçoal, o contexto de referência orienta o sentido do que é passado à realidade, seja pela matemática, pela literatura ou qualquer outro meio.

No passado, eram as experiências, os conhecimentos, as crenças, as atitudes e valores. No presente, o modo como são colocados no projeto pessoal. No futuro, a confiança que ele inspira. Tudo isso, o presente, o passado e o futuro, são elementos que se encontram e influenciam a percepção.

Essa percepção, fazendo ou não parte da proposta de aprendizagem, na escola ou universidade, é de natureza emocional. Pode ser que não a tenhamos na medida necessária para a interdependência entre as implicações afetivas e cognitivas. São os dois componentes da inteligência. Um não funciona separadamente do outro. Ser racional não é se privar das emoções.

O neurocientista português **António Damásio** comenta que, para aumentar a capacidade de raciocínio, é preciso dar mais atenção à vulnerabilidade do mundo interior. Isso não pode ser ignorado. A questão pedagógica é como ajudar o aluno a construir a imagem de si mesmo que tenha valor aos seus próprios olhos. Para aprender, é

necessária a criação de condições afetivas e cognitivas. O conhecimento está ligado a esses espaços relacionais que o tornam possível.

O segundo desafio consiste em, ao dar aos alunos uma formação intelectual, oferecer-lhes ferramentas racionais, métodos de estudo. O modo



de aprender torna-se tão importante como o que se aprende.

A pesquisa do sentido está no coração da questão. No início, não aparece. Emerge nesse vai e vem entre as situações contextualizadas. Os conceitos apresentados ao iniciar as pesquisas podem ser vivenciados como experiência pessoal no mesmo espaço da ação e do diálogo em que são elaborados.

Não estamos unicamente no mundo do papel, do abstrato, mas em uma atividade cultural e coletiva que conduz à religação do conhecimento abstrato a uma

referência concreta. Passamos pela experiência contextualizada para inseri-la numa unidade maior que lhe dá sentido. É o que **Edgar Morin** chama de conhecimento pertinente. Apesar do risco, favorece a visão global e a capacidade de concretizá-la pontualmente.

Essa forma de pensamento deve ser cultivada ao longo da vida, começando na escola. De fato, quando os alunos estudam, ao se familiarizarem com o conteúdo disciplinar, o conhecimento funciona como uma ferramenta para a aprendizagem e compreensão. Podem eles mesmos construir o próprio saber ou apropriar-se do que foi construído por outros. Aprendem a reestruturar conhecimentos e o modo de pensar; a fazer diferença entre as palavras e seu sentido.

Descobrem que o saber é resposta a perguntas sobre problemas para os quais é necessária uma clara colocação do enunciado.

Às vezes o saber toma forma de uma obra seja literária, artística, científica, no sentido que lhe dá **Ignacio Measson**, fundador da psicologia histórica, na França. A partir da obra podem-se compreender as razões que lhe deram a origem, o que motivou sua criação.

Os alunos devem perceber que

o saber não é limitado à cabeça de uma única pessoa ou a um livro. Ele é fruto de trocas, é cultural. Quando se trabalha desse modo, há motivação. O processo os envolve porque parte deles mesmos, daquilo que cada um pode ver e compreender, ampliando progressivamente essa visão. A sensação do prazer vem pelo compartilhamento. As atividades propostas levam a um diálogo que aproveita das diferenças para atingir maior compreensão.

A mudança do olhar é o começo dessa descoberta. A questão para o professor, seja na escola ou na universidade, é como oferecer bons suportes para o estudo a fim de que os estudantes possam interagir, para evoluírem na sua compreensão e adquirirem novas formas de questionamento e de linguagem. O que fazer para estimular a participação? Que estruturas de interação usar para que cada um possa se situar? São perguntas que nos fazem pensar.

O terceiro desafio diz respeito à consciência: voltar sobre o próprio saber para ter consciência dele. É a meta da cognição que tem por objetivo ampliar o campo de conscientização e, portanto, da capacidade de trabalhar naquilo que se adquiriu em contextos diferentes. Ser consciente é ter acesso ao próprio conhecimento e agir sobre ele.

Uma forma de despertar essa consciência é, no final das aulas, colocar perguntas sobre o que se aprendeu naquele dia ou para

mostrarem se compreenderam o que foi ensinado; questioná-los sobre a certeza do conhecimento: como sabem que sabem?

O aluno tem necessidade de saber controlar as ferramentas de estudo. Um conhecimento não se resume a uma soma de conceitos. A reflexão integra também o processo de aquisição, como nos lembra Jean Brennet.

O que quer dizer refletir? Significa reenviar a uma direção diferente. No caso, confrontar sua hipótese com o real.

O que significa compreender? Como pesquisar e formular um problema novo?

É uma boa questão. Os doutorandos encontram dificuldades para abordar o tema da tese e trabalhar na formulação das questões de pesquisa. Os professores universitários são pesquisadores e sabem como utilizar dessas ferramentas. Por que não oferecer aos alunos a utilização mais direta, permitindo que delas se apropriem? Por que não partilhar questionamentos em vez de lhes dar respostas? Por que não lhes passar a paixão no que transmite e assim despertar neles o gosto de aprender?

É papel do professor levar os alunos a refletir, a cultivar a sua inteligência múltipla e acompanhá-los na pesquisa através da comunicação e prática pedagógica. A condição é olhar para si mesmos e para os outros. Ter em conta a visão retrospectiva referente ao tempo

que se foi e prospectiva, inclusive em relação ao campo da ética em que se situará a própria ação.

Frequentemente a pedagogia preocupa-se mais com a educação das crianças e adolescentes, como se os que ingressam na universidade não precisassem dela. Não existe, por exemplo, obrigatoriedade de formação pedagógica para quem vai exercer a profissão de docente no Ensino Superior. É como se bastasse ser pesquisador, ser um bom profissional para ser um bom professor.

A imagem da universidade volta da unicamente para a produção de conhecimentos está evoluindo. Recentemente iniciou-se, na Europa, o movimento conhecido como Processo de Bolonha. Tem como objetivo a reforma do Ensino Superior europeu em vista da unificação dos sistemas universitários dos diversos países. Pretende-se, com isso, preservar da área do conhecimento, o que de melhor foi adquirido pelos estudantes, durante os cursos.

As novas configurações representam um importante desafio para as instituições. Como definir a qualidade no ensino, o que faz um bom curso, uma boa aula.

Por isso, a pedagogia universitária é uma disciplina que vem ganhando terreno.

Das dez recomendações feitas pela Associação Internacional de Pedagogia Universitária, destaco a que considero a mais importante:

a personalização, acompanhar os estudantes e seu aprendizado.

Às vezes eles mesmos manifestam essa necessidade, principalmente quando reconhecem que, além do conhecimento, é importante o domínio da prática do que aprenderam.

São esses momentos que nos estimulam em nossa vocação. Tocou-me profundamente o depoimento que um estudante da Alemanha me deu:

“O que digo agora era proposto em suas aulas. Foi uma grande ajuda para eu descobrir minha maneira de trabalhar. Tenho a impressão de que a vida ficou diferente, quero dizer, quando a olho, sou levado a abordá-la de outra forma. Começo analisá-la a partir de dentro, das diversas perspectivas pessoais.

Tomo consciência do que me leva à compreensão de alguma coisa. Com essa análise, eu me posiciono de forma serena, confiante e segura. Penso que isso foi possível porque entendo. Essa certeza cria em mim um sentimento de capacidade e competência.”

A aprendizagem pela Pedagogia da Compreensão abre grandes perspectivas para futuras carreiras favorecendo desenvolver um trabalho pela cultura do país. O campo é muito vasto. É necessário reconstruir tudo para restabelecer nossa identidade, fazer reconhecidos os nossos valores.

Para concluir: é necessário dar mais atenção à maneira de como os alunos aprendem.

dem. Conforme a metáfora de [Edgar Morrin](#), a estrutura do conhecimento parece mais a de uma música do que a de um edifício. É uma sinfonia que se desenvolve no tempo, usando do próprio tempo para sua continuidade. Poderíamos até falar de uma sinfonia inacabada!

Não aprendemos para a escola, mas para a vida. A vida é aqui e agora. O mais importante do hoje é o hoje, ainda que se construa para o amanhã.

Na experiência universitária, o sentido que os estudantes dão à vida está no valor que dão aos estudos enquanto lhes oferecem um lugar de participação, de aquisição de ferramentas intelectuais que os fazem se sentirem confiantes, comprometidos.

Estas são as questões mais importantes para que um projeto pedagógico seja viável.

Muito obrigada por terem me acompanhado nesta reflexão. ▢





**Prof. Manuel Joaquim
Pinho Moreira de
Azevedo,**
Professor da Universidade
Católica Portuguesa,
Porto, Portugal

*Palestra proferida na 24ª
Assembleia Geral da FIUC,
na FEI em julho de 2012.*

A RELAÇÃO PROFESSOR-ESTUDANTE NO SÉCULO XXI

Vivemos difíceis e fascinantes tempos de transição sociocultural, uma transição por ora ainda mascarada de crise econômica. Mas será por pouco tempo mais. A vertigem consumis-

ta e materialista tende a subordinar tudo e todos e a universidade não tem querido perder o ar do tempo: procura preparar e qualificar os jovens para uma economia globalizada e crescentemente competitiva, *empresarializando-se*.

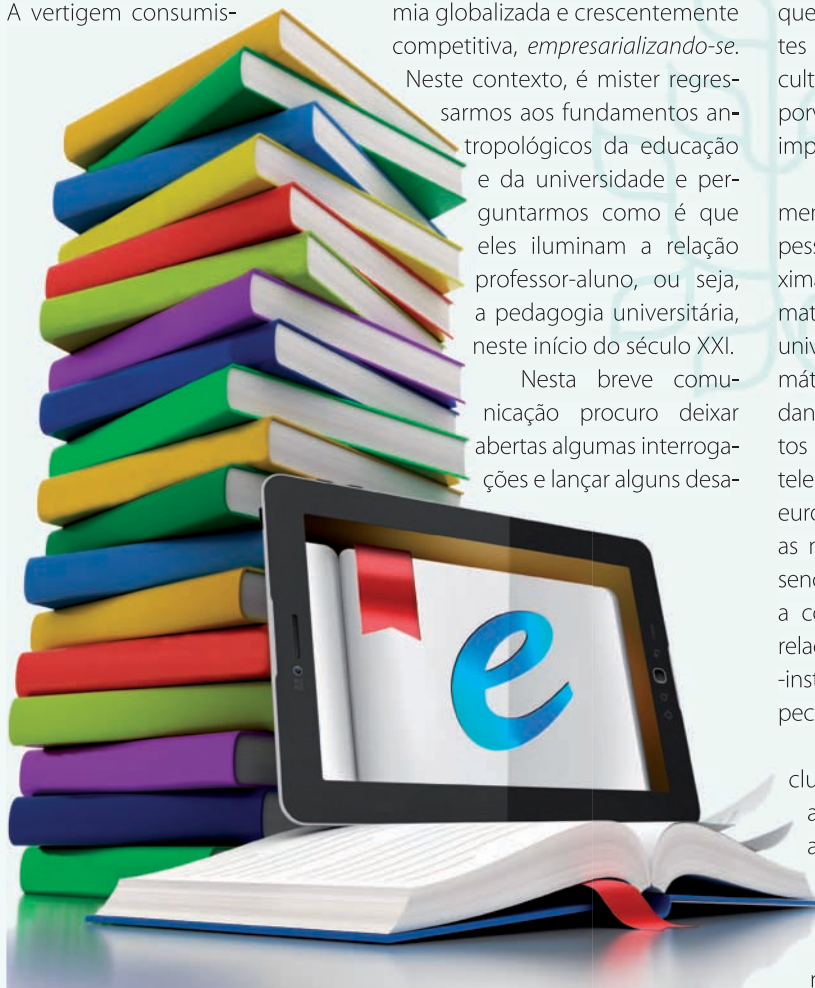
Neste contexto, é mister regressarmos aos fundamentos antropológicos da educação e da universidade e perguntarmos como é que eles iluminam a relação professor-aluno, ou seja, a pedagogia universitária, neste início do século XXI.

Nesta breve comunicação procuro deixar abertas algumas interrogações e lançar alguns desa-

fios às universidades católicas, com base no seu corpo de princípios e valores e baseado na experiência concreta da Europa, o berço da Universidade; estou consciente de que as universidades aqui presentes se situam em contextos socioculturais muito diversos e de que porventura se trata de uma ousadia imprudente da minha parte.

A promoção do desenvolvimento integral da pessoa, de cada pessoa e da pessoa toda, é a máxima que deveria estar inscrita na matriz cultural de todas as nossas universidades. Abordarei a problemática da relação professor-estudante a esta luz, focando três pontos principais: (i) a pequena caixa teleológica em que a universidade europeia está a ficar encerrada, (ii) as novas culturas juvenis em presença nas nossas universidades, (iii) a conjugação contemporânea da relação saber-professor-estudante-instituição, discernindo o lugar específico das universidades católicas.

As nossas universidades, concludo, estão chamadas a renovar a sua pedagogia, em particular a relação professor-estudante, com base numa antropologia e ética cristãs, de modo a poderem ser verdadeiramente fonte de uma educação



(i) capaz de qualificar bons profissionais, com uma sólida formação científico-técnica; (ii) multidimensional, dirigida ao desenvolvimento integral de boas pessoas, (iii) socialmente comprometida com a sorte de cada outro, sobretudo dos mais frágeis, e (iv) ética e espiritualmente fundada. Ou seja, uma educação humanista reinventada, no início do séc. XXI.

Uma nota para esclarecer *o ponto de onde falo*: a partir da Europa e de Portugal; a partir da minha experiência na Universidade Católica Portuguesa, onde sou professor catedrático na área da educação, após trinta anos de atividade docente.

O ensino superior, em Portugal e na Europa, no início do século XXI, envolto num poderoso mandato socioeconómico

No Conselho Europeu de 2000, em Lisboa, a União Europeia declarava querer ser *“a economia do conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo, antes de 2010, capaz de um crescimento económico duradouro acompanhado por uma melhoria quantitativa e qualitativa do emprego e uma maior coesão social”*.

Em 2012, a economia europeia não só não atingiu este patamar de desenvolvimento, como se encontra imersa numa complexa e inesperada crise. Entretanto, novo

fôlego é perspectivado para o ano de 2020, os chamados “desafios 2020”: retomar o emprego, alocar 3% do PIB à I&D (Investigação e Desenvolvimento) e à inovação, reforçar as energias alternativas e a eficiência energética, reduzir o abandono escolar precoce¹ para menos de 10%, alcançar pelo menos 40% na taxa de escolarização com ensino superior para o grupo etário 30-34 anos e reduzir a pobreza e a exclusão social. O *crescimento baseado no conhecimento* (smart growth) permanece na agenda, com três eixos centrais: (i) a educação permanente, (ii) a investigação e a inovação, apoiando quer a criação de novos produtos e serviços e empregos quer ajudando a responder aos múltiplos desafios sociais, e (iii) a sociedade digital, usando as TIC.

Na sequência do chamado “Processo de Bolonha” (1999)², o ensino superior na Europa prossegue na senda de três linhas principais: uma progressiva universalização dos primeiros ciclos (licenciatura), um aumento rápido de novas ofertas de 2º e 3º ciclos (mestrado e doutoramento), uma maior integração europeia de cursos e de certificações, o chamado “espaço europeu do ensino superior”, e uma bastante mais ativa internacionalização do ensino e da investigação.

As políticas de ensino superior continuam assim muito marcadas pela agenda económica e o pró-

prio *“espaço europeu do conhecimento”*, ao serviço dessa agenda, que tende a dominar os referenciais de desenvolvimento das universidades, mais do que uma qualquer fundamentação cultural. Este espaço europeu surge sustentado sobretudo na necessidade de aumentar a competitividade da Europa na economia crescentemente globalizada, sobretudo face aos EUA, além de se contribuir para reforçar, por esta via, a coesão social na Europa.

Neste contexto, verifica-se uma simultânea descida da oferta e da frequência de formações universitárias tradicionais como as humanidades (ex. filosofia, história) e as artes, pois as prioridades encaminham-se para as áreas das “ciências e tecnologias”, com destaque para as engenharias. Na XIX Cimeira Ibero Americana, em 2009, em Lisboa, ficou proclamada a seguinte orientação para os países ibero-americanos: “potencializar a formação de talentos e recursos humanos em inovação científica e tecnológica, procurando atrair mais jovens para as carreiras científicas, de acordo com o referido na Declaração de São Salvador, e promover a cultura, a divulgação e a educação científicas, considerando as características interculturais das respectivas sociedades, incluindo a promoção de iniciativas que permitam a integração de recém-graduados em entidades públicas e

1 *Abandono escolar precoce equivale a todas as saídas do sistema de ensino e formação antes da conclusão do ensino secundário de nível superior (geralmente 12 anos de escolaridade).*

2 *Sobre a história e as inquietações que o Processo de Bolonha suscitou escrevi um texto (“A criação do espaço europeu do ensino superior: entre a competitividade e o desenvolvimento humano e a liberdade”, oração de sapiência na Universidade Católica de Angola, Luanda, 2009).*

privadas e centros de investigação. (ponto 17)“.

Na luta pela retenção e atração de cérebros e de I&D parece jogar-se, na atualidade, boa parte da luta pelo poder político e econômico entre os países. Parece óbvio, mas não o é. Sê-lo-á numa perspetiva de luta pelo poder e pelo controlo económico e político, já não o é numa perspetiva cultural e humana do desenvolvimento social, muito mais sustentado na cooperação entre os países e os povos. Nesta ótica, o ensino superior está inscrito num combate e visa objetivos primeiros que não são os que estão assinalados nas principais cartas de princípios que governam e orientam pacífica e culturalmente o mundo (não o esqueçamos: a paz segue os passos da justiça).

As instituições de ensino superior (IES)³ são incentivadas a seguir uma lógica de ação que subentende que elas tenham de se perspetivar como “empresas estratégicas” no mercado global (Hazelkorn, 2009), e não tanto como instituições culturais e de cooperação intercultural, de construção de laços humanos e da paz. De tal modo é assim, que a própria cooperação internacional entre IES é hoje muito motivada pelo mesmo horizonte de competitividade, ainda por cima inscrita num “clima de urgência”, tipicamente empresarial, que visa incutir em cada IES a ideologia que lhe assinala que

não pode perder a mínima oportunidade nem o mais sossegado minuto para se colocar entre as melhores IES do mundo.

Ao mesmo tempo é criado, na Europa, um sistema de créditos transferíveis, os ECTS - European Credit Transfer System, e ganha prioridade a estruturação de sistemas e modelos de avaliação externa das instituições de ensino superior (IES), sob o signo da garantia de qualidade (quality assurance), nova *buzzword* do ensino superior. Estes modelos são construídos em redor dos “Standards and Guidelines for Quality Assurance in the European Higher Education Area”; é, assim, criada a ENQA (European Association for Quality Assurance in Higher Education), em 2004, e a EUA (European University Association), em 2003. Proliferam os rankings internacionais, onde, por exemplo, o acompanhamento e o sucesso educativo dos alunos tem uma reduzida importância⁴. Ao mesmo tempo, são adaptados e estabelecidos indicadores bibliométricos que visam ir medindo, externamente e por via estatística, tendo por base um certo tipo de artigos publicados em certas revistas internacionais, a performance de cada IES. O mercado das publicações científicas prolifera e alarga-se sob o domínio da língua inglesa, neutralizando a diversidade cultural do mundo...

Para uma Europa fundadora

de uma universidade humanista e aberta à pluralidade de saberes, estas tendências não deixam de levantar algumas legítimas inquietações. Para as universidades católicas, este é certamente um caminho que requer uma profunda reflexão. Pensar a relação professor-estudante neste contexto torna-se até um atividade um pouco exótica e até bastante *démodé*.

Quem são os estudantes jovens que chegam às nossas universidades, no início do século XXI? E os que chegarão nos próximos anos?

Pensar a relação professor-estudante, hoje, implica desde logo tentar perceber quem são os jovens que chegam às universidades europeias. Eles são, percentualmente, cada vez em maior número, face aos que terminam os seus estudos de nível secundário (embora possam ser menos, fruto de uma muito acentuada quebra demográfica), e são provenientes de universos culturais mais diferenciados. Fruto de um importante processo de democratização do ensino, à universidade estão a chegar também os “bárbaros” e não apenas a elite para a qual ela foi inicialmente desenhada, desenhando esse que manteve ao longo de séculos (XII-XX).

O prolongamento da forma-

3 *Propositadamente não faço uma distinção muito nítida entre universidades e instituições do ensino superior, uma vez que o texto serviu de suporte a uma comunicação num contexto em que se usam indistintamente as duas designações.*

4 *Sobre a problemática da avaliação externa e dos rankings de Universidades, escrevi um texto: “Ser melhor é ser igual aos melhores: uma triste ambição (acerca dos rankings internacionais no ensino superior)”, Comunicação apresentada no painel sobre “Responsabilidade Social – Equidade – Acesso – Financiamento”, no âmbito do Encontro “Um Ensino Superior para o Século XXI: Diferentes Olhares”, organizado pela Comissão Sectorial para a Educação e Formação, do Instituto Português de Qualificação, que decorreu na Universidade de Coimbra a 19 de outubro de 2011.*

ção inicial e a sua progressiva universalização (9, 12, 15 anos de escolaridade) fazem crescer uma nova realidade cultural na universidade, profundamente diferente, já porque a história que hoje se experiencia é bem diversa, já pelas longas trajetórias temporais que agora se descrevem dentro da redoma do sistema escolar.

Quem hoje está nas IES na Europa são grupos juvenis⁵ que habitam, na sua generalidade, o *País do Nunca Mais*: nunca mais acaba a formação inicial e nunca mais sou livre para ir trabalhar; nunca mais consigo sair de casa dos pais; nunca mais encontro trabalho; nunca mais compro casa, nunca mais consigo casar... nunca mais... Estes grupos juvenis respiram hoje a inquietação e a angústia do seu tempo, a crise e a incerteza dominante que o envolve, um tempo que lhes é apresentado como tendo muito pouco futuro dentro dele, ao mesmo tempo que tem cada vez menos passado e memória. O tempo presente tem uma tal complexidade, intensidade, vertigem e inquietação que tende a dominar o tempo possível, tornando-se o tempo todo. Os "ritos

de passagem" de boa parte destes jovens ao trabalho e à idade adulta são, como diz Carles Feixa, "ritualizações do impasse".

Sem futuro, o presente torna-se, ao mesmo tempo, tábua de salvação (o *presentismo*) e masmorra, pela incapacidade em gerar confiança dos jovens uns nos outros para poderem dar passos diversos, de encontro, em ordem



a poderem vir a viver em "cidades" mais humanas e habitáveis por todos, onde cada um tenha direito ao seu rosto.

Ao mesmo tempo, estes jovens são cada vez mais "nativos digitais", imersos, desde o nascimento, num mundo marcado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação e pela sobre-informação, acessível através de múltiplas e poderosas fontes. Esta sobre-informação transporta um caudal que desenvolve, entre outras, duas capacidades nos

jovens: por um lado, uma nova e tempestuosa capacidade de esquecer, para ser sempre possível repor mais informação, por outro, um subconhecimento, um saber pouco estruturado, hierarquizado e ancorado em valores eleitos.

Um consumismo pandêmico, economicamente desejado, marca as sociedades e estes grupos e culturas juvenis, atingindo tudo o que fazem, incluindo o estudar na universidade. Neste clima sociocultural, os jovens vão-se manifestando as mais das vezes impotentes para atuarem, para além de pequenos episódios e momentos avulsos, quase sempre manifes-

tações breves de insatisfação e de indignação, o que não deixa de colocar importantes questões em torno da sua afirmação identitária.

Esta tende a encerrar-se e a exprimir-se sobretudo através do ser-para-o-consumo, no ser-para-a-produtividade, no ser-para-o-espetáculo.

Os tempos são sobretudo de atravessamento de fronteiras e, retomando Feixa, de "fusão" entre climas, espaços, tempos, dinâmicas: entre tempo livre e trabalho, entre o virtual e o real, entre o ar-

⁵ É difícil nesta comunicação dar conta da complexidade dos grupos e culturas juvenis em presença nas universidades europeias; recorro a esta designação por uma questão de facilidade de comunicação, pois qualquer uma das tendências que aqui descrevo, para ser bem trabalhada, deve ser devidamente ventilada pelas diferentes culturas e grupos juvenis em presença.

⁶ Designação de Feixa, num artigo publicado no jornal *El País*, *La generación indignada*. Madrid, 20 setembro de 2011.

tificial e a experiência, entre idosos e crianças, entre o dentro e o fora da família de origem, entre local e global, entre nação e Planeta. Todavia, estes processos culturais fusionais convivem com grupos juvenis (tribos) muito diferenciados, distantes, pouco abertas entre si, ensimesmados e pouco fusionáveis, mas que, percebe-se, afirmam pertencas e fortalecem identidades juvenis.

Este é, em brevíssimas pinceladas, um quadro sociocultural em que os jovens dos diferentes grupos juvenis experimentam alguma dificuldade em afirmar a sua autonomia e responsabilidade, vivendo muitos deles difíceis processos de afirmação pessoal e identitária (Barbiani, 2007) e de construção de projetos de vida e de cidadania, inventando-se como atores sociais. A pertença desenvolve-se para muitos através do consumo e de várias expressões de adesão cultural, com destaque as “redes sociais” virtuais e para a música, forma privilegiada de diálogo dos jovens de hoje com o mundo. A Terra e a sua sustentabilidade constituem um tema político agregador para muitos grupos, sem que contudo isso signifique uma visão “ecológica” do futuro do planeta. O trabalho e o emprego apenas estão acessíveis a 50% a 70% dos jovens, em vários países da Europa, o que cria um clima de profunda ruptura com o tradicional modelo de inserção so-

cioprofissional dos jovens, ou seja, com modelos habituais de pertença e de construção da autonomia.

Diante deste cenário genérico que é vivido de modos diversos pela diversidade de grupos e culturas juvenis em presença, é mister perguntarmos que impactos se fazem sentir nas IES e se algo deve nelas mudar ou se, pelo contrário, as IES devem continuar a ser o *locus* sociocultural de outros tempos, uma instituição de elites, afastada da realidade social e fonte de um saber inquestionável e magistralmente comunicado aos estudantes, preparando os quadros superiores da organização social. E a evoluir, em que direção o deveria fazer, fiel à sua tradição de instituição de ensino, investigação e prestação de serviços à comunidade?

Como já referimos, uma tendência que ganha cada vez mais força consiste em fazer com que as IES se heterodeterminem cada vez mais pelas orientações da competitividade da economia de mercado e preparem os jovens técnicos qualificados que os segmentos mais competitivos da economia reclamam. A empresarialização da missão da universidade, colocada na agenda social sob o signo da urgência econômica, enquadra-se neste cenário. A chamada “sociedade do conhecimento” pede muito às IES, pois elas continuam a constituir as consagradas fontes do saber técnico-científico mais

consistente e atualizado.

Outra tendência que se manifesta é da abertura das IES à generalidade dos jovens e dos menos jovens que as procuram, criando novas oportunidades de formação (ex. novos cursos pós-laborais, compatíveis com o exercício de várias atividades, criação de novos cursos para novos públicos, em particular os mais idosos), mantendo contudo os mesmos modelos de ensino. Neste contexto, mais do que mudar algo no modo de ser Universidade, de ensinar e aprender, o que acontece é um ajustamento do ensino superior às novas realidades socioculturais.

Outras IES vão resistindo e renovando-se lentamente, sobretudo algumas universidades e faculdades, mantendo o seu perfil mais humanista, o seu ritmo e as suas prioridades de instituições de cultura, correndo o risco de serem sempre preteridas nos rankings nacionais e internacionais (pelo menos até que outros rankings surjam, conferindo-lhes maior visibilidade social⁷).

No triângulo pedagógico Saber, Professor e Estudante, a Instituição conta; qual o papel das universidades católicas?

Neste contexto, pensar a relação professor-estudante na Universidade, no início do séc. XXI (o

⁷ Seria muito interessante que universidades que investem na renovação da sua matriz cultural, entre elas e algumas universidades católicas, investissem também em criar outro tipo de critérios de medição da qualidade e da relevância social das universidades, para aplicação internacional.

tema que me foi proposto) implica pensar qual a orientação estratégica que as universidades querem seguir, em função de um conjunto coeso e seguro de valores e de uma missão-visão para o presente e para o futuro. As opções podem ser várias e será por elas que é preciso responder, num quadro de responsabilidade social.

As conjugações entre as três estrelas do tradicional “triângulo pedagógico” - Saber, Professores e Alunos - são muito variadas, sendo que uma grande parte delas, nas IES, segue modelos que criam interações muito incompletas, deixando habitualmente um dos vértices no chamado “lugar do morto”⁸.

Conheço muitas práticas pedagógicas no ensino superior que revelam que o que se faz nas salas de aula segue geralmente dois caminhos: o primeiro, consiste em fomentar uma forte relação entre os alunos e o saber, recorrendo cada vez mais a novas tecnologias, deixando para os professores o “lugar do morto” (o que liga os aparelhos, apresenta PowerPoints e vídeos, faz umas perguntas, lança uns testes e afixa umas pautas - ou nem isso, devido ao uso das novas plataformas de *e-learning*). Nestes casos, é comum ouvir-se invocar a neutralidade dos docentes, peritos em um dado domínio científico especializado. O segundo, a outra face da mesma moeda, corporiza-se pela ligação permanente e

quase exclusiva dos professores e do saber, reservando desta feita para os estudantes o “lugar do morto”. Estes, postos em contacto direto com o Saber, corporizado pelos professores, têm de ser capazes de se preparar e formar sozinhos, conforme as possibilidades de cada um, coisa que pouco importará à instituição.

No “triângulo pedagógico” entre o Saber, os Estudantes e os Professores, a relação entre vértices que parece não funcionar bem é a que articula exatamente professores e alunos. Estes, de um modo ou de outro, é que ocupam o “lugar do morto”. Esta é a herança de um modelo de universidade que se pauta pelo ensino impessoal, unilateral e magistral (no sentido de *magister dixit* e está dito), que pressupõe e reconhece nos estudantes uma elite da sociedade, repleta de recursos complementares de apoio, desde a família à comunidade local, jovens profundamente centrados na aprendizagem escolar, subentendendo que a sua formação universitária constitui a principal fonte da sua afirmação atual e futura como atores sociais.

Por outro lado, este tradicional triângulo tem o inconveniente de deixar omissos um “vértice” fundamental na relação pedagógica, porque decisivo em todas as relações que se constituem e valorizam na Universidade: a *Instituição*. É óbvio que se supõe que

o triângulo esteja envolvido por um círculo institucional; mas isso não chega, representa ainda assim uma pobre equação. Na verdade, este quadro institucional universitário, responsável pela adoção e seguimento, em cada IES, de um conjunto de valores e prioridades, objetivos e ações daí decorrentes, representa um importante vértice das complexas interações que se estabelecem, o que apela porventura mais para o desenho de um “terceiro lugar” dentro do triângulo⁹. Uma coisa é a instituição estar lá e fazer parte integrante por fora, como uma esfera englobante, outra é estar lá, mas dentro e implicada na interação entre as partes (como um baricentro do triângulo). E este salto é decisivo, na hora de pensarmos a relação pedagógica nas universidades, mormente nas universidades católicas. A passagem obrigatória das interações entre os vários vértices pelo centro do triângulo, o terceiro lugar, será o único modo de eliminar os “lugares do morto” e potenciar em permanência uma instituição viva e capaz de dar vida e projetar futuro em cada um dos seus estudantes (jovens, adultos e idosos).

Na verdade, os cursos que se criam e oferecem, a qualidade científica dos docentes, o seu perfil pessoal e profissional (o professor professa), as prioridades de investigação, o modelo de relacionamento professor-estudante que

8 Expressão usada por António Nóvoa (1999), na linha da metáfora a que Jean Houssaye recorre na sua análise do “triângulo pedagógico”. O lugar do morto no bridge é ocupado por aquele jogador que expõe as suas cartas, não pode interferir na jogada, mas nenhuma jogada pode ser realizada sem atender às suas cartas.

9 Não vamos aqui desenvolver as múltiplas e interações que se estabelecem, por não ser este o rumo desta reflexão.

se valoriza, tudo isto e muito mais depende do quadro institucional em que se trabalha e do modelo de direção e gestão e da afetação real dos recursos que se promove. As nossas conceções de educação é que moldam as nossas práticas. Uma instituição universitária, como qualquer instituição de educação, não é neutra, nem neutras são as suas prioridades e as atividades do seus docentes. A pretensa neutralidade é uma falsidade, falsidade esta induzida pelo referido “triângulo pedagógico”, sem o “terceiro lugar”, e pelo “Estado educador”, com claras consequências na (perda de) qualidade das pessoas que ensinam e das pessoas que aprendem.

Para as universidades católicas, nascidas do coração da Igreja (*ex corde ecclesiae*¹⁰), esta neutralidade não tem qualquer espaço vital; elas devem dialogar com as culturas do mundo de hoje, dando primazia ao sentido da pessoa humana, à sua liberdade e à sua dignidade, ao seu sentido de responsabilidade e à sua abertura ao transcendente, avaliando e discernindo “bem as aspirações e as tradições da cultura moderna, para torná-la mais apta ao desenvolvimento integral das pessoas e dos povos” (nº 45). As universidades católicas, instituições de carácter distintivo, animadas “por um espírito de liberdade e de caridade” (nº 21), devem dar espaço e tempo ao desenvolvimento “da-

quela autêntica antropologia cristã, que tem origem na pessoa de Cristo” (nº 33) e ser “expressão do espírito cristão de serviço aos outros a para a promoção da justiça social”, espírito este que deve ser compartilhado pelos professores e desenvolvido entre os estudantes” (nº 34). Tal espírito deve revestir-se da “coragem, quando for necessário, de proclamar verdades incómodas, verdades que não lisonjeiam a opinião pública, mas que no entanto são necessárias para salvaguardar o autêntico bem da sociedade” (nº 33).

As nossas universidades, comunidades que procuram diligente e humildemente a verdade, em que “a fé e a razão se encontram numa única verdade”, e em que “o conhecimento está unido à consciência”, interrogam-se sobre este tempo e as culturas juvenis que nelas irrompem (enuncio apenas algumas perguntas, entre inúmeras possíveis):

Mediante a presença na universidade (se é que lá entram) de grupos e culturas diversas¹¹, que valores defende a instituição? Valoriza apenas alguns deles e delas, trabalha para promover a excelência de todos?

Face à incerteza e à imprevisibilidade das sociedades e dos mercados de trabalho, em que valores e atitudes educa a universidade? Prepara *urgentemente* jovens profissionais para a competição e para o mercado, consumin-

do tudo o que há para consumir e enquanto há o que consumir, ou para algo mais? Prepara os jovens para serem bons profissionais? Ou para serem boas pessoas, sendo bons profissionais? E boas pessoas e bons profissionais para um mundo mais cooperante, interdependente, sustentável e solidário?

Qual será o quadro educativo mais adequado para que se preparem bons profissionais e boas pessoas na universidade? Em que é que de concreto se traduz essa máxima da “formação integral da pessoa”? Entrando na vertigem ou travando e fazendo silêncio? Como é que se pode hoje saborear uma cultura científica? Como é que ela comporta as dimensões humanista, técnico-profissional, de compromisso social com quem mais precisa e a dimensão ética e religiosa?

A investigação que se elege segue que prioridades institucionais, serve a formação de que estudantes, é valorizada de que modo na progressão profissional dos docentes? E a cooperação da universidade com a comunidade tem que valor?

Sendo a universidade uma instituição cultural por excelência, como é que ela hoje cria valor entre os jovens do *País do Nunca Mais*? Como ajuda a criar referências, identidades e cruzamentos de fronteiras entre universos culturais fechados?

Se o futuro contém cada vez

10 Os números que a seguir surgem no texto são os constantes da Constituição Apostólica “*Ex Corde Ecclesiae*”.

11 Mais uma vez, sublinho que estou a comunicar com instituições universitárias muito diferentes e mergulhadas em contextos culturais tão diversificados com o Ruanda, o Líbano, a Índia, a Alemanha ou a Califórnia.

menos futuro-desejado lá dentro, constituindo cada vez mais uma espécie de caminhão desconhecido e desgovernado que vem (que é tido como vindo) inexoravelmente contra os grupos juvenis e toda a sociedade, como é que a cultura da universidade católica orienta e prepara os jovens para construírem um futuro que contenha o seu futuro lá dentro e tenha lugar para uma vida decente para todos?

Para fazerem a diferença, as universidades católicas precisam de continuar a se reinventar, não basta respirarem o ar do seu tempo, serem “modernas”, importará ir mais longe: inovar em novos sentidos, ao serviço de vidas com mais sentido humano e com renovado compromisso social. Os jovens de hoje precisam que as universidades católicas lhes digam: eis-me aqui!

**A relação professor-
estudante nas
universidades católicas:
educar para a autonomia,
para a responsabilidade
e para a liberdade, no
início do século XXI**

Estas e outras interrogações, que se encontram ínsitas no ensino, na investigação e nos serviços à comunidade nas universidades católicas, fazem um apelo muito claro a um perfil específico de relação professor-estudante, a uma

certa pedagogia universitária.

Se a instituição ocupa o centro da universidade, os docentes estão no centro da vida da universidade e os estudantes, as aprendizagens que realizem e os modelos de vida que transportam, dependem em boa medida da sua qualidade, da sua orientação. No entanto, o corpo docente das IES é composto na sua maioria por pessoas que nunca se prepararam para serem docentes no ES, para além do fato de nele terem sido alunos; todavia, o professor conta e muito, como o atestam muita literatura e os próprios ex-alunos, circunstância que nos envolve, afinal, a cada um de nós (são as *personalidades* dos professores o que em nós mais vinca-do fica com o passar dos tempos). Sem bons professores não há ensino superior de qualidade e esta qualidade não é neutra, tem de ser definida num quadro pedagógico inscrito num projeto educativo devidamente partilhado na e pela instituição e na relação desta com a sociedade.

Este quadro pedagógico tem alguns traços comuns com qualquer outra universidade e outros específicos das universidades católicas, que importa também sublinhar.

Entre os traços comuns podemos alinhar alguns ensinamentos que temos vindo a adquirir, ao longo dos séculos, nas mais variadas IES por todo o mundo:

1. que uma instituição de educa-

ção confia na educabilidade e perfectibilidade de cada estudante;

2. que o ensino compreende sempre quatro elementos: saber, estudantes, professores e instituição (seus valores, sua missão e suas prioridades concretas de ação);
3. que na situação de ensino-aprendizagem é cada aluno que aprende, nada nem ninguém o substitui;
4. ou seja, que toda a aprendizagem é pessoal e requer de cada estudante motivação e esforço;
5. que não basta ensinar para fazer aprender, é preciso criar a fome e sede de aprender e as adequadas situações de aprendizagem;
6. que, ao ensinar, os professores aprendem a ensinar melhor e a serem melhores pessoas;
7. que a cooperação entre os estudantes aumenta o seu envolvimento com a aprendizagem e a sua responsabilidade;
8. que os estudantes são todos diferentes, em termos de talentos, experiências e expectativas;
9. à diferença pode-se responder ou com indiferença, comum a distanciada tolerância ou com escuta e cuidado, com responsabilidade;
10. que estudantes diferentes constroem diferentes relações com o conhecimento;
11. que elevadas expectativas so-

bre o trabalho e os resultados dos estudantes desafia e estimula melhores desempenhos acadêmicos;

12. que o professor professa, ou seja, que naquilo que ensina e no modo como ensina, ensina e revela o que é, induz atitudes e transmite valores;
13. todo o ensino e aprendizagem precisam de feedback e que a qualidade deste encoraja melhores aprendizagens;
14. que a instituição onde se ensina e aprende faz a diferença, pela sua cultura, pelos seus valores, pelas suas prioridades e ações;
15. que aprender requer tempo, lentidão, desassossego com sossego;
16. que a fé¹² e a confiança nos estudantes são o pano de fundo e o sal para a formação de boas pessoas e bons profissionais.

As universidades católicas são convocadas, pela sua natureza, a impregnar a pedagogia de algo diferente e mais amplo: formar o ser humano como pessoa, no quadro de uma antropologia e ética cristãs. A dignidade da pessoa humana é inalienável e inviolável e está acima e antes de qualquer enquadramento institucional.

Exige-se dos educadores das nossas universidades a maturação de uma particular sensibilidade à pessoa de cada estudante para saber captar e logo cuidar tanto do

conhecimento e das competências profissionais, como do crescimento em humanidade; isto requer a dedicação “ao outro com uma atenção que sai do coração, para que o outro experimente a sua riqueza de humanidade” (nº37). Este *modus faciendi* dos educadores necessita estar ancorado numa “formação do coração”, guiada pelo encontro com Deus em Cristo, que neles suscite o amor e abra o seu espírito ao outro, de modo a que neles o amor não seja um mandamento imposto de fora, mas uma consequência que emana da sua fé, a qual atua pela caridade. Assim, os educadores das universidades católicas professam que “é constitutivo da pessoa o ser-com e para-os-outros, que se concretiza no amor” (nº44), convocando a respiração universitária da universalidade humana. “Trata-se da exigência de formar o homem como pessoa: um inquerito que, no amor, constrói a própria identidade histórica, cultural, espiritual e religiosa, colocando-a em diálogo com outras pessoas, numa dinâmica de dons reciprocamente oferecidos e recebidos. No contexto da globalização, é necessário formar sujeitos capazes de respeitar a identidade, a cultura, a história, a religião e, sobretudo, os sofrimentos e as necessidades alheias, com a consciência de que *todos somos verdadeiramente responsáveis de todos*” (nº44).

Com Lévinas diremos que este

percurso de cada jovem na universidade é parte dessa “aventura ontológica” em que se constrói uma subjetividade e uma relação com os outros e a vida, é parte integrante do enraizamento cultural e social de distintas liberdades, que se encontram face a face, professores e estudantes. Esta relação, sentida e vivida como hospitalidade, tem a “força dos laços frágeis” (na expressão de Granovetter) constitui o tônus de um ambiente dialógico e solidário que subjaz a qualquer instituição de educação (mormente de uma universidade católica), desde que eticamente assente no desejo de uma vida em comum e de vida de serviço aos outros, sobretudo os mais frágeis (Baptista, 2005).

A universidade é essa ampla praça cultural da proximidade humana, cheia de trânsito e inquietude, povoada mais do que por lugares de saída e entrada, por ocasiões de *encontro*; de um encontro humano que marca, seja pelo ensino e aprendizagem, seja pela investigação, seja ainda pelo testemunho pessoal e pelo compromisso da universidade com a comunidade envolvente. Na universidade contemporânea, a afirmação desta sua vocação relacional e de encontro pode constituir, a par de outras já mais vincadas ao longo do tempo, um dos seus traços culturais mais profundos, de um humanismo que convoca

12 A propósito da fé do pedagogo ver por exemplo: Universidade Católica de Angers: http://www.meirieu.com/ACTUALITE/colloque_angers_pedagogue.

à autoria (eu sou) e à participação (eis-me aqui) os jovens dispersos e perdidos na vertigem das *fusões* e dos *impasses*. Eles precisam de ser institucionalmente desafiados à reinvenção de si mesmos ou então podemos estar a condenar as universidades a serem as futuras catedrais de consumo *high tech*, na sua versão *fast food*. Em cada um deles é devida a emergência de dinâmicas singulares de personalização e de cidadania.

Os jovens estudantes das universidades católicas, nas suas potencialidades, nas suas “ritualizações de impasse” e num contexto social marcado pela inquietação e incerteza, pelo risco (Beck), pela “modernidade líquida” (Bauman), pelo “vazio” (Lipovetsky), pela “invisibilidade” (Innerarity), pelo “conhecimento” (Carneiro), são não apenas atores, ou, muito pior, futuros atores, são também autores.

Eles são chamados à responsabilidade, a serem boas pessoas sendo bons profissionais (só temos uma única vida!), a serem não os atores sociais de amanhã, mas os de hoje e neste mesmo contexto sociocultural complexo e socialmente tomado como adverso. Atores e autores na sua multidimensionalidade, aspirando à plenitude da sua realização com os outros, nas quatro grandes dimensões: (i) no seu desenvolvimento científico-técnico e profissional, (ii) na sua humanidade, ou seja

na sua capacidade de abertura à transcendência e ao dom gratuito, (iii) no seu compromisso com a realidade social e com os outros, sobretudo os mais necessitados, (iv) no fundamento ético-profissional da sua vida.

A pedagogia desempenha aqui um papel fundamental de mediação, que urge revalorizar no quadro institucional das universidades católicas, sob pena de se funcionalizarem ou proletarizarem completamente as funções dos professores (na senda da empresarialização crescente das IES). Uma mediação que nada tem de mágico, pois outro não será o campo da pedagogia que não seja o da humildade (como enfatiza Soëtard), com forte sentido de abertura e de espírito crítico. Práticas testadas de *mentoring*, por exemplo, surgem como novos passos com profundo impacto no desempenho académico dos estudantes (Fedynich e Bain, 2011). O voluntariado, seja o que esteja inscrito nos planos de estudo seja o que se promove para além dele, constitui já em várias universidades uma escola de humanidade, uma declinação bem concreta dos valores evangélicos.

Tenho sede! Eis-me aqui!

Os professores são assim, pessoas e profissionais que, além de um conjunto de competências científicas e técnicas muito sólidas,

possuem um conjunto de virtudes (a “formação do coração”), num ambiente institucional que as deve fomentar e apoiar (Maamri, 2011).

Bento XVI dizia em Maio passado que os professores desempenham um papel fundamental porque “inspiram os outros com o seu amor evidente por Cristo, o seu testemunho de profunda devoção e o seu compromisso para com aquela *sapientia christiana* que integra fé e vida, paixão intelectual e respeito pelo esplendor da verdade, divina e humana” (2012¹³)

Cada um dos jovens de hoje não pode mais ser uma peça de uma gigantesca máquina, “objeto de uma fantasia imaginária” (idem) em função de um aluno médio que vive escondido no escuro dentro de uma catedral da luz; não será esse o modo de construirmos uma instituição de rosto humano.

Os professores das universidades católicas são chamados a “participarem da missão educativa da Igreja”, concorrendo para a “realização do carisma dos carismas: a caridade.” (CEC). Esta será porventura, para muitos nossos contemporâneos, uma coisa inútil; mas, nas nossas universidades, estas inutilidades são a fonte e a luz!

As universidades católicas constituem preciosos tesouros culturais inscritos nas mais variadas culturas e povos. Neste momento, em que as sociedades e os grupos humanos se sentem culturalmente

¹³ Discurso aos bispos americanos, a 5 de Maio de 2012.

tão cheios de sede, com uma vontade enorme de uma água bem fresca¹⁴, é tempo de nos encontrarmos junto ao poço de Jacob: qual é a tua sede? De que é que andas à procura? Porque afinal, o que nos custa descobrir e aceitar é que é Deus que tem sede de nós!

Os nossos gestos de hospitalidade, inscritos numa rigorosa preparação profissional, seguindo os gestos de Jesus, darão certamente muitos frutos, tão maravilhosos como os que Jesus provocou na mulher de Samaria. Diante desta sede, estamos convocados para um inadiável, irrecusável e profundo: “eis-me aqui!”.

Bento XVI, na sua carta aos cidadãos de Roma, diz que “na raiz da crise da educação, encontra-se, de fato, uma crise de confiança na vida” e mais adiante: “só uma esperança fiável pode ser a alma da educação, como de toda a vida”. Este é um grande desafio nesta hora: uma esperança fiável, conscientes de que “orientar os outros em direção à verdade é, afinal, um ato de amor”¹⁵.

Que os nossos estudantes possam dizer, como diz Sophia de Mello Breyner:

“Apenas sei que caminho
como quem
É olhado, amado e conhecido
E por isso em cada gesto ponho
Solenidade e risco.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético*. Porto. Profedições.
- Barbiani, R. (2007). *Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude (s): a unidade na diversidade*. In *Revista Textos & Contextos*, Porto Alegre, V.6, n1, 138-153.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora.
- Beck, U. (1998). *La Sociedad del Riesgo: havia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós.
- Constituição Apostólica “*Ex corde ecclesiae*” (CAECE) do Sumo Pontífice João Paulo II sobre as Universidades Católicas, Cidade do Vaticano, 1990.
- Congregação para a Educação Católica (CEC), *Educar juntos na escola católica*, Cidade do Vaticano, 2007.
- Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Fundação Manuel Leão: Vila Nova de Gaia, 2001.
- Fedynich, LV. & Bain, S. F. (2011). Mentoring the successful graduate student of tomorrow. In *Research in Higher Education Journal*, vol. 12, agosto, Academic and Business Research Institute, Florida, USA.
- Hazelkorn, E. (2008) Rankings and the Battle for World Class Excellence: Institutional Strategies and Policy Choices in *Outcomes of higher education: Quality relevance and impact*, OCDE, Paris, pp 2-21.
- Innerarity, D. (2009) *A sociedade invisível*. Lisboa. Teorema.
- Lévinas, E. (1988). *Ética e Infinito*. Lisboa. Ed. 70.
- Lipovetsky, G. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D’Água, 1989.
- Nóvoa, A. (1999). *Profissão Professor*. Porto. Porto Editora.
- Maamri, M. Rebai (2011). Knowledge is Not Always a Virtue. In *The International Journal of Learning*, vol. 17, number 10, Common Ground, ISSN 1447-9494, pp 299-307.
- Santos, S. Carvalho (2001). O Processo de Ensino-Aprendizagem e a Relação Professor-Aluno: Aplicação dos “Sete Princípios para a Boa Prática na Educação de Ensino Superior”. In *Cadernos de Pesquisas em Administração*, São Paulo, V. 8, nº 1, janeiro/ março de 2001.

14 Essa sede existe mesmo que não sintamos as pessoas a pedir água; como alguém já disse, uma coisa é o que o mundo precisa, outra é o que o mundo diz que quer.

15 Discurso do Papa Bento XVI aos Bispos dos Estados Unidos da América por ocasião da visita “*Ad Limina Apostolorum*”, sábado, 5 de maio de 2012.

BOAS PRÁTICAS EM UNIVERSIDADES CATÓLICAS

Senhor Presidente da FIUC, Reitores e distintos Professores,

Antes de tudo, gostaria expressar meus sentimentos de gratidão à Federação Internacional das Universidades Católicas, particularmente aos organizadores, por me terem confiado a apresentação da síntese prospectiva dos trabalhos da 24ª Assembleia Geral. Foi um gesto de confiança que me foi manifestado e, para mim, uma grande honra. Fico-lhes muito agradecido. Gostaria de ressaltar que aceitei a tarefa, mas confesso, que não me foi muito fácil apresentar em síntese o que foi tão bem desenvolvido por excelentes professores e especialistas.

O que apresento não é propriamente um relatório. Vou tentar sublinhar alguns pontos que foram destaques nas principais discussões e plenárias e, certamente, devem fazer parte de uma universidade católica. Seguindo a mesma linha dos palestrantes, não tenho nenhuma preocupação em apresentar propostas exaustivas. O tema escolhido para esta Assembleia é muito complexo e foi abordado sob vários aspectos. Em todas apresentações sempre se apontou para essa complexidade e sobre a importância da abertura que se deve ter para a possibilidade das várias leituras que

podem surgir de outros contextos e pontos de vista. Desta forma, vou repassar, em grandes linhas, os principais elementos que podem ajudar a elaboração de uma compreensão mais clara das questões sobre o ensino e a aprendizagem nas universidades católicas do Século XXI.

Aplicando o método da convergência dos paralelos, apresento alguns pontos comuns mencionados nas exposições e por outro lado, os desafios que temos que enfrentar para que as universidades católicas cumpram as tarefas específicas e sejam reconhecidas por todas as demais.

Entre os elementos da arte de ensinar e de aprender na universidade católica no Século XXI, praticamente todos os oradores, de forma muito feliz, abordaram o contexto histórico em que ela se encontra. As particularidades de nossa época foram caracterizadas pela tecnologia muito avançada, pela rapidez excessiva, a vontade do sucesso acompanhada por uma concorrência extenuante e com os novos instrumentos da comunicação: multimídia, internet, twitter, facebook. Estamos numa fase em que a informação desponta em todas as partes, seja verdadeira, falsa ou mesmo manipulada. Não

vem de uma única fonte, mas se distribui permanentemente para outras, graças às novas técnicas de comunicação e da informação. O mundo está, portanto, mais do que nunca, todo conectado. As redes sociais criaram uma nova cultura em que as verdadeiras relações sociais de fato diminuíram quando se fala de uma sociedade envenenada vivendo uma espécie de contradição entre o que ela quer e aquilo que realmente precisa; onde vários cultos ameaçam a dignidade do homem. É o tempo da mutação antropológica. É preciso fazer escolhas claras e participar com determinação do caminho que colabora com a humanidade.

É muito importante considerar esse contexto no qual vamos cumprir a nossa missão. Como revelaram os resultados preliminares da pesquisa feita pela FIUC, essa contextualização é muito importante porque há efetivamente diversidade no núcleo das universidades católicas. O contexto mais dominante, mais comum, é o da mutação global.

O segundo ponto é que, nesse contexto, a relação entre estudante e professor está completamente mudada. Os novos estudantes têm acesso às mesmas informações que

FIUC



Prof. Fr. Jean-Bosco Matand,
Université Catholique
du Congo - África

*Síntese prospectiva
sobre o trabalho da
Assembleia Geral*

o professor. No entanto, manifestam uma tendência para a incapacidade de se concentrar. Sabem de tudo e até parecem saber mais que o professor. Mas, trata-se de um conhecimento em bloco. Sentem-se muitas vezes desorientados e incapazes de discernir. Ao fazer uma triagem, não sabem como começar a separar, como distinguir com propriedade. Quando se trata de escolher, não têm base porque estão com pensamento voltado para o futuro, esquecendo-se facilmente do passado.

Diante dessa plateia, a fala do professor é muitas vezes vazia. O professor não só está ultrapassado, mas descobre que não é mais o Mestre do Saber. Desta forma, passa por sentimentos de frustração, de insatisfação, de indignação. Mostra-se incapaz de levar em conta essa nova cultura e de se adaptar a ela.

Enfim, o triângulo tradicional da aprendizagem – professor, aluno e saber – muitas vezes é desfeito tornando-se fatal para os que ocupam um dos ângulos em relação às vantagens que levam os outros. Em razão da nova técnica da comunicação, a relação estudante e saber pode levar a morte ao professor, ou então, na relação professor e saber, ser levada ao estudante, abandonado na sua letargia, sem autonomia de formação.

A relação formador estudante está marcada pela distância, pela desconfiança, questões fundamentais às quais tentamos responder

todos os anos.

Sobre esses questionamentos, notei que os conferencistas, primeiramente, quiseram ter uma ideia clara do que é uma Universidade Católica, o que é específico a essa universidade. Em primeiro lugar, tem que ser uma Universidade quanto ao cumprimento das missões de todas as universidades, a saber, ensino superior de excelência, pesquisa científica de alto nível e serviço de qualidade para comunidade. Mas, o que faz a diferença com relação às outras universidades não é só a ligação com a vontade dos seus fundadores, mas que a considerem como um instrumento de anúncio do Evangelho e a formação de valores cristãos de uma cultura inserida nas culturas humanas integrais. Ressaltamos que o espírito de liberdade que deve caracterizar a universidade católica no cumprimento da sua missão, deve ser, ao mesmo tempo, acompanhado do amor pela verdade e pela caridade, em vista de uma antropologia cristã autêntica, que tem Cristo como centro da sua existência.

Como toda universidade, prepara jovens para





fazer deles profissionais dos quais a sociedade precisa, mas, como católica, precisa formá-los bons profissionais com valores éticos e evangélicos a serviço da verdade.

É sob essa perspectiva que foram dadas respostas às perguntas formuladas como desafios dentro da especificidade de universidades católicas no Século XXI.

Apreciei, também, a preocupação que tiveram de evitar condenar o mundo atual e, principalmente, demonizar a geração “Y” dos “*digital natives*”, os nativos digitais, que frequentam as nossas universidades. Eles vêm desejosos de ter várias informações ao mesmo tempo, sem fronteiras e limites. No entanto, seu conhecimento é superficial e fragmentado.

Achei interessante que nos tenham motivado a fazer das nossas universidades, locais de abertura para acolher e proteger tudo que for positivo para a humanidade; espaços de distanciamento crítico para tudo o que se torna arcaico.

A exigência de se dar uma formação completa e integral deve ser agilizada de forma equilibrada pelas universidades católicas

chamadas a se tornarem locais de personalização e de encontro daqueles que a frequentam; locais de promoção e de autonomia para participação. Neste quadro, não se tornam futuras catedrais de consumo de *hi-tech*, mas fomos alertados a que, nesta era da cyber cultura, a internet deve estar no centro do programa pedagógico para colocar o estudante no contexto atual.

Com esse convite, a questão dos currículos tomou um caráter importante, na perspectiva de uma formação humanista integral, não arrogante. Há efetivamente necessidade de que as nossas universidades católicas tenham currículos de modelo integral, que considerem as quatro dimensões: *utilitas, iustitia, humanitas* e *fides*. Currículos como esses são os que poderão efetivamente tornar as universidades católicas um instrumento de que a Igreja precisa para a nova evangelização do mundo.

Finalmente, gostaria de ressaltar que é um desafio levar os princípios inspiradores da instituição à relação ensino-aprendizagem de modo que, não só estejam claros os três pontos de relacionamento – professor, aluno e saber – mas também que a universidade é um centro de interação entre esses três polos. Sua missão não é apenas implantar e executar um projeto educativo, mas de fazê-lo com uma pedagogia universitária iluminada pela fé, pela esperança e pela caridade. ▢



Dr. César Tácito Lopes Costa

☆ 1926 † 2012

No dia 29 de maio de 2012, falecia em São Paulo, aos 86 anos, um dos mais respeitáveis integrantes do Conselho de Curadores da Fundação Educacional Inaciana Padre Roberto Saboia, o Dr. César Tácito Lopes Costa.

Advogado e jornalista iniciou sua carreira no jornal “O Estado de São Paulo”, em 1952, como repórter de assuntos gerais passando, logo em seguida, para a seção de Economia. Em 1964, assumiu a Diretoria Administrativa. Ainda nessa função, em 1971, por sua reconhecida competência, formação cultural e personalidade, passou a ser elo entre a Diretoria e a Redação, com trânsito livre entre os demais setores e conselhos do jornal.

Destacou-se em várias oportunidades pela produção de matéria e reportagens que abordavam assuntos na época controversos como Reforma Agrária, Ligas Camponesas.

Dr. César teve os estudos e formação marcados pela pedagogia dos jesuítas dos quais foi aluno como adolescente e depois, nos cursos de Filosofia e Teologia, como aplicado seminarista. Porém, ser sacerdote jesuíta não era a sua vocação. Com o gabarito religioso e cultural adquirido durante tantos anos, optou por

exercer a vocação de leigo atuante na família e na vida profissional.

Casado, pai de dois filhos e avô de vários netos devotou apreço especial pelos valores da vida conjugal, religiosa e familiar, reconhecido pelas manifestações de carinho e afeto com que o cercavam.

Suas convicções religiosas cultivadas na Companhia de Jesus e alimentadas pela espiritualidade do “Opus Dei” refletiam-se também na conduta profissional. A autenticidade de posturas explícitas discretamente impunham respeito pela sinceridade e convicção.

O relacionamento mais direto com a FEI deve-se à amizade com o Padre Aldemar Moreira como um dos membros da Diretoria da então Faculdade das Ciências Aplicadas.

Convidado pelo Padre Theodoro Peters, quando assumiu a Presidência da Fundação, para membro do Conselho Curador, desempenhou a tarefa com bom humor e competência.

Dr. César deixa para todos que o conheceram e com ele conviveram a imagem de um homem que chegou à plenitude de seus dias com a sabedoria da experiência, a lucidez da inteligência e a alegria de um homem de fé. □



Prof. Luiz Carlos Martinez

☆ 1948 † 2012

O Prof. Martinez nasceu em 06 de setembro de 1948 e faleceu em 05 de julho de 2012 com 63 anos de idade.

Formou-se em Engenharia Metalúrgica, pela FEI, em 1977, e fez o mestrado na USP.

Começou suas atividades docentes na FEI, como professor aulista, em novembro de 1979.

Em setembro de 1981, assumiu a Vice Chefia do Departamento de Engenharia Metalúrgica (hoje o Departamento de Engenharia de Materiais) e, em agosto de 1985, tornou-se chefe do Departamento, cargo que ocupou até julho de 1991.

Nesse ano, deixou a Chefia para assumir a Vice Diretoria de Relações Departamentais, ficando no cargo até julho de 1993.

Além da direção e das aulas, foi coordenador dos Exames Vestibulares da FEI no período de julho de 1990 a julho de 1993.

Com a implantação do Centro Universitário, em janeiro de 2002, voltou a assumir a Chefia do Departamento da Engenharia Metalúrgica, ficando no cargo até janeiro de 2007, quando foi escolhido para

a Diretoria do IPEI, continuando, porém com as aulas no seu antigo Departamento.

Em junho de 2004 foi nomeado Representante do Corpo Docente na Comissão Própria de Avaliação – CPA, onde permaneceu até abril de 2011.

O Prof. Martinez sempre foi muito educado, gentil e carinhoso com as pessoas com as quais se relacionava nas aulas e na convivência com os colegas, na Sala dos Professores.

Inteligente e prestativo, bom administrador, estava sempre disposto a ajudar, com uma paciência fora do comum para ouvir. Gostava de um bate-papo, mas, em particular!

Extremamente dedicado à FEI, destacava-se pelo cuidado, precisão e perfeição com que desempenhava o seu trabalho docente.

Os problemas de saúde que começaram a se manifestar neste ano, não o impediam de cumprir suas obrigações. Esteve na FEI, com a mesma disposição, até a véspera do dia de seu falecimento.

Prof. Martinez deixa para todos a marca do profissional competente e responsável educador. □

Campus SBC
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
09850-901 – B. Assunção – São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus São Paulo
Rua Tamandaré, 688
01525-000 – Liberdade – São Paulo – SP
(Próximo ao metrô São Joaquim)
Tel./Fax: (11) 3274.5200

www.fei.edu.br / redacao@fei.edu.br